

EMERSON CARVALHO DE SOUZA

ASPECTOS DE UMA GRAMÁTICA SHAWÃ (PANO)

ASPECTS OF A SHAWA GRAMMAR (PANO)

CAMPINAS
2012



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

EMERSON CARVALHO DE SOUZA

ASPECTOS DE UMA GRAMÁTICA SHAWÃ (PANO)

Orientador/Supervisor: Prof.Dr. Angel H. Corbera Mori

ASPECTS OF A SHAWA GRAMMAR (PANO)

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE ESTUDOS DA
LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA.**

**DOCTORAL DISSERTATION PRESENTED AT THE INSTITUTE OF
LANGUAGE STUDIES, STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS, AS A PARTIAL
REQUIREMENT FOR OBTAINING THE TITLE OF DOCTOR OF LINGUISTICS.**

CAMPINAS, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

So89a

Souza, Emerson Carvalho de, 1973-
Aspectos de uma gramática Shawã (Pano) / Emerson
Carvalho de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguística. 2. Língua pano. 3. Gramática. I. Corbera
Mori, Angel H., 1950- II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Grammar aspects of the Shawã language (Pano).

Palavras-chave em inglês:

Linguistics

Pano language

Grammar

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Maria Bernadete Marques Abaurre

Maria Filomena Spatti Sândalo

Maria Suelí Aguiar

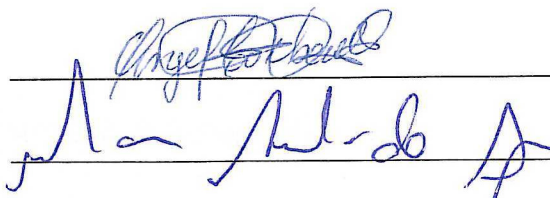
Gláucia Vieira Cândido

Data da defesa: 05-06-2012.

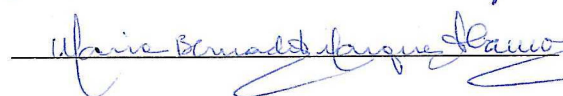
Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori



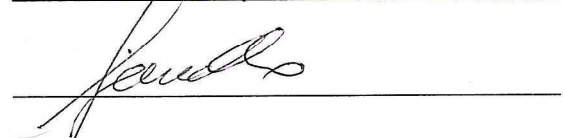
Maria Sueli Aguiar



Maria Bernadete Marques Abaurre.



Gláucia Vieira Cândido.



Maria Filomena Spatti Sândalo.

Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio.



Beatriz Protti Christino.



Terezinha de Jesus Machado Maher.



IEL/UNICAMP
2012

Resumo

O nosso *estudo* tem por objetivo apresentar aspectos da gramática da língua Shawã (Pano), no âmbito da fonologia, morfologia e sintaxe. Para tanto, o trabalho está dividido da seguinte forma: I. Introdução, onde descrevemos um breve histórico do povo Shawãdawa, da classificação de sua língua dentro da literatura e, ainda, a metodologia aplicada na pesquisa lingüística. II. Aspectos da fonologia, em que são apresentados o quadro fonético/fonológico da língua e dois temas específicos: o acento e a nasalização; III. Morfologia, em que são descritas as classes de palavras, bem como sua estrutura morfológica; IV. Sintaxe, em que se descrevem as estruturas de sentenças e alguns aspectos sintáticos. Por último, complementam o texto básico uma breve conclusão e as Referências Bibliográficas; além disso, há a apresentação de alguns anexos que contêm, respectivamente, um léxico da língua, mapas de localização geográfica do povo Shawã.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Gramática. Shawã (Pano).

Abstract:

This thesis aims at presenting grammar aspects of the Shawã language (Pano family, Acre/Brazil) focusing on phonology, morphology and syntax. The work is structured as follows: The first chapter introduces the history of the Shawãdawa people, the classification of their language so far given in literature and the here applied research methodology. The second chapter then contains the study of Shawã phonology, tables present both the phonetic and phonological segmental systems. An account of accent structures and nasalization processes may also be found in this part. Main issues on morphology, especially on word classes and word formation processes are discussed in the third chapter. The fourth chapter delivers a description of aspects of syntax structures of the Shawã language. In the final remarks I give a brief summary of the Shawã language description. Additionally a comparative lexical collection and maps on the exact geographical location of the Shawãdawa ethnic group are attached.

KEY WORDS: *Family Pano; Language Shawã; Indigenous Languages; Language Description*

Dedico a todo o povo Shawādawa e Jaminawa-Arara

AGRADECIMENTOS

A todos os Shawãdawa e Jaminawa-Arara, especialmente Kushí, Pirandawa, Nazareth e Alzira; pessoas que tornaram este trabalho possível. Ao Prof. Doutor Orientador Angel H. Corbera Mori pela dedicação, paciência e amizade no desenvolvimento da pesquisa. A professora Doutora Filomena Sândalo também pela amizade e orientação no trabalho de qualificação de área. Aos professores Doutor Leo Wetzels e Doutora Bernadete Abaurre, membros da banca de qualificação de área em Fonologia. Professora Doutora Silvia Braggio pelas valiosas sugestões na qualificação da tese. Às professoras Doutora Maria Suelí Aguiar e Doutora Gláucia V. Cândido integrantes da banca de defesa da tese. Às professoras Doutora Beatriz Protti e a professora Doutora Tereza Maher, participantes da banca suplente de defesa. Às professoras Doutora Mônica Zoppi e Doutora Lucía Golluscio que proporcionaram experiência de intercâmbios com outras instituições de ensino. Aos amigos da secretaria de pós graduação do IEL, Rose e Cláudio que não me deixaram perder na burocracia da universidade. Ao CNPq pela bolsa de pesquisa a mim concedida. Ao museu do índio e a equipe do PRODOCLIN, especialmente as professoras Doutora Bruna Franchetto e professora Doutora Mara Santos que incentivaram a documentação e descrição da língua da cultura Shawã. Aos colegas professor João Paulo Carneiro, parceiro no projeto de documentação; e Rodrigo Mesquita, quem resolveu os problemas no que concerne formatação do texto. Ao CIMI de Rio Branco, na pessoa de Lindomar Padilha, pela acolhida no estado do Acre. Ao apoio de minha família, em especial minha mãe, defensora da causa indígena. Aos amigos que participaram de longe ou perto desta pesquisa, Tom Jacobs, Erik Bosmans, Antoine Mazieres, Gabriele Correa, Eva Rossler, Kátia Nepomuceno, Geovana Tavares, Nasser Daher, Gláucia Conceição, Augusto César, Mônica Cruvinel, Moa, Flávia Castro. Por fim, ao professor Lincon Almir (in memória) pelo seu irrestrito apoio ao projeto.

Os ensinamentos são importantes por si mesmos e intérpretes ou comentadores apenas os distorcem, sendo aconselhável ir diretamente à fonte, os próprios ensinamentos, e não valer-se de nenhuma autoridade.
(Krishnamurti)

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
DEDICATÓRIA.....	xi
AGRADECIMENTOS	xiii
EPÍGRAFE	xv
SUMÁRIO.....	xvii
ABREVIATURAS	xxi
INTRODUÇÃO.....	1
1. METODOLOGIA	3
1.1. Trabalho de campo	3
2. INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS.....	5
2.1. O povo Shawã e a língua Shawã	7
3. A FAMÍLIA LÍNGUÍSTICA PANO	9
4. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS	15
4.1. Segmentos Consonantais	15
4.2. Segmentos vocálicos	19
4.3. Distribuição complementar	20
4.4. Variação livre	21
4.5. As aproximantes	21
4.6. A estrutura silábica	23
4.6.1. Os tipos silábicos da língua Shawã.....	24
4.7. O acento na língua Shawã	25
4.8. Nasalidade	28
4.9. O Comprtamento de segmentos nasais e nasalizados.....	34
4.9.1. Os segmentos consonantais	34
4.9.1.1. Segmentos consonantais em ataque silábico.....	35
4.9.1.2. Segmentos consonantais em coda	36
4.9.1.3. Os segmentos vocálicos	37
5. ASPECTOS MORFOLÓGICOS	43
5.1. Princípios teóricos	43

5.2.	A palavra.....	44
5.3.	Constituição da palavra	44
5.4.	A palavra na língua Shawã	45
5.5.	O processo de formação de palavras	46
5.5.1.	Derivação	46
5.5.2.	Formação por base de composição	49
5.5.3.	O determinante e o determinado.....	51
5.6.	Categorias de composição linguística.....	52
5.6.1.	O nome.....	52
5.6.2.	O gênero.....	53
5.6.3.	O número	54
5.6.4.	O grau	55
5.6.5.	O caso	56
5.6.5.1.	O ergativo e o absolutivo	57
5.6.6.	O locativo.....	58
5.6.7.	O instrumental.....	59
5.6.8.	O comitativo	60
5.6.9.	O genitivo-possessivo	61
5.6.9.1.	A definitude.....	62
5.6.9.2.	O adjetivo	63
5.6.9.3.	O verbo	65
5.6.9.3.1.	O modo	69
5.6.9.3.2.	O declarativo.....	69
5.6.9.3.3.	O imperativo	70
5.6.9.3.4.	O interrogativo.....	71
5.6.9.3.5.	O condicional.....	72
5.6.9.3.6.	O tempo-aspecto	72
5.6.9.3.6.1.	O passado.....	73
5.6.9.3.6.2.	O presente	75
5.6.9.3.6.3.	O futuro	77
5.6.9.3.6.4.	O aspecto	78
5.6.9.3.6.5.	O desiderativo.....	80
5.6.9.3.6.6.	A negação verbal	81

5.6.9.3.6.7. O causativo	82
5.6.9.4. O advérbio	85
5.6.9.5. O pronome	88
6. ASPECTOS SINTÁTICOS	91
6.1. Princípios teóricos	91
6.2. As construções interrogativas	93
6.2.1. As interrogativas polares	94
6.2.2. As interrogativas não polares	94
6.3. As construções coordenadas	95
6.3.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]	96
6.4. As construções subordinadas	99
6.4.1. As construções complemento	100
6.4.1.1. As construções complemento com verbos de “manipulação”	102
6.4.2. As construções relativas	103
6.4.3. As construções adverbiais	107
6.4.4. As construções condicionais	108
6.4.5. As construções temporais	110
6.4.6. As construções simultâneas	111
6.5. A ordem dos constituintes	112
6.6. O sistema de relações de marcação de caso	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	137
ANEXO 1 - FOTOGRAFIAS	137
ANEXO 2 – LISTA DE PALAVRAS	143
ANEXO 3 – MAPAS	151

ABREVIATURAS

1ps	1ª pessoa singular
1pp	1ª pessoa plural
2ps	2ª pessoa singular
2pp	2ª pessoa plural
3ps	3ª pessoa singular
3pp	3ª pessoa plural
A	Agente
ABS	Absolutivo
ACUS	Acusativo
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
AFI	Alfabeto Fonético Internacional
ANIM	Animacidade
ARG1	Argumento 1
ARG2	Argumento 2
ASP	Aspecto
ATR	Atributivo
BENEF	Benefatcivo
BENEFIC	Beneficiário
C	Consoante
CAUS	Causativo
Co	Coda
COM	Comitativo
COMPL	Completo
CONCR	Concreto
CONS	Consonatal
DAT	Dativo
DDO	Determinado

DECL	Declarativo
DEF	Definido
DES	Desiderativo
DET	Determinante
DIM	Diminutivo
ENTID	Entidade
ERG	Ergativo
FRUST	Frustrativo
FUT	Futuro
GELCO	Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GEN	Genitivo
HAB	Habitual
HUM	Humano
IMPER	Imperativo
INCOMPL	Incompleto
INSTR	Instrumental
INTENS	Intensificador
INTERR	Interrogativo
LOC	Locativo
MA	Momento de Acontecimento
ME	Momento de Enunciação
MOD	Modo
Nu	Núcleo (Sintaxe)
N	Nome
NEG	Negativo
NOM	Nominativo, Nominalizador
N.PAS	Não Passado
NUM	Número
O	Onset (sílabas); Objeto (Sintaxe)
O1, O2, O3...	Oração 1, 2, 3...

Od	Objeto direto
Oi	Objeto indireto
Orestr	Oração restritiva
PAS	Passado
PL	Plural
POSS	Possessivo
PRES	Presente
PRO	Pronome
R	Rima
RECPR	Reciprocidade
REFLX	Reflexivo
REL	Relativo
S	Sujeito
SD	Sujeitos Diferentes
SI	Sujeitos Idênticos
SN	Sintagma Nominal
SON	Sonoro
SP	Palato Mole (<i>Soft Palate</i>)
SR	<i>Switch-Reference</i> (Sistema de Referência Alternada)
SV	Sintagma Verbal
TEMP	Tempo; Temporal
TRPOS	Transpositor
V	Vogal (Fonologia); Verbo (Morfologia/Sintaxe)
VT	Verbo Transitivo

INTRODUÇÃO

Segundo Erikson (1998), a família Pano possui uma grande homogeneidade territorial, linguística e cultural distribuída em três países: Bolívia, Brasil e Peru. De acordo com, Shell (1975), essa família conta com cerca de três dezenas de idiomas falados por mais ou menos 30 mil pessoas. Estas, de acordo com Amarante Ribeiro (2004), habitam uma área que tem a forma aproximada de um quadrilátero limitado pelos paralelos 3°. S e 14°. S e pelos meridianos 72°. W e 64°. W na região amazônica.

No Brasil, em meados do século XIX, aparecem os primeiros estudos referentes às línguas Pano. O mais citado é o estudo do historiador João Capistrano de Abreu (1914) sobre os Kaxinawá e que, segundo Rodrigues (1986, p. 77) é “[...] um dos melhores trabalhos já feito por um pesquisador brasileiro sobre línguas indígenas”. Nos últimos anos, porém, houve um crescente interesse pelos estudos das línguas Pano brasileiras, que resultou em trabalhos, como, por exemplo o Matsés (Carvalho, 1992); o Marubo (Costa, 1992); o Poyanáwa (Paula, 1992); o Katukina (Barros, 1987; Aguiar, 1988, 1994); o Kaxinawá (Camargo, 1991); o Yawanawá (Paula, 2004) e o Shanenawá (Cândido, 1998, 2004).

A língua Shawã é um membro da família Pano e possui poucos falantes vivendo nas comunidades dos rios Bagé, Humaitá, Nilo e Valparaíso. Todos os rios afluentes do Juruá no Estado do Acre. Como ocorre em outras sociedades indígenas, seus membros mais jovens migram para os centros urbanos, principalmente para a cidade de Marechal Thaumaturgo, no caso das comunidades do rio Bagé ou para cidade de Porto Walter no caso dos índios pertencentes às aldeias Raimundo do Vale, Foz do Nilo e Boa Vista; para trabalhar, estudar ou se divertirem, mantendo, assim, contato permanente com a sociedade não-índia.

Assim sendo, graves consequências para a sobrevivência da língua são ocasionadas por esse contato com povos não-índios, sendo o mais pernicioso deles, o uso avançado da língua portuguesa entre os membros dessa etnia, em detrimento do uso da língua nativa nas relações interpessoais.

Esse tipo de fenômeno coloca a língua Shawã no chamado grupo “endangered languages” (Krauss, 1992; Grinevald, 1998), já que a frequência com que se usa o português é maior que a da língua indígena, em ambas as comunidades. Sem dúvida, em um futuro muito próximo, uma perda irreparável poderá acontecer não apenas para essa nação indígena, como também para a brasileira, que verá desaparecer um dos elementos de sua nacionalidade plurilíngue e pluricultural.

Wurm (1998, p. 192) propôs uma tipologia da ameaça que inclui cinco níveis:

- 1 – Línguas potencialmente em perigo: são aquelas que estão em desvantagem econômica e social, sob forte pressão de uma língua dominante e que estão começando a perder crianças falantes;
- 2 – Línguas em perigo: há poucas crianças ou nenhuma aprendendo a língua e os falantes mais fluentes são jovens adultos;
- 3 – Línguas seriamente em perigo: os mais novos falantes têm idade igual ou superior a 50 anos.
- 4 – Línguas moribundas: há mais ou menos cinco falantes, sendo a maioria muito idosa;
- 5 – Línguas extintas: não possuem falantes.

Baseando-se nesses critérios, pode-se afirmar que o Shawã é uma língua seriamente ameaçada ou moribunda porque há poucos falantes nativos (todos com idade superior a 50 anos). O português brasileiro tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade.

Diante do contexto exposto, fomos motivados a descrever e documentar os aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Shawã, já que como afirmamos anteriormente, acreditamos que essa língua encontra-se em processo possivelmente acelerado de extinção; e o nosso procedimento vem reforçar o sentido das palavras de Krauss (1992, p. 8): “Obviously, for scientific purpose, it is most urgent to document languages before they disappear. The urgency increases with the proximity to extinction”.

1. METODOLOGIA

A nossa pesquisa insere-se no campo dos estudos das línguas indígenas brasileiras e o nosso objetivo é registrar e documentar a língua falada na comunidade Shawãdawa. Assim, apresentamos a metodologia que seguimos no trabalho de campo e a escolha do modelo teórico para análise e interpretação dos dados. A língua estudada é o Shawã, falada na região do Alto Juruá, Estado do Acre.

1.1. Trabalho de campo

As pesquisas em línguas pouco conhecidas ou ainda não registradas envolvem coleta, transcrição, tradução de dados, análise e interpretação dos dados coletados. Nesses tipos de pesquisas há autores que consideram a documentação e a descrição como atividades independentes. Himmelmann (1998), por exemplo, afirma que a documentação de uma língua é um campo independente dentro da investigação linguística e cujos resultados podem atingir diversos campos como as ciências sociais, a análise do discurso, a história oral, bem como os membros da comunidade de falantes da língua em estudo. Em suma, o escopo dos resultados seria mais amplo neste último caso; por outro lado, a descrição linguística em si é interpretada como tendo um objetivo mais restrito, sendo útil apenas para interesses gramaticais por si próprios e para a linguística comparativa.

Como esse não é um ponto universal, estando sujeito a muita discussão, assumiremos o caminho que entendemos ser de valor para a coleta de dados. Assim, admitiremos neste projeto que a documentação e descrição de uma língua não se dão de forma independente, pois percebemos entre os dois processos uma interação que não lhes permite estar separados, já que ambos se cruzam no chamado tema de pesquisa consagrada como "descrição da língua".

O trabalho de campo envolve métodos de coleta sistemática de dados linguísticos, através de observações em contexto natural de fala bem como através de trabalhos com auxiliares de pesquisa para aplicação de questionários que orientaram a coleta de dados sobre a fonética, a fonologia, a morfologia e a sintaxe da língua estudada. A

meta mais importante do trabalho de campo foi a coleta de dados linguísticos no contexto da aldeia, onde se pode observar a língua em uso junto aos falantes da língua indígena Shawã. Esta postura traduz o que propõe Kibrik, (1977), que diz que a tarefa central da pesquisa é coleta no contexto natural.

Com base neste projeto, que se propõe estudar aspectos da gramática da língua Shawã, planejamos ampliar a base de dados que já possuímos. Para tanto, foram realizadas oito viagens para a coleta de dados junto aos falantes das aldeias Raimundo Vale, Foz do Nilo e Boa Vista, em Porto Walter, e ainda Buritizal e Siqueira em Marechal Thaumaturgo, Estado do Acre. Vale ressaltar que buscamos, no trabalho específico de campo, a colaboração dos auxiliares de pesquisa nativos que falam português, ou seja, que sejam bilíngues. Assim sendo, cabe aqui mencionar que em nossa análise utilizamos os dados do Shawã falado na comunidade de Humaitá e que doravante chamaremos de Shawã . Assim, os dados da língua Shawã 1, foram fornecidos pelos seguintes falantes nativos: N. S. (88 anos), A.S (95 anos), A. S. (78 anos), M.N (65 anos), M.C (70), N.N (89 anos)¹.

O material coletado envolve registros de expressões orais como narrativas, mitos, conversas espontâneas, e também material resultante de elicitación de dados que revelem processos fonológicos e morfossintáticos. Para a elicitación, aplicamos os questionários apresentados nos formulários-padrão disponíveis no Museu Nacional do Rio de Janeiro e os formulários de Rowe (1954). Os pontos temáticos da língua estudada foram extraído com base nas recomendações presentes nas obras de Kibrik(1977), Payne (1997) e Loos (1967). Por fim, elaboramos questionários junto aos auxiliares e organizamos oficinas ainda no campo, de acordo com as circunstâncias peculiares da língua.

Os dados linguísticos foram gravados e transcritos foneticamente com símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI). Utilizamos nestas gravações fita cassete de 60 minutos e gravador digital Sony icd-ux 71 para recolher e armazenar os dados. Vale registrar ainda que este estudo subsidia o projeto de documentação linguística do museu do índio e por isso as gravações originais estão guardadas no PRODOCLIN (Projeto de Documentação Linguística).

¹ Os nomes dos auxiliares de pesquisa da língua indígena serão apresentados somente com as iniciais com o objetivo de preservar o anonimato dos auxiliares.

2. INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

O povo Shawãdawa está localizado na região do Alto Juruá, às margens dos rios Humaitá, Nilo, Valparaíso, município de Porto Walter, e ainda no rio Bagé no município de Marechal Thaumaturgo, Estado do Acre. Consta na literatura que a primeira notícia que se tem sobre a localização dos Shawãdawa data do início do Século XX, nas proximidades do Rio Tejo.

Contudo, os Shawãdawa realizaram uma série de migrações ao longo da região que foram registradas por viajantes, geógrafos, entre outros. Sabe-se destes registros que os índios ora fugiam de tentativas de escravização, ora de conflitos com seringueiros, os quais exploravam seus serviços. Durante muito tempo, os Shawãdawa trabalharam nos seringais em condições subumanas. Essa violência fez com que muitas mulheres e homens se deslocassem para cidades como Rio Branco, capital do Estado, em busca de empregos.

O total da população é de 880, conforme o censo realizado em nossos trabalhos em área indígena. Deste total, 250 pessoas vivem na aldeia Raimundo do Vale, 100 pessoas vivem na aldeia da Paz, ambas as aldeias nas margens do rio Humaitá. Já a aldeia Matrinchan, no rio Nilo, vivem 200 pessoas, ainda no rio Valparaíso encontram-se 110 pessoas na aldeia que tem o mesmo nome do rio e, por fim, no rio Bagé 220 pessoas encontra-se distribuídas nas aldeias Siqueira, Buritizal e São Sebastião.

As informações do censo foram coletadas tomando como referência os habitantes de cada residência. Atualmente, as aldeias contam com casas espalhadas pela região e não há um estilo único de construção, contudo parece que está sendo introduzido um padrão novo nas casas, como a divisão interna dos ambientes em quarto e cozinha, por exemplo, mas utilizam ainda tronco de paxiúba e as cobrem com palha de buriti. Já o material utilizado para construção do telhado das escolas é zinco e as paredes são de tábuas.

Cabe aqui mencionar que o povo Shawãdawa guarda traços culturais do passado e assemelha-se a outros povos da região do Acre. Uma prova disso, são as muitas comunidades indígenas da região apresentarem uma forma de organização semelhante entre si. Na organização política, o cacique é a maior autoridade e cabe a ele equacionar conflitos internos. Para resolver assuntos junto à sociedade não índia, como reuniões em que se

discutem temas referentes à educação, saúde, por exemplo, a tarefa é distribuída entre os habitantes (adultos) das aldeias.

Esse povo sobrevive basicamente da economia de subsistência e atualmente contam com o apoio de uma cooperativa e desenvolvem projetos de sustentabilidade, como é o caso da coleta de castanha e a produção de artesanatos. As principais atividades são a caça, a pesca, a coleta e o plantio de mandioca para produção de farinha. No que concerne à coleta, os índios retiram a madeira e a palha para a construção de suas residências, frutos comestíveis como o açaí, a pupunha, o buriú, a bacaba e outros. A carne de caça é o alimento diário dos índios; contudo no período das chuvas, a principal atividade é a pesca. Ademais, há também algumas criações de galinha para abate e quanto ao cultivo, eles se dedicam ao plantio de algumas frutas como banana, mamão e lima.

A respeito da religião, há um movimento intenso para a revitalização da pajelança, resgate de músicas e danças e ainda é comum em todas as aldeias o consumo de cipó em seus rituais. A propósito das expressões culturais típicas, o grande destaque é o Marirí, uma festa que envolve música e dança. Durante o preparo da festa, as mulheres cozinham iguarias como mingau de banana, caíúma (bebida feita de mandioca), carne assada; já os homens cuidam da limpeza do local e organizam as brincadeiras. Todos se pintam com jenipapo e urucum.

Vale a pena mencionar que entre eles existem muitos caboclos que moram em área indígena devido aos casamentos interétnicos; o contato com a sociedade não-índia é frequente, por isso muitos hábitos novos têm entrado na comunidade, sufocando outros costumes tradicionais, em especial no que diz respeito à alimentação e ao uso de aparelhos como televisão e telefone celular.

No que concerne à língua, todos os integrantes da comunidade falam português, contudo constatamos uma preocupação de toda sociedade indígena em revitalizar a língua de seus ancestrais, guardada apenas por 12 pessoas. Embora exista um pequeno constrangimento por parte dos mais novos em querer falar o Shawã², todos percebem a importância de se ter a língua de seu povo viva. Por isso, reivindicam urgentemente o

² O nome da língua que ora descrevemos se alterna entre Shawã ou Shawãdawa, portanto encontrar-se-á ambas palavras para tratar o idioma indígena.

ensino bilíngue e apóiam irrestritamente os projetos que visam a documentação e descrição de sua língua

2.1. O Povo Shawã e a língua Shawã

O povo Shawãdawa cujo nome etimologicamente é composto pelas formas *shawã*, uma arara típica da região amazônica e *dawa* que significa povo. Por causa dos conflitos históricos esta comunidade foi dividida, sendo forçada a sair de onde originalmente se encontrava, isto é, no alto da cabeceira do rio Tejo. Alguns deles permaneceram na região, outros se deslocaram para o rio Bagé, afluente do Tejo e outra parte ainda do grupo desceu para as encostas dos rios Humaitá, Nilo e Valparaíso. É importante ressaltar aqui que os índios que permaneceram no Bagé são chamados de Jaminawa-Arara, na atualidade; e o outro grupo como Shawãdawa ou Arara. Todavia, mesmo com territórios distintos a língua nativa de ambos os grupos é o idioma Shawã.

Na década de 80, juntamente com os representantes do governo de Estado do Acre e do governo federal, foram feitos os encontros com o povo Arara do igarapé Humaitá visando a demarcação da terra indígena da comunidade. Após um grande surto de malária nas aldeias, na mesma década, os índios Shawãdawa se deslocaram para o município de Cruzeiro do Sul, no Acre. No final da mesma década, com a estrutura dos agentes de saúde e agentes agro-florestais, foi possível que, aos poucos, eles retornassem para o local de origem. Hoje, a maior parte deles já vive novamente no igarapé Humaitá, também conhecido como Cruzeiro do Vale, afluente do rio Juruá.

De acordo com Gondim (2002), a sociedade Shawãdawa, ainda se autodenomina como Shawanáwa, Xawanaúna, Xawaná-wa, Chauã-nau, Ararapina, Ararawa, Araraná, Ararauá e Tachinauá. A língua Shawã pertence à família Pano e, segundo a classificação de Rodrigues (1986), essa família inclui outras línguas como Kaxinawá, Shanenawá, Katukina, Náwa, Nukini, entre outras. A maioria destas línguas contam com primeiras gramáticas completas ou em andamento.

Vale a pena aqui mencionar uma narrativa em quende nos foi contado como o povo Pano surgiu por meio do criador, espécie de um herói mítico, “pai de todos nós”.

Vejamos o relato feito pelo índio R.S.(43 anos), uma das lideranças do grupo Jamináwa-Arara:

Um dia, um homem, um velhinho matava várias espécies de animais, veado, queixada, cotia. Depois de um tempo, de matar vários bichos, o velhinho guardou todos. Numa certa manhã, todos os bichos se transformaram numa nação e foram embora despedindo do velhinho como se fosse um pai. Os índios andaram, andaram e chegaram até um grande lago (rio Solimões) e não havia jeito de atravessar. Então, boiou no lago um enorme jacaré que ia de um lado ao outro e disse para os índios matarem animais para ele comer, pois estava com fome e ele deixaria todos atravessarem em suas costas. Muitos saíram para caçar, um índio (meio bravo matou um jacaré pequeno). Logo depois o jacaré cantou uma música, dizendo que não precisava matar mais bichos, todos podiam levar para ele comer. Acontece que as pessoas deixavam a comida e iam atravessando. Quando o jacaré grande viu o jacaré pequeno, ficou com raiva de ter matado seu parente e derrubou as pessoas que estavam atravessando e comeu todas. O jacaré afundou e as pessoas que já haviam atravessado pelas costas do jacaré não pode voltar e os irmãos ficaram separados.³

Segundo a interpretação dos indígenas, o “velhinho” é o pai de todos os seres humanos, que, a princípio, eram todos iguais. As diferenciações começam a existir quando, o homem ou nação, mata um parente (o jacaré pequeno) do jacaré grande (espécie de mediador entre o bem e o mal). Surgem, então, os brancos por oposição aos índios; e por sua vez as nações que não conseguem atravessar o rio, ficando junto ao velhinho, seriam os membros da família Pano, enquanto os que atravessam formam os índios bravos e os demais indígenas e os não índios também. Assim, surgiu também a distinção linguística entre os falantes de línguas Pano, os falantes de outras línguas indígenas e os falantes de línguas ocidentais, como o português. Entretanto, mesmo assim, o velhinho continua sendo para os Jamináwa-Arara o “pai de todos nós”, índios e não índios.

³ Relato coletado em trabalho de campo de campo realizado em 2007.

3. A FAMÍLIA LINGUÍSTICA PANO

A família linguística Pano é encontrada em territórios brasileiro, peruano e boliviano. Uma característica representativa nesse grupo, é o fato de habitarem uma área geograficamente homogênea e apresentarem costumes étnicos semelhantes (Rodrigues, 2002).

O primeiro estudioso a propor uma classificação para línguas Pano foi o francês Raoul de La Grasserie (1890), no final do século XIX. Desde esse período, outros pesquisadores consideraram o povo Pano como autônomo e apresentaram diversas classificações.

Dentre as principais classificações, encontramos a proposta de Rivet (1924), que separou em três grupos a família Pano, levando em consideração a área geográfica de cada aldeia. O primeiro grupo e também maior é formado por 29 línguas faladas ao longo dos rios Amazonas e Ucayali, o segundo por 4 línguas da região do rio Inambarí e o último por seis línguas e dialetos falados nas proximidades dos rios Mamoré e Beni, ambos afluentes do rio Madeira (Shell, 1985).

Vale a pena mencionar que na mesma região dos povos Pano, convivem os povos Arawák. O fato dos índios conviverem próximo uns dos outros, levou Rivet a desconfiar de um possível parentesco linguístico desses grupos. Ele fundamentou a hipótese nas consideráveis semelhanças gramaticais que a língua Tacana, catalogada como Arawák, apresenta com a família Pano.

Ainda, Mason (1950) afirma que as referidas línguas Tacano-Pano-Arawák mostram aspectos genéticos semelhantes. A classificação sistemática que Mason propõe para as línguas Pano, reunindo-as em Pano Central, Sul Ocidental, Sul oriental pode ser encontrada nos estudos recentes das línguas Pano, como por exemplo em Cândido (2004). Outro estudioso, McQuown (1955) faz uma separação distinta entre Arawák e Tacana e menciona que a última, talvez, enquadraria-se em um grupo constituído por 38 famílias menores. Pouco tempo depois, Greenberg (1956) divulga que os grupos Arawák e Tacana juntos, formam um tronco: o Macro-Pano.

Todavia, até 1970, estabelecer com precisão o grau de parentesco existente

entre as línguas não é nada fácil, principalmente, nos termos da gramática de Rivet e Loukotka (1952). Esses autores afirmam perceber grandes analogias. A propósito de Loukotka (1944), esse em sua classificação, apenas retira e acrescenta algumas línguas da proposta feita por Rivet. Uma outra distribuição das línguas Pano é a de Schmidt (1926), que dividiu os grupos Pano em três grupos menores: Norte, Sul e Central. A região Sul subdivide-se em ocidental e oriental.

McQuown (1955) aceita a classificação anterior, mas sugere distribuir as línguas, inclusive a família Pano, em ordem alfabética. Cada língua é localizada, levando-se em consideração a posição geográfica em relação aos paralelos e meridianos.

Contrapondo ao que havia sido feito, Greenberg (1956) discute uma classificação sintética das línguas ameríndias, tendo como objetivo agrupar em uma mesma unidade todas as línguas das américas, com exceção dos grupos Na-dene e Eskimo. Nesse trabalho, o autor propõe oito grupos linguísticos para os índios das três Américas. Desse total, três grupos estão na América do Sul, são eles: Macro-Cibchan. Andino Ecuatorial, Ge-Pano-Caribe. Segundo d'Ans (1973), o grupo Ge-Pano-Caribe é composto pelos blocos Macro-Jê, Macro-Pano, Nambikuara, Huarpe, Macro-Karib e Taruma. Já para Greenberg (1987), a grande hipótese é a existência de um único tronco Macro-Pano.

À luz de Greenberg (1956), a respeito de um tronco de origem comum às línguas da América, outros autores buscaram reconstruir a língua Pano primitiva. É o caso de Loos (1973), que apresenta aspectos da gramática do Proto-Pano. Já d'Ans (1973) questiona as interpretações das línguas Pano e fará uma tentativa de reclassificação com base no método glotocronológico. Nesse estudo, ele afirmará que os grupos denominados Pano Sul-Occidentais nunca existiram e que foram analisados de forma inadequada a partir de fontes antigas relativas ao assunto.

Embora a tentativa de classificação do referido autor não seja muito utilizada, ela representa um avanço, no sentido de que pouco se sabia até aquela data sobre as línguas Pano faladas no Brasil. Suarez (1969, 1973) sugere uma possível relação entre Mosesten-Pano-Tacana. Além disso, o autor acrescenta o Mosesten (língua ora tratada como pertencente a um tronco independente, ora ao tronco Arauák). A propósito da gramática do Proto-pano, Loos também acredita em uma longínqua relação da família Pano com o

Mapuche e o Quechua. A primeira a comparar sistematicamente dados linguísticos de sete idiomas Pano foi Shell em 1985.

Ao classificar as línguas indígenas do Brasil, Rodrigues (1986) aponta a família Pano como não filiada a nenhum tronco. Conforme o autor as línguas Pano do Brasil são: Amawaka(AM), Karipuna(RO), Katukina(AC), Kaxararí(RO), Kaxinawá(AC/AM), Marubo(AM), Matis(AM), Mayá(AM), Mayorúna(AM), Nukiní(AM), Poyanáwa(AC), Yamináwa(AC) e Yawanáwa. Mais recentemente, estudos descritivos têm mostrado outras línguas como da família Pano, é o caso do Shanenawa no Acre (Aguiar,1994).

Por fim, Amarante Ribeiro em comunicação no GELCO II (2003), utilizando um método léxico - estatístico, e 20 línguas Pano do Brasil, Bolívia e Perú, com listas de Swadesh contendo 100 palavras, classificou as línguas Pano da seguinte maneira:

GRUPO I (Pano das Cabeceiras)

A - Subgrupo I

a. Isconahua

B - Subgrupo II

b. Amahuaca

C - Subgrupo III

c. Cashinahua

D - Subgrupo IV

- a. Yaminahua
- b. Shanenahua
- c. **Shawãdawa (Arara)**⁴
- d. Yanawawa
- e. Shanenawa

GRUPO II (Pano Beniano e Pano Ucayalino)

A - Subgrupo I

- a. katukina
- b. Marubo

B - Subgrupo II

- a. Chacobo
- b. Pacahuara

C - Subgrupo III

- a. Capanahua
- b. Sipibo-Conibo
- c. Panobo

GRUPO III (Pano Pré-Andino)

- a. Cashibo-Cacataibo

⁴ A língua Shawãdawa é também conhecida como língua Arara ou língua Arara do Acre, todavia neste trabalho abandonamos esta denominação, uma vez que os índios se autodenominam como Shawãdawa e dizem que o nome Arara foi criado pela Funai no período do contato, por isso muitas literaturas o indicam desta forma.

Um outro trabalho de mestrado apresenta aspectos da gramática Arara do Acre. TALESTUDO realizado na UFPE pela professora Carla Cunha em 1993, traz incursões valiosas do idioma Shawãdawa. Todavia acreditamos avançar na descrição da língua, ampliando o banco de dados e propondo uma análise mais sistemática para a descrição linguística.

GRUPO IV

- a. Poyanawa
- b. Kaxararí

GRUPO V (Panos do Norte)

- a. Matis
- b. Matsés

Para finalizar esta secção, cabe aqui mencionar que esta última proposta de classificação das línguas Pano é um avanço no sentido de ser o primeiro agrupamento léxico-estatístico das línguas, realizado a partir de um banco de dados. Uma questão também interessante diz respeito às novas comunidades que (re) apareceram e afirmam parentescos com povos falantes de línguas Pano, como por exemplo, é o caso do Apolima-Arara, comunidade do Rio Amônea, afluente do Juruá. Assim sendo, há a possibilidade de que a proposta de Amarante Ribeiro para a classificação das línguas Pano ainda se reconfigure no cenário de reconstrução do Proto-Pano.

4. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS⁵

4.1. Segmentos Consonantais

A língua Shawãdawa possui 26 fones consonantais, dentre estes 14 são considerados fonemas (Souza 2004); vejamos a tabela:

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	alveo-palatal	Retroflexo	palatal	Velar	Uvular	Glotal	lábio-velar
Oclusiva	p b		t d			c	k	q	ʔ	
Nasal	m		n			ɲ	ŋ	ɴ		
Tepe			ɾ							
Fricativa		f v	s	ʃ	ʂ				h	
Africada			ts	tʃ dʒ						
Aproximante						j				w

Tabela 1: fones consonantais.

Todos os fonemas foram atestados por contraste em ambientes idênticos ou análogos com distinção de significado. Abaixo, listamos os fonemas que foram comparados seguidos de um dos exemplos de par mínimo ou análogo utilizados na análise fonêmica:

- (1) /m/ /b/ /p/ : (a) [ma 'waʔ] ‘voltar’
 (b) [ba 'waʔ] ‘barranco’
 (c) [pa 'waʔ] ‘mal cheiro’
- (2) /t/ /e/ /n/: (a) [ta 'waʔ] ‘grande’

⁵ A nossa análise fonêmica se baseará em dados fornecidos pelos falantes de Shawã 1.

⁶ O segmento tepe [ɾ] será representado pela letra r.

- (b) [na 'waʔ] 'povo'
- (3) /t/ e /d/: (a) [ta 'kaʔ] 'fígado'
(b) [da 'kaʔ] 'morder'
- (4) /d/ e /r/: (a) [dũ 'ruʔ] 'caminho da mata' (picada)
(b) [rũ 'duʔ] 'cobra'
- (5) /n/ e /m/: (a) [ma 'waʔ] 'voltar'
(b) [na 'waʔ] 'não-índio'
- (6) /b/ /v/: (a) [ba 'kaʔ] 'rato'
(b) [va 'kaʔ] 'água'
- (7) /s/ /ʃ/ e /ʒ/: (a) [ʃa 'kaʔ] 'casca'
(b) [sa 'kaʔ] 'inseto' (espécie de formiga)
(c) [ʒa 'kaʔ] 'espírito da samaúma'
- (8) /tʃ/ e /ʃ/: (a) [tʃa 'kaʔ] 'mau'
(b) [ʃa 'kaʔ] 'casca'
- (9) /ts/ e /tʃ/: (a) [a 'tsaʔ] 'mandioca'
(b) [pa 'tʃuʔ] 'orelha'
- (10) /h/ e /s/: (a) ['huʔ] 'cabelo'
(b) [i 'suʔ] 'macaco'

Sobre a série de oclusivas foneticamente semelhantes [c], [k] e [q], observamos que a palatal [c] e a uvular [q] se realizam, respectivamente, apenas antes de vogais anteriores e posteriores, como vemos nos exemplos abaixo. A velar [k] por sua vez, ocorre nos demais ambientes. Desse modo, esses sons encontram-se em distribuição complementar, sendo [c] e [q] e [k] alofones do fonema /k/.

- (11)
- | | | | |
|-----|------------|-----------|-------------------------|
| (a) | [ci'ʃiʔ] | /ki'ʃi/ | ‘coxa’ (parte do corpo) |
| (b) | [ʃu'ciʔ] | /ʃu'ki/ | ‘milho’ |
| (c) | [quʃ'quʔ] | /kuʃ'ku/ | ‘urubu’ |
| (d) | [va'kaʔ] | /va'ka/ | ‘água’ |
| (e) | [vakɨ'huʔ] | /vakɨ'hu/ | ‘menino’ |

Outra série foneticamente semelhante analisada foi as das nasais [n][ɲ][N]. Como mostram os dados a seguir, a palatal [ɲ], a velar [ŋ] e a uvular [N] ocorrem apenas nos respectivos ambientes: antes das oclusivas palatal [c], velar [k] e uvular [q]. A alveolar /n/, por sua vez, ocorre nos demais ambientes. Logo, concluímos que [ɲ][ŋ][N] e [n] são alofones do fonema /n/.

- (12)
- | | | | |
|-----|-------------|------------|-----------|
| (a) | [pahɲ'ciʔ] | /pahɲ'ki/ | ‘orelha’ |
| (b) | [tiŋ'kaʔ] | /tin'ka/ | ‘escutar’ |
| (c) | [rutuN'quʔ] | /rutun'ku/ | ‘joelho’ |

No que diz respeito à oclusiva glotal [ʔ], consideramos esse fone como não fonêmico dado que ocorre exclusivamente como epêntese em final de palavra em sílaba abertas. Como discutiremos mais tarde, parece ser resultante de uma restrição que impede

sílabas acentuadas leves. Note a diferença entre a oclusiva glotal e a fricativa glotal, que ocorre em antes de vogal:

(13)	(a)	[vakɨ'huʔ]	/vakɨhu/	‘menino’
	(b)	['huʔ]	/hu/	‘cabelo’
	(c)	[kɨ'huʔ]	/kɨhu/	‘jacú’
	(d)	[tɪŋ'kaʔ]	/tinka/	‘escutar’
	(e)	[ʃu'ciʔ]	/ʃuki/	‘milho’
	(f)	['tawʔ]	/tau/	‘canela’ (parte da perna)
	(g)	['pujʔ]	/pui/	‘fezes’

Para concluir a análise das consoantes, listamos segmentos que ocorrem em variação livre em ambientes idênticos sem causar alteração de significado, ou seja, os seguintes pares de sons: a fricativa lábio dental vozeada [v] e a desvozeada [f] alternam em início de palavra. Os dados, abaixo, ilustram respectivamente as referidas alternâncias:

(14)	(a)	[va'kaʔ]	‘água’
	(b)	[fa'kaʔ]	’água
	(c)	[fu'ruʔ]	‘olho’
	(d)	[vu'ruʔ]	‘olho’

Assim, concluímos que em nossa análise que os fonemas para o idioma Shawã são 14 como afirmamos anteriormente; a saber: /p, b, t, d, k, m, n, r, f, s, ʃ, ts, tʃ/; como observamos na tabela.

	Bilabial	Labio dental	Alveolar	Alveopalatal	Retroflexo	Palatal	Velar
Oclusiva	p b	t d					k
Nasal	m		n				
Tepe			r				
Fricativa		f		s	ʂ	ʃ	
Africada			ts	tʃ			

Tabela 2: Fonemas consonantais.

4.2. Segmentos vocálicos

O sistema vocálico da língua Shawã possui 9 fones e destes 4 são fonemas (i, ĩ, u, a):

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não – Arredondado				Arredondado	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alto - Fechado	i	ĩ	ɨ	ĩ	u	ũ
Médio - Fechado					o	õ
Médio - Aberta				ɜ̃		
Baixo			a			

Tabela3: Fones vocálicos

A exemplo dos segmentos consonantais, todos os fonemas vocálicos foram constatados por contraste em ambientes idênticos ou análogos, expressando distinção de significado; cabe aqui dizer que alguns dados foram apenas listados com o intuito de demonstrar a presença deles, uma vez que não encontramos pares mínimo ou análogo para os segmentos . A seguir, listamos os fonemas comparados que foram utilizados na análise fonêmica da língua.

(15) / i / e / a / : (a) [vi 'tʃiʔ] /vitʃi/ 'pele'

(b) [va 'tʃiʔ] /vatʃi/ 'ovo'

/ i / e / u / : (a) [i 'aʔ] /ia/ 'piolho'

(b) [u 'iʔ] /ui/ 'chuva'

/ i / e / u / : (a) [ka 'piʔ] /kapi/ 'jacaré'

(b) [ba 'puʔ] /bapu/ 'cabeça'

/ u / e / a / : (a) [va 'kaʔ] /vaka/ 'água'

(b) [vu 'ruʔ] /vuru/ 'olho'

/ i / e / i / : (a) [ʃu 'kiʔ] /ʃuki/ 'tucano'

(b) [ʃu 'kiʔ] /ʃuki/ 'milho'

4.3. Distribuição complementar

Os segmentos vocálicos nasalizados [ĩ], [ẽ], [ũ], [õ] e [ã] encontram-se em distribuição complementar com suas semelhantes orais, visto que considero que as nasais ocorrem antes de consoantes nasais, como será discutido mais adiante.

(16) [i] e [ĩ]: (a) [vi 'tʃi] /vitʃi/ 'pele'

(b) [nĩdi 'ciʔ] /nindici/ 'nadar'

[u] e [ũ]: (a) [ũ 'duʔ] /undu/ 'rabo'

(b) [u ' i ?] / ui / ‘ver’

[a] e [ã]: (a) [a ' wa ?] / aua / ‘anta’

(b) [ã d i ' hu ?] / and i hu / ‘velho’

[o] e [õ]: (a) [ã b õ ' qo ?] / anbonqo / ‘tripas’

(b) [nu ' qo ?] / nuqo / ‘meu’

4.4. Variação livre

(17) [u] e [o] ocorrem em variação livre, em fim de palavra.

(a) [tapu ?] ou [tapo ?] / ta ' pu / ‘raiz’

(b) [ku ʃ ku ?] / ou [ku ʃ ko ?] / qu ʃ ' qo / ‘urubú’

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTO	i	i	u
BAIXO		a	

Tabela 4: fonemas vocálicos.

4.5. As aproximantes

Em várias línguas do mundo, segundo Mateus e d’Andrade (1998), um fenômeno que ocorre frequentemente é o fato das vogais altas /u/ e /i/, quando antecedidas de outro segmento vocálico, terem sua duração e intensidade reduzidas na fala coloquial.

Desse modo, tais segmentos serão percebidos como constituintes da mesma sílaba que a vogal que antecede. Fonologicamente, um ditongo pode ser entendido como tendo sua aproximante como fonema consonantal ou como alofone de uma vogal em posição assilábica. Um teste comum para fazer esta escolha de análise é aquele dado por Kenstowicz (1994): observar as restrições fonotáticas. Também podemos observar se há variação entre ditongos e hiatos (Mattoso Camara 1973).

Em línguas em que estes elementos são alofones de vogais, uma aproximante resiste em co-ocorrer com uma vogal de mesmo ponto de articulação (e.g. ij, ji, wu, uw), enquanto em línguas em que são consoantes fonemicamente, há restrições de co-ocorrências com consoantes (pw, tj, como é o caso do inglês). No nível fonético em Shawã ocorrem os seguintes ditongos **wi, wɨ, wa e ju, jɨ, ja e iw, ɨw, aw, uj, ɨj, aj, wi**. Isto é, há restrições de ocorrências de aproximantes e vogais, e isso sugere uma análise que considere as aproximantes como alofones de vogais.

- (18) (a) [ha 'uaʔ] ‘papagaio’
 (b) [a 'uaʔ] ‘anta’
 (c) [i avi 'ʃ iʔ] ‘tatu’
 (d) [io 'paʔ] ‘grosso’

A evidência final de que as aproximantes são alofones de vogais vem do fato de que não há restrições de co-ocorrência na posição que as consoantes ocupam; uma prova disso são as línguas em que estes elementos são fonemas consonantais, como é o caso do Inglês. Nos dados da língua Shawã, é comum encontrar a co-ocorrência de sequências do tipo [...CwV...] ou [...CjV...], onde a consoante em onset e a aproximante têm o mesmo ponto de articulação. Ou seja, o primeiro segmento é uma consoante, o segundo é uma aproximante de mesmo ponto que a consoante, seguido por uma vogal, como os exemplos seguintes:

- (19) (a) [pw¹aʔ] ‘inhome’
 (b) [pw¹iʔ] ‘fezes’
 (c) [pj¹aʔ] ‘flecha’

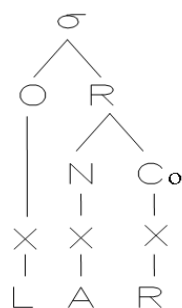
De acordo com o corpus, consideramos dois caminhos para tentar explicar a realização de [w] e [j]: a) Esses segmentos são fonemas, isto é, exercem função de consoantes na representação fonológica e, b) w e j são alofones das vogais altas /u/ e /i/. Encontramos evidências de que a segunda opção é a correta e optamos em postular que as aproximantes são alofones de vogais na língua estudada.

nível fonológico	nível fonético	
/pua/	[pu ¹ aʔ]	‘inhome’
CVV	CCVC	
/pia/	[pi ¹ aʔ]	‘flecha’
CVV	CVVC	

4.6. A estrutura silábica

De acordo com a literatura, a sílaba é uma estrutura constituída por um elemento opcional, denominado Onset e um outro obrigatório, cujo nome é Rima. Esse último, potencialmente, desdobra-se em outras duas posições: núcleo e coda. Na Rima, o núcleo também é obrigatório e a coda é opcional.

Ainda, os estudiosos da sílaba estabelecem que os constituintes silábicos não estão diretamente ligados à melodia segmental, mas estão sobrepostos hierarquicamente e podemos representá-los da seguinte forma:



4.6.1. Os tipos silábicos da língua Shawã

No que concerne a descrição da sílaba do idioma Shawã, encontramos seis tipos silábicos: CV, V, VC, CVC os quais podem ser reduzidos a fórmula básica (C) V (C) foneticamente. Como postulamos, fonologicamente as aproximantes são alofones de vogais, e, portanto, apenas ocorrem como consoantes na superfície. Sigam os exemplos da sílaba fonológica:

-V-

(20)	(a)	/ da . i /	CV.V	‘céu’
	(b)	/ u . i /	V.V	‘chuva’
	(c)	/ hu . a . i /	CV.V.V	‘roçado’
	(d)	/ a . u . a /	V.V.V	‘anta’
	(e)	/ i . a . vi . ʃi /	V.V.CV.CV	‘tatu’
	(f)	/ i . su /	V.CV	‘macaca preto’

-VC-

(21)	(a)	/ iʃ . tu /	VC.CV	‘irmão mais novo’
	(b)	/ is . ku /	VC.CV	‘japó galinha’

(c)	/ da . u . an /	CV.V.VC	‘tabaco’
(d)	/ ɪ s . t ɪ /	VC.CV	‘estrela’

-CV-

(22)	(a)	/ va . ka /	CV.CV	‘água’
	(b)	/ tsa . t ɪ /	CV . CV	‘banco’
	(c)	/ ka . p ɪ /	CV.CV	‘sol’
	(d)	/ bu . ti /	CV.CV	‘terra’

-CVC-

(23)	(a)	/ biʃ . k ɪ . t ɪ /	CVC.CV.CV	‘pedra’
	(b)	/ pin . du /	CVC.CV	‘beija-flor’
	(c)	/ kus . ku /	CVC.CV	‘urubú’
	(d)	/ an . sin /	VC.CVC	‘mutum’

4.7. O acento na língua Shawã

Em Shawã, a maioria das palavras simples (não-compostas) é constituída por duas sílabas quando se encontram em sua forma primitiva ou básica, isto é, sem acréscimo de afixos, como em (24: a-c), a seguir. Os raros monossílabos são todos tônicos, como em (24: d-f). As palavras com três ou mais sílabas se dividem em dois grupos: o das não derivadas (em número reduzido), ou seja, as formas plenas sem adição de afixos, como em (24: g-h) e o das palavras formadas por uma raiz acrescida de afixos, como em (24: i-m):

(24)	(a)	[da'iʔ]	/dai/	‘céu’
	(b)	[ka'mã]	/kaman/	‘cachorro’
	(c)	[nu'quʔ]	/nuku/	‘pron. Meu’
	(d)	['huʔ]	/hu/	‘cabelo’
	(e)	['tʃiʔ]	/tʃi/	‘fogo’
	(f)	['ĩ]	/in/	‘pron. Eu’
	(g)	[uʃtu'quʔ]	/uʃtuku/	‘macaco’
	(h)	[pahĩ'ciʔ]	/pahink <i>ki</i> /	‘orelha’
	(i)	[vaki'huʔ]	/vakihu/	‘menino’
	(j)	[mufi'tiʔ]	/mufit <i>i</i> /	‘colher’
	(k)	[paʃini'paʔ]	/paʃinipa/	‘amarelo’
	(l)	[vakapia'tiʔ]	/vakapiati/	‘bicho d’água’
	(m)	[kutavais'tiʔ]	/kutavaisti/	‘coqueirinho’

Como observamos nos dados expostos, em (24), independentemente do número de sílabas de que a palavra é constituída, o acento é sempre regular, caindo de forma recorrente na última sílaba. Os dados em (24: i-m) ainda nos mostram que mesmo com acréscimo de afixos, o acento permanece recaindo na sílaba final. Esse aspecto prosódico é também compartilhado por outras línguas da família Pano, como o Shanenawa (Cândido, 2004), o Yawanáwa (Paula, 2004) , o Katukina (Aguilar, 1994) e (Barros, 1989).

Se considerarmos a proposta de Hayes é possível afirmar que, em Shawã, o acento é resultado da formação de pés iâmbicos ilimitados. Hayes (1995:83) nota que pés iâmbicos são sempre sensíveis ao peso. O autor nota também que a sílabas leves⁷ que carregem acento principal tendem em sistemas iâmbicos a serem reajustadas em pesadas, seja por alongamento vocálico ou por inserção de uma coda silábica. Ele rotula este

⁷ Sílabas leves são entendidas como do tipo CV.

fenômeno de “*Iambic Lengthening*”. O Shawã evidencia este fenômeno: se a sílaba que carrega acento primário for leve, ocorre a inserção fonética de uma oclusiva glotal.

As palavras complexas dos tipos compostos parecem reafirmar essa hipótese, pois nelas o acento principal permanece caindo na última sílaba e desengatilhando epêntese, tal como nos mostram os dados em (25). O acento principal da primeira palavra é reduzido para secundário e deixa de desengatilhar epêntese.⁸

- (25) a) [i'viʔ] + [pa'niʔ] ⇒ [i,vipa'niʔ] ‘cama’
 pau + rede
- b) [ta'riʔ] + [ciʃiʔ] ⇒ [ta,rici'ʃiʔ] ‘calça’
 roupa + coxa
- c) [pi'aʔ] + [na'uaʔ] ⇒ [pi,ana'uaʔ] ‘espingarda’
 flecha + homem “branco”

Em termos morfológicos, o acento desempenha papel na identificação das palavras da língua. Assim, em uma sequência fônica, é possível saber a delimitação das palavras lexicais pela presença de acentos primários ainda que enfraquecidos, como ilustrado em (26):

- (26) a) [nu,quʔ ɿ'paʔ] # nu,qu # ɿ'pa #
 meu pai meu pai
- b) [va,kaʔ pu'taʔ] # va,ka # pu'ta #
 água limpa água potável

⁸Os fatos podem ser capturados em termos da Fonologia Lexical. Assim, alguém poderia postular que o acento primário é atribuído a palavras lexicais. Assumindo-se tal análise, mais tarde na derivação, quando ocorrer a composição, um processo de redução dos acentos não finais seria processado. Assim, apenas o acento primário (necessariamente final) engatilharia a epêntese da glotal.

c)	[ku, ʃuʔ ɿ 'kaʔ]	#ku, ʃu #ɿ 'ka #
	arrancar piolho	catar piolho

Nos exemplos (26), percebemos que há epêntese em dois momentos de cada uma das sequências. Por isso, postulamos que o domínio da epêntese é a palavra fonológica; o que fica evidenciado pela presença de mais de um acento no domínio hierárquico superior, isto é, a frase fonológica. Morfologicamente, então, a língua interpreta cada um desses momentos como uma palavra distinta. Daí, cada exemplo ser constituído por duas palavras diferentes, diferentemente do que ocorre com um composto.

Em suma, analisamos a presença da oclusiva glotal como resultante de “*Iambic Lengthening*”. Isto é, uma consoante epentética é inserida na sílaba tônica principal para garantir que esta sílaba seja pesada.

Na seção que segue apresentaremos evidência para uma coda nasal a partir de fatos de bloqueio de epêntese de glotal.

4.8. Nasalidade

Iniciemos fazendo uma breve revisão de algumas noções básicas sobre a *organização de traços* tal como descrita na teoria fonológica não-linear denominada Geometria de Traços. Em primeiro lugar, apresentamos o modelo de Clements & Hume (1995), cujo objetivo é explicar o modo como os traços distintivos são organizados internamente nos segmentos, isto é, a forma como se agrupam em constituintes funcionais. No decorrer do texto, entretanto, outros modelos serão agregados.

Nessa abordagem, os segmentos são representados em termos de configurações de nós organizados em hierarquia. Os nós do tipo terminais são os traços, enquanto os intermediários são os constituintes maiores ou nós de “classes naturais”. Assim, ao contrário da teoria clássica que focaliza os traços dentro de matrizes, essa proposta os dispõe em forma de árvore, tal como na representação seguinte:

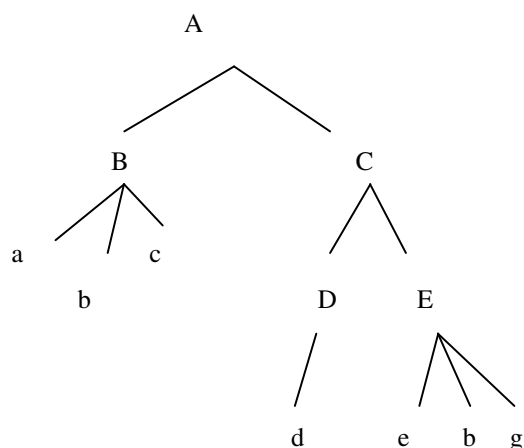


Figura 1: Hierarquia de traços

Segundo Clements & Hume (1995), o elemento **A**, ou nó de Raiz, corresponde ao som falado ou segmento propriamente dito; nos níveis hierarquicamente inferiores estão os chamados nós de classe **B**, **C**, **D** e **E** designando o agrupamento de traços funcionais, tais como o nó laringeo, os nós de ponto de contração, entre outros; e, nos níveis mais baixos (**a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g**) localizam-se os traços. Os constituintes imediatos de um constituinte maior são considerados nós irmãos (por exemplo, **D** e **E**), os quais são filhos ou dependentes do nó constituinte mais alto (por exemplo, **C**). Esses autores ilustram alguns dos nós de classe mais importantes na articulação de consoantes e vocóides (vogais e glides), respectivamente, conforme a figura a seguir:

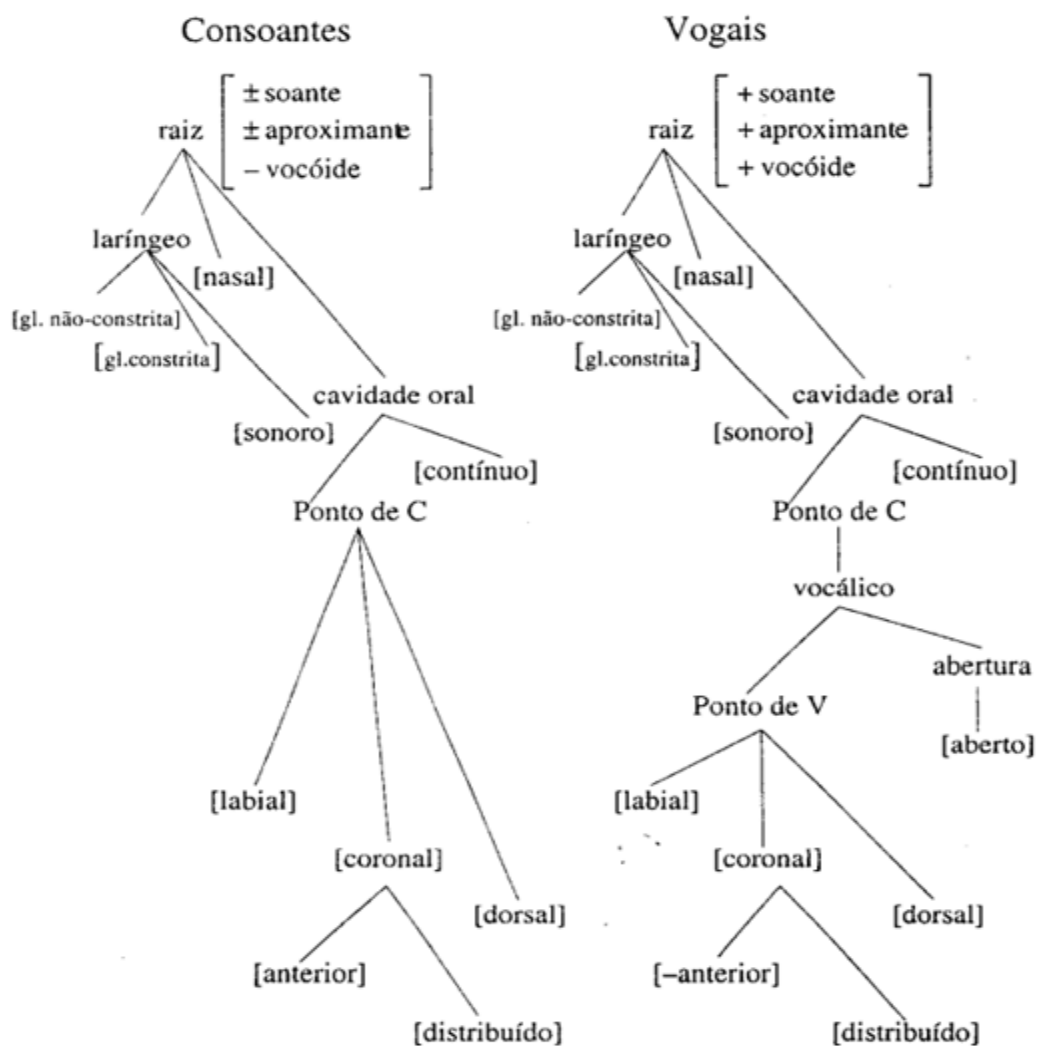


Figura 2: Hierarquia de traços. Clements e Hume (1995).

Na linha de interesse deste estudo, salientamos a importante contribuição de Piggott (1992) à teoria Geometria de Traços, ou seja, a introdução de um conjunto de nós articuladores em que se inclui um nó denominado Palato Mole (**SP** = *Soft Palate*) ao qual se subordina o traço [nasal]. Assim, especificação de nó Palato Mole, doravante **SP**, indica que o véu palatino (ou palato mole) está ativado na produção de um segmento específico. Na geometria de traços que considera o nó **SP**, o traço [Nasal] está subordinado a ele, como pode ser observado na versão de Halle et alii 2002:

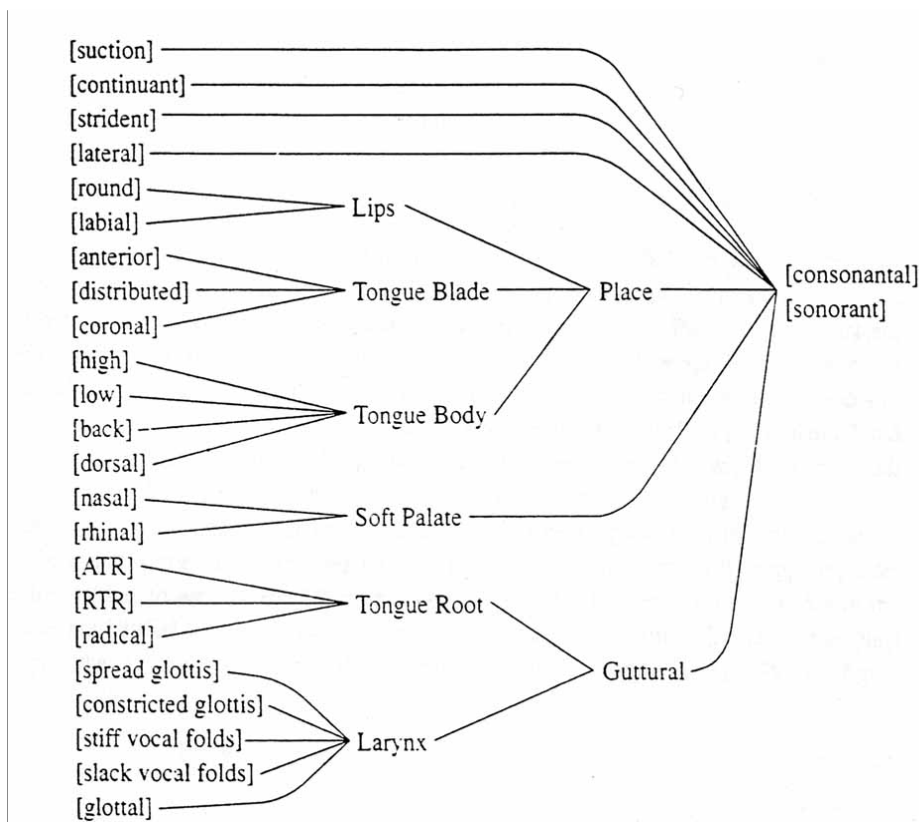


Figura 3: Halle et alii (2002)

Como veremos posteriormente, essa introdução do nó **SP** na geometria será fundamental para a compreensão dos processos de harmonia nasal postulados por Piggott (1992). Por ora, adiantamos que essa possibilidade de representação hierárquica dos traços aparece no cenário dos estudos fonológicos como uma forte alternativa de viabilização da descrição de regras básicas e de princípios organizacionais de processos elementares, tais como a assimilação, a dissimilação, a neutralização entre outros. Nos propósitos específicos de nosso trabalho, vejamos o que Clements & Hume (1995) atestam sobre o processo de *assimilação*, em que se incluem os processos de harmonia.

A *assimilação*, de acordo com esses autores, é talvez o tipo mais recorrente de regra fonológica. À luz da Geometria de Traços, as regras de assimilação se caracterizam pela associação ou pelo mecanismo de espalhamento de um traço ou um nó (conjunto de traços) de um segmento **A** para um segmento **B** vizinho. De modo geral, operações de espalhamento são governadas por uma condição de localidade estrita que previne saltos de

posições a serem afetadas pelo processo. Elas também estão sujeitas a um conjunto de princípios que determinam, parcialmente, um possível alvo e definem que elementos podem ser opacos num processo em particular. Piggott (1992) expressa tais *princípios do espalhamento* como seguem:

Princípios do Espalhamento:

- (a) Um elemento **X** será espalhado somente para uma posição não especificada para **X**.
- (b) O espalhamento de um elemento **X** pode ser detido somente por uma posição especificada para **X**.

O primeiro princípio assegura que um traço não se espalhará para um segmento que já esteja especificado para tal traço. Já o segundo, limita a definição de um segmento opaco, no sentido de que em um determinado processo de espalhamento, será opaco o segmento que carregar em si a especificação para o traço espalhado.

Ainda no que diz respeito ao mecanismo de espalhamento do traço [Nasal], segundo Piggott (1988), as línguas apresentam os seguintes parâmetros de projeção do espalhamento:

Parâmetros da Projeção

- (a) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à direita.
- (b) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à esquerda.
- (c) Espalhamento bidirecional do traço [Nasal]

Esses processos de harmonia devem espalhar a nasalidade de um segmento intrinsecamente nasal para uma sequência de segmentos que incluem vogais, semivogais e glides laringais. Para exemplificar, vamos considerar uma geometria que conta com o nó SP. Em tal proposta, poderíamos postular que os segmentos consonantais das línguas Pano, em relação ao traço [Nasal], seriam especificados das seguintes formas por classes naturais:⁹

⁹ Nas representações abaixo, estão apenas as especificações para o nódulo SP, omitindo outras especificações para fins de economia e clareza de nosso ponto.

i) Consoantes Nasais

[+cons, +son]

|

SP

|

[+nasal]

ii) Líquidas e laríngeas

[+cons, +son]

|

iii) Obstruintes

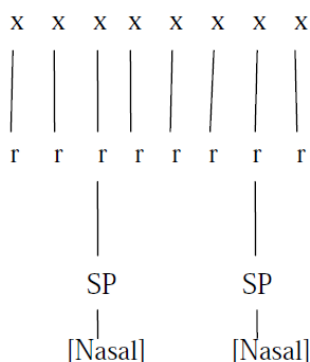
[+cons, -son]

|

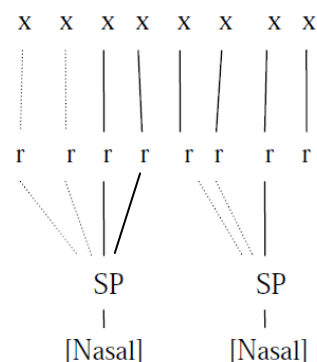
SP

Nesse sentido, um dado como **hãmãʔõna** ‘andando a pé’, da língua Capanahua-Pano, segundo Safir (1979, 1982, apud Piggott, 1992), só poderá ser derivado do espalhamento do traço [Nasal] a partir da seguinte representação:

c) **h ã m ã ʔ õ n a**



h ã m ã ʔ õ n a



Com isso, o modelo de harmonia expresso pelo dado Capanahua, acima, parece consistente com os *Princípios de Espalhamento* em (a) e ainda estão de acordo com a geometria em (c). Quanto à extensão ou domínio desse processo de espalhamento, segundo Clements & Hume (1995), as regras podem afetar não apenas segmentos adjacentes, mas também aqueles que ocorrem a alguma distância do disparador. Contudo, à exceção de algumas línguas com morfologia “não-concatenativa” (McCarthy 1981, 1985, 1989; apud Clements & Hume, 1995), há limites importantes a respeito do domínio de uma regra, considerando o material interposto entre o segmento disparador e o alvo. Em especial, regras de assimilação não se estendem através de segmentos “opacos”, ou seja, aqueles que

já estão especificados para o nó ou traço espalhado. Em seu artigo *Variability in feature dependency: the case of nasality*, Piggott (1992) afirma que as diferenças entre os segmentos transparentes, opacos e alvos podem ter origem em duas formas como o traço [Nasal] está organizado nos sistemas fonológicos. Na primeira (o Tipo A), deve haver um conjunto de obstruintes não-contínuas que bloqueiam o processo de espalhamento do traço [Nasal]. Já na segunda (o tipo B), percebe-se que não existem segmentos opacos, já que todas as obstruintes são transparentes e todas soantes alvos. A proposta de Piggott é que, no Tipo A, a harmonia é resultado do espalhamento do nó **SP** e não do traço [Nasal], como vimos na derivação do Capanahua. Neste caso, o espalhamento é bloqueado por segmentos especificados para o nó **SP**. Como apenas segmentos [+Consonantal] são subjacentemente especificados para esse nó, esse tipo de harmonia somente pode ser disparado por consoantes sendo os segmentos opacos, por sua vez, também consoantes.

Como vimos, no processo de espalhamento do Capanahua, a oclusiva glotal não é atingida. Piggott explica isso por meio da proposta de restrição de co-ocorrência de traço que proíbe a combinação dos traços [Nasal] e [Glote Constrita] em segmentos simples.. Quanto aos segmentos alvo, estes podem ser variáveis e, de modo geral, costumam ser alvejados conforme os seguintes conjuntos: a) vogais e laringais; b) vogais, laringais e semivogais; c) vogais, laringais, semivogais e líquidas; d) vogais, laringais, semivogais, líquidas e fricativas. Já os segmentos opacos, que também são variáveis, são: a) obstruintes, líquidas e semivogais; b) obstruintes e líquidas; c) obstruintes; d) oclusivas. Nesse tipo de harmonia, não são reconhecidos segmentos transparentes, ou seja, alguns casos de obstruintes e glides laringais que eventualmente não estão especificados para o traço [Nasal].

4.9. O Comportamento de segmentos nasais e nasalizados.

4.9.1. Os segmentos consonantais

Em termos de consoantes nasais, como foi mostrado anteriormente, a língua Shawã conta com cinco segmentos entre fones e fonemas, cujos traços de ponto de

articulação, em geral, estão relacionados com a posição que esses segmentos ocupam na estrutura silábica, como veremos nos subitens da presente seção.

4.9.1.1. Segmentos consonantais em ataque silábico

Os segmentos nasais que ocorrem em posição de ataque de sílaba apresentam ponto de articulação plenamente especificado, devendo, assim, estabelecer oposições de pares com significados distintos, como as atestadas, a seguir:

- (27) a) [ba 'ĩʔ] ‘terra’
b) [naw 'aʔ] ‘não índio’
c) [ma 'ĩʔ] ‘tipo de peixe cará’
d) [maw 'aʔ] ‘largo’

Assim, todos os fonemas nasais (a saber: a Labial /m/ e a Coronal /n/) podem preencher o ataque silábico. Para concluir, apresentamos uma breve comparação entre dados do Shanenawa (Cândido, 2004) e do Shawã (Souza, 2004). Notemos que, em termos de ponto de articulação, a oposição entre as nasais do Shawãdawa ocorre também no Shanenawa.

(28) Língua Shawã

- (a) [ka 'mã] ‘cachorro’
(b) [nu 'nuʔ] ‘pato’

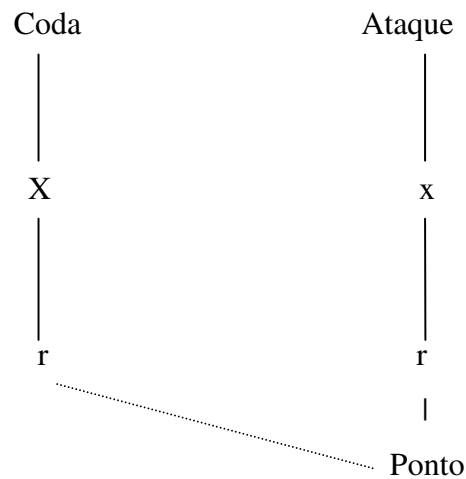
(29) Língua Shanenawa

- (a) [ĩ 'naʔ] ‘língua’
(b) [fi 'miʔ] ‘fruta’

4.9.1.2. Segmentos consonantais em coda

Ao contrário do que verificamos no ataque, em posição de coda silábica antes de outra consoante, a oposição entre o segmento nasal [Labial] e [Coronal] é neutralizada. Em final absoluto de palavra, uma consoante nasal pode também aparecer.

Antes de defender a presença de uma nasal na posição final de palavra, representamos abaixo o fenômeno de assimilação de ponto de consoantes nasais em coda. Postulamos que na posição de coda, o Ponto não é licenciado e, portanto, mantido na consoante do ataque silábico seguinte:



Dessa forma, a consoante [Nasal] realiza-se na estrutura de superfície, conforme o traço de ponto da consoante ([Coronal] ou [Dorsal]), como nos mostram os dados:

- (30) (a) [kãn'tiʔ] 'arco'
(b) [diŋ'kaʔ] 'ouvir'
(c) [rãntu'quʔ] 'joelho'

4.9.1.3. Os segmentos vocálicos

Como é possível constatar na literatura, a natureza da nasalidade (ou nasalização) em segmentos vocálicos tem posicionado os pesquisadores de línguas da família Pano em dois extremos: de um lado estão os que descrevem a nasalidade como uma característica inerente desses segmentos, isto é, vogais nasais plenas que podem inclusive ter o status de fonema de uma língua; de outro, estão aqueles que sugerem que tal fenômeno seja o resultado do contato entre a vogal e uma consoante, que nem sempre se realiza como tal.

Naturalmente, essa diferença de opiniões não deve configurar um problema, afinal, não há motivos para esperarmos que em todas as línguas de uma mesma família os processos fonológicos bem como os inventários de fonemas sejam idênticos. Além disso, nosso objetivo neste estudo não é o de polemizar a questão, mas tão somente pretendemos verificar em qual dos dois grupos de línguas mencionados acima o Shawã deverá se enquadrar.

Neste trabalho defendemos que não há vogais intrinsecamente nasalizadas no Shawã. A distinção entre esses segmentos vocálicos se restringe ao nível fonético, sendo as vogais providas do traço [Nasal] apenas alofones de suas contrapartes orais. As nasais são nasalizadas em decorrência do contato com uma consoante nasal adjacente.

- | | | | | |
|------|-----|--------------|----------|----------------|
| (31) | (a) | [ãbu 'kaʔ] | ‘amargo’ | V(n)C. CV. CVC |
| | (b) | [ɜ 'duʔ] | ‘paca’ | V(n)C.CVC |
| | (c) | [ãdi 'huʔ] | ‘velho’ | V(n)C.CV.CVC |

Como podemos notar, em todos os dados, acima, a vogal nasalizada precede uma consoante nasal. Todavia, é necessário ressaltar que nem sempre as vogais nesse tipo de dados apresentam-se nasalizadas na fala corrente da língua Shawã. O fenômeno de espalhamento não é obrigatório. Isso caracteriza o que a literatura denomina nasalidade vocálica alofônica (Moraes & Wetzels, apud Abaurre & Wetzels, 1992), ou seja, muitas

vezes a nasalidade de uma vogal não passa de uma manifestação fonética condicionada pela presença de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba subsequente à da vogal nasalizada. Daí podermos encontrar, no nível fonético, alternâncias do tipo:

- (32) (a) [ã ' naʔ] ~ [a ' naʔ] ‘possessivo 3PL’
 (b) [ã ' nuʔ] ~ [a ' nuʔ] ‘paca’

Vejamos, agora, alguns exemplos que, ao nosso ver, dão conta da nasalidade de vogais devido ao contato com um segmento consonantal adjacente:

- (33) (a) [rãntu ' kuʔ] ‘joelho’ CVC. CV. CVC
 (b) [sĩ ' ãn] ‘chorar’ CV.VC
 (c) [' p wã n] ‘peixe’ CVVC
 (d) [rũn ' kiʔ] ‘nariz’ CVC. CVC

Ao contrário dos dados apresentados em (31) que corroboram a hipótese de que na língua Shawã não existem vogais inerentemente nasais, os exemplos em (32), acima, nos conduzem a questionarmos se de fato isso é verdade. Mais especificamente, como já havíamos chamado atenção, esse tipo de dados pode de fato levantar dúvidas quanto à existência de uma consoante nasal em final absoluto de palavra. Entretanto, acreditamos que, independentemente da realização fonética, a nasalidade vocálica dos dados em (33) também resulta do contágio por uma consoante nasal.

Lembremos agora os dados da epêntese da glotal. Em palavras terminadas em sílaba aberta, sempre se registra, no nível fonético, a presença da oclusiva glotal [ʔ] em coda. Quando a palavra termina em vogal nasalizada, a inserção da glotal não se processa, sendo, portanto, consideradas agramaticais sequências do tipo CV. Isto é, a presença da consoante nasal inibe a inserção da glotal. Dadas essas considerações, parece-nos razoável supor que toda ocorrência da nasalidade em vogais do Shawã deve-se ao contato com um

segmento [Nasal]. Postulamos que a glotal não pode ser inserida porque a coda está preenchida por uma consoante nasal que não se superficializa por não contar com Ponto. Estando esta consoante em final absoluto de palavra, ela não pode assimilar ponto e, portanto, não toma forma fonética. Mas está presente na representação e, portanto, não há a possibilidade de inserção da glotal. Com base nos postulados teóricos apresentados, todos os eventos referenciados aqui estão sendo interpretados como processos de assimilação, mais especificamente, de harmonia nasal (Clements & Hume, 1995). Em consonância com Piggott (1992), tais processos não se caracterizam pelo mecanismo de associação do traço [Nasal] às vogais, mas, sim pelo *espalhamento* do nó **SP** (Palato Mole), como já mostramos anteriormente.

Portanto, como demonstram as representações respectivas, todos os segmentos nasais são inerentemente especificados para o nó **SP**, de que o traço [Nasal] é subordinado. Então, nos processos de harmonia, é o nó **SP** que se espalha sobre todas as vogais precedentes que se encontram entre o disparador e os elementos considerados opacos no processo de harmonia nasal, ou seja, os segmentos também especificados para o nó **SP**. Aliás, na língua Shawã qualquer consante consoante [Coronal], por exemplo /t/, pode bloqueiar o espalhamento do nó **SP**, evitando com isso a nasalização da vogal que a antecede. Isso confirma os *princípios de espalhamento* estabelecidos por Piggott (1992), ou seja, o nó **SP** não pode ser espalhado para os segmentos já especificados para ele. A propósito, como apenas as vogais, segmentos não especificados para o nó **SP**, podem ser alvo nos processos de harmonia nasal em Shawã, então, a regra de aplicação verificada aqui se dá no modo do preenchimento de traços, no caso, de um conjunto de traços, ou seja, o nó **SP**.

Já no que tange ao domínio do espalhamento do traço [Nasal], apenas vogais podem ser atingidas pelo elemento disparador. Em todos os casos apresentados, porém, somente as vogais imediatamente antecedentes à consoante nasal podem ser alvo, ou seja, aquelas que figuram entre o elemento disparador e um segmento obstruinte já especificado para o traço [Nasal]. Caso contrário, o espalhamento não ocorre, conforme reafirmam os exemplos, a seguir:

- (34) (a) [pus 'miʔ] 'tingui'
 (b) [fus 'niʔ] 'cílio'
 (c) [fumẽ 'naʔ] 'testa'
 (d) [sunẽnim 'paʔ] 'verde'

Comparando os dados (33:a-b), acima, com outros em que vogais são nasalizadas porque antecedem sílabas cujo ataque é uma nasal, observamos que as obstruintes contínuas que em (34:a-b) figuram na posição de coda não-final, interpondo-se, entre a nasal e a vogal antecedente. Esses segmentos contínuos bloqueiam completamente o espalhamento da nasalidade inibindo o processo de harmonia nasal nesses dados. Quanto aos exemplos em (33:c-d), lembremos que em Shawã temos caso de nasalidade vocálica alofônica, ou seja, opcional. Esse parece ser o caso da vogal nas primeiras sílabas desses dados. Em suma, com base na descrição do comportamento dos segmentos vocálicos em Shawã, podemos dizer que o processo de nasalização opera do seguinte modo:

Nasalidade em segmentos vocálicos

Espalhar SP

Domíncuio: segmentos vocálicos ou glides projetados à esquerda

Assim, vimos que em termos de harmonia nasal o Shawã se situa no Tipo A estabelecido por Piggott (1992). Nesse aspecto, então, a língua está em consonância com o Capanahua, outra língua da família Pano. Além disso, voltando à questão exposta na introdução deste tópico, diante do que descrevemos aqui, podemos dizer que o Shawã enquadra-se no rol das línguas Pano em que não figuram vogais nasais, mas sim aquelas nasalizadas devido ao processo de espalhamento do nó **SP** e do seu dominado, o traço [Nasal], de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue. Assim sendo, em nossa formalização assumimos, como Safir (1982), que a nasal em coda é /n/.

Como evidência independente para esta análise, encontramos o fato de que raízes, terminadas em nasal e seguidas por um sufixo iniciado por vogal, contam com a realização de um [n] que se superficializa em posição final da raiz, como exemplos abaixo. Em outras palavras, o fonema /n/ é recuperado em junção morfológica, antes de vogais.

(35) [sianakiʔ] ‘chorou’

/sian - a - ki/

Chorar-verbo - PASS - DECL

(36) [uinakiʔ] ‘olhou’

/uin - a - ki/

Olhar-verbo - PASS - DECL.

(37) [askianakiʔ] ‘assustou’

/askian - a - ki /

Assustar-verbo - PASS - DECL.

5. ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Introduzindo os estudos sobre a morfologia do Shawã, o presente capítulo tem por objetivo principal apresentar uma análise descritiva da estrutura morfológica dessa língua. Contudo, considerando as sobreposições frequentes entre a Morfologia e a Sintaxe e, principalmente, as dificuldades em dissociar esses dois níveis linguísticos em uma língua tipologicamente aglutinante, como é o caso em questão, também serão feitas nesta seção descrições de algumas propriedades sintáticas das categorias e estruturas abordadas. Cabe aqui ressaltar que alguns breves princípios teóricos deverão nortear os objetivos propostos na presente introdução de capítulo.

5.1. Princípios teóricos

Não tem sido tarefa fácil ao longo dos anos por parte dos estudiosos definir morfologia e outros conceitos utilizados na Linguística. As tentativas foram de diversas; por exemplo, de acordo com Nida (1949), morfologia compreende o estudo dos morfemas e seus arranjos formando palavras. Em Matthews (1991), é a tipologia utilizada para denominar o ramo da Linguística que lida com a forma das palavras em diferentes usos e construções; para Bauer (1988), trata-se do estudo das palavras e de sua estrutura, bem como do conjunto de unidades usadas na mudança da forma das palavras. O termo morfologia ainda é entendido em Anderson (1988) como o estudo da estrutura das palavras e do modo pelo qual tal estrutura reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como a sentença, e com o vocabulário total da língua.

Assim sendo, o termo Morfologia pode estar relacionado com uma das partes do sistema de uma língua, todavia, todos os conceitos nos direcionam para a idéia de que ao estudarmos a morfologia de uma determinada língua, em termos gerais, estaremos procedendo à análise descritiva da palavra e de seus constituintes estruturais (os morfemas) nessa língua. Contudo, para avançarmos em nosso trabalho, faz-se necessário entender o termo ‘palavra’, e definir um campo de estudo. Desse modo, a seguir propomos um breve estudo acerca do termo, tendo em vista as várias controvérsias entre os linguistas sobre a

noção de ‘palavra’, como podemos ver em Bloomfield (1933), Anderson (1992), entre outros. Vale ressaltar que nosso intuito é somente caracterizar a palavra no âmbito da língua Shawãdawa e utilizar de alguns procedimentos adotados em descrições morfológicas de línguas naturais para esse fim.

5.2. A palavra

Muitos estudiosos dedicam-se a investigar a formação das palavras. Entretanto, não temos um consenso do papel da morfologia e sua abordagem. A Gramática Tradicional, por exemplo, fez opção clara a partir da perspectiva da palavra, tanto que a morfologia tradicional é centrada no estudo das classes de palavras. Por outro lado, alguns linguistas sugerem que a abordagem a partir dos morfemas é mais sensata, dadas às dificuldades encontradas para delimitar o conceito de palavra.

Ainda entre linguistas, encontramos por vezes, descompasso no que concerne aos instrumentos de análises, dada a diversidade das línguas. Todavia, entendemos que ambas se fazem necessárias para nortear a constituição da disciplina. Da nossa parte, em nosso primeiro estudo, não vamos radicalizar em favor de nenhuma perspectiva. Temos por objetivo apresentar a constituição morfológica da língua Shawã (Pano), em uma análise preliminar, respaldando-nos à luz de Fudeman e Aronoff (2005), Booij (2005), entre outros.

5.3. Constituição da palavra

O estudo do sistema que envolve a formação de palavras denomina-se Morfologia (Aronoff e Fudeman, 2005). Ainda podemos entender que morfologia é o ramo da linguística que ocupa-se da formação interna das palavras e como estas palavras se constituem por meio de regras (Booij, 2005).

De acordo com o modelo teórico abordado, estas regras poderão ser analisadas de várias perspectivas. Em nosso estudo, ficaremos no âmbito da tipologia funcional, onde os processos mais citados são o flexional, o derivacional e a composição. No processo de

formação de palavras¹⁰ encontramos a raiz da palavra a qual poderá ser acrescida de vogal temática e/ou afixos. Estes últimos, por sua vez, podem ser do tipo: prefixos, sufixos, infixos e circunfixos.

Cabe aqui mencionar que as línguas naturais apresentam-se de forma diversificada; e por isso nem todos os sistemas morfológicos manifestam todos os tipos de afixos. Muitas línguas operam apenas com alguns números de prefixos e/ou sufixos, outras utilizam infixos, prefixos e circunfixos, formando deste modo a diversidade que mencionamos das línguas.

A partir desta combinação de radicais e afixos evidenciamos algumas tipologias de línguas. Assim, encontramos línguas aglutinantes como Shipibo-Conibo e o Turco; polissintéticas como o Matis e o Matsés, ainda línguas isolantes como Mandarim e flexionais como o Português.

5.4. A palavra na língua Shawã

Após o pequeno esboço dos aportes teóricos, passaremos à apresentação de alguns aspectos morfológicos da língua Shawã (Pano). Nesta língua, as palavras são marcadas por um acento fixo na última sílaba e podem ser classificadas de acordo com sua constituição morfológica em simples e compostas.¹¹

As palavras simples podem ser identificadas de forma isolada e em outros contextos, possuem acentuação na última sílaba e são formadas exclusivamente por uma única raiz. Em sua maioria, as palavras simples são dissilábicas, mas encontramos também monossilábicas. Encontramos como palavras simples raízes que são nomes, verbos e adjetivos. Vejamos alguns exemplos:

- (38) a) [' f i ʔ] ‘carapanã’
 b) [' t ʃ i ʔ] ‘fogo’

¹⁰ Embora entendemos que também não existe um consenso sobre a definição de palavra, não aprofundaremos a questão.

¹¹ O estudo foi feito a partir de dados coletados para o inventário lexical contendo apenas listas de palavras.

- c) [ci 'huʔ] ‘jacú’
- d) [ka 'piʔ] ‘jacaré’
- e) [ʃu 'taʔ] ‘dente’
- f) [uʃa 'paʔ] ‘branco’
- g) [ãdi 'huʔ] ‘velho’
- h) [tʃu 'taʔ] ‘sujo’
- i) [ĩdaki 'riʔ] ‘para cima’

5.5. O processo de formação de palavras

Para esta descrição morfológica (e algumas vezes morfossintática também), será preciso entender a possibilidade de distinguirmos algumas bases (as nominais, por exemplo) de outras, detendo-nos em sufixos relativos a cada categoria em particular. No entanto, como a maioria desses sufixos diz respeito a categorias produtivas e sintaticamente relevantes a operações flexionais, procuraremos destacar as categorias relativas ao centro significativo da palavra, ou seja, a “raiz” da palavra e os chamados sufixos derivacionais. Especificamente, nossa atenção estará voltada para operações morfológicas em que, juntos, os referidos elementos co-operam tanto na formação das bases derivadas como na constituição das bases compostas, tal como passaremos a ver a seguir.

5.5.1. Derivação

Assim como as bases constituídas por raízes e sufixos flexionais, as chamadas bases que servem de entrada (*input*) para outras palavras também se distinguem em complexas e simples. Enquanto as bases complexas se caracterizam pela combinação entre uma raiz simples e algum tipo de modificação morfológica (geralmente, a afixação), as bases simples são formas constituídas exclusivamente pela raiz lexical. Abaixo, temos

alguns exemplos de bases derivacionais consideradas simples na língua Shawã , como nos exemplos:

- | | | | |
|------|----|-------|----------|
| (39) | a) | pandi | ‘rede’ |
| | b) | manjá | ‘banana’ |
| | c) | vurú | ‘olho’ |
| | d) | baj | ‘terra’ |

As bases que dão origem a outras palavras do Shawãdawa podem perder seu status de simples para, então, figurarem como complexas, recorrendo a alguns afixos do tipo derivacional, lembrando que essa língua apenas apresenta sufixos. Assim, estes sufixos derivacionais expressam modificações de conceitos básicos e que, portanto, contribuem de forma direta para a significação da palavra. Isso ocorre, por exemplo, com o sufixo **-ti**, um dos mais produtivos da língua, que ao ser afixado a bases verbais modifica-as formal e sintaticamente. Este processo tem uma regra lexical que se aplica à palavra simples; [X]v → [[X]- tɨ]n, em que o sufixo **-ti** deriva nomes que semanticamente podem ser interpretados como “objetos ou utensílios”. Vejamos os exemplos:

- | | | |
|------|----|------------------------------------|
| (40) | a) | [kuʃa]verbo → [[kuʃa]-tɨ]N |
| | | ‘cortar’ ‘faca’ |
| | b) | [biʃci]verbo → [[biʃci]-tɨ]N |
| | | ‘puxar’ ‘anzol’ |
| | c) | [tuʃu]verbo → [[tuʃu]-tɨ]N |
| | | ‘pintar’ “urucum” |

(44) [ʃarakaʔ] + pa [ʃaraka'paʔ]

Gosto + ADJ gostoso

(45) [u'ʃuʔ] + pa [uʃu' + paʔ]

Luz + ADJ branco

(46) [ti'ʃuʔ] + pa [tiʃu'paʔ]

Escuro + ADJ preto

(47) [uʃ'ĩniʔ] + pa [uʃĩni'paʔ]

Sangue + ADJ vermelho

(48) ['suʔ] + pa [su'paʔ]

capim + ADJ verde

5.5.2. Formação por base de composição

Composição é a forma de criar novas bases lexicais em uma língua a partir de duas ou mais bases independentemente significativas (raízes) para que juntas, estas se comportem como uma só estrutura que, por si mesma, manifeste autonomia semântica. Além do aspecto semântico, os compostos podem se distinguir dos sintagmas comuns por meio de outros critérios linguísticos, tais como a acentuação, as regras fonológicas ou através de aspectos morfossintáticos, como a concordância, a flexão no genitivo, a ordem dos constituintes no sintagma, entre outros. No caso do Shawādawa, a distinção entre compostos e sintagmas dá-se através da utilização de dois critérios: a acentuação e a flexão no genitivo.

De acordo com o que vimos antes, o acento na língua Shawādawa incide apenas sobre a última sílaba das palavras. Com isso, em um processo de composição, o acento do(s) elemento(s) que se posiciona(m) mais à esquerda é enfraquecido (formando um acento secundário), já que apenas o elemento colocado em posição mais à direita receberá o acento principal. Assim, se duas ou mais palavras independentes se juntam em um sintagma, mantendo seus sentidos originais e suas formas fonológicas coincidem com a fonética em termos de acento (ou seja, cada qual conservando o seu acento primário),

então, considera-se que tais palavras não estão participando de um processo de composição, mas se tratam apenas dos constituintes de um sintagma genitivo, cujo núcleo é modificado por um ou mais elementos do tipo genitivo ou adverbial. Isso ocorre com os exemplos seguintes:

$$(49) \quad [va'kaʔ]N + [pia'tiʔ]N \rightarrow [vaka_pia'tiʔ]N \rightarrow /vaka \# piati/$$

Água bicho bicho d'água

$$(50) \quad [i'viʔ]N + [pã'diʔ]N \rightarrow [i_vipã'diʔ]N \rightarrow /ivi \# pãdi/$$

Pau rede cama

$$(51) \quad [tʃiʔ]N + [dau'ɪʔ]N \rightarrow [tʃida_uɪ'ti]N + inst \rightarrow /tʃi \# dauɪ \# ti/$$

Fogo tabaco isqueiro

Podemos observar no último exemplo que elementos se juntam em processos de que resultarão palavras compostas com significados diferentes daqueles obtidos pelas formas individualizadas e, além disso, as representações fonéticas dos compostos apontam a adequação das formas antigas dos elementos à tipologia acentual da língua (ou seja, uma só unidade acentuada com acento na última sílaba), logo, poderemos concluir que os sintagmas constituem compostos autênticos. Além disso, as formas morfológicamente compostas que, entretanto, se comportam sintática e semanticamente como um nome individual, podem em certos casos separar seus elementos e obter glossas distintas.

O segundo critério utilizado para distinguir sintagmas de compostos é de cunho morfológico e diz respeito à flexão do genitivo. No caso da língua Shawã, o genitivo é marcado na língua através da sufixação do morfema **{-n}** e suas variantes posicionais no nome do possuidor. Assim sendo, o sintagma, abaixo ilustrado, seria um exemplo de construção genitiva na língua:

$$(52) \quad [\text{dau}'\text{a}\text{?}]\text{N} + [\text{pi}'\text{a}\text{?}]\text{N} \rightarrow [\text{dau},\text{api}'\text{a}\text{?}]\text{N}_{+\text{INST}} \rightarrow / \text{daua} \# \text{pia} /$$

Não-índio flecha espingarda

$$(53) \quad [\text{dau}'\text{ã}]\text{N} + [\text{pi}'\text{a}\text{?}]\text{N} \rightarrow [\text{dau},\text{ãbi}'\text{a}\text{?}]\text{N}_{+\text{INST}} \rightarrow / \text{dauã} \# \text{bia} /$$

Não-índio flecha flecha do branco

Quando, entretanto, o falante utiliza os dados **daua** ‘branco’ e **pia** ‘flecha’ em um processo de composição, o sentido obtido é um pouco diferente do que sugere a construção genitiva e, no exemplo (52) a marca **-n** ‘ergativo’ não é expressa.

5.5.3. O determinante e o determinado

Segundo Marchand (1969), de modo semelhante ao que ocorre com alguns casos de bases derivadas, também a criação de compostos, em geral, obedece a uma certa combinação de elementos linguísticos baseada na relação *determinante/determinado* dentro de um sintagma. Desse modo, uma forma lexical básica da língua pode sofrer uma restrição semântica ou determinação por parte de um determinante na formação de um composto. Em Shawãdawa, isso pode ser verificado em dados como os abaixo exemplificados:

$$(54) \quad [\text{dau}'\text{ã}]_{\text{DET}} + [\text{pi}'\text{a}\text{?}]_{\text{DDO}} \rightarrow [\text{dau},\text{ãbi}'\text{a}\text{?}]$$

$$(55) \quad [']_{\text{DET}} + [\text{ʃa}'\text{ka}\text{?}]_{\text{DDO}} \rightarrow [\text{tai}\text{ʃa}'\text{ka}\text{?}]$$

Notemos em que a base lexical simples **pia** ‘flecha’ submete-se a uma determinação por parte do determinante **dawa** ‘branco’. Em outras palavras, o falante se refere não mais a uma flecha qualquer, mas a uma “restrita”. Essa restrição é determinada pelo primeiro elemento do composto, isto é, **dawa**, o determinante. De modo análogo, o elemento **ʃaká** ‘casca’ é determinado pelo determinante **taj** ‘pé’, não se tratando de uma casca qualquer, mas daquela que é específica para cobrir os pés, isto é, um sapato, uma

sandália ou qualquer outro tipo de calçado. De acordo com a literatura, comumente são encontrados nas línguas dois tipos de compostos: os produtivos e os não-produtivos. Estes últimos se caracterizam por ter uma formação do tipo “adjetivação” em que não importa a posição (esquerda ou direita) ocupada pelos elementos participantes do processo (o determinado e o determinante). Os do tipo produtivos, por outro lado, seguem uma formação regular, em que os elementos constituintes apresentam-se em posições rígidas com o determinante (DET) sempre à direita do determinado (DDO).

5.6. Categorias linguísticas.

5.6.1. O nome

De acordo com algumas ideias tradicionais (por exemplo, Port Royal), a classe de palavras denominada ‘nome’ é definida em termos nocionais ou semânticos. Desse modo, ‘nome’ é uma palavra utilizada para referenciar pessoas, lugares, animais e coisas (nomes concretos) ou algumas propriedades, ações e estados (nomes abstratos). Por esse prisma, os dados expressos em (56) constituem alguns dos nomes concretos e abstratos da língua Shawādawa.

- (56) (a) aihu ‘mulher’
(b) dai ‘céu’
(c) aman ‘capivara’
(d) tari ‘roupa’
(e) awa ‘anta’
(f) vakisian ‘infância’
(g) isin ‘dor’

Segundo Givón (1990), os nomes carregam em si um conjunto de traços semânticos hierarquicamente organizados do seguinte modo: [ENTIDADE] [TEMPORAL] [CONCRETO] [ANIMACIDADE] [HUMANO]. Para Givón (1990), o

traço “entidade” significa “aquilo que tem existência”; o “temporal” é atribuído “àquilo que existe em um tempo particular”; o “concreto” é um traço presente “naquilo que tem existência tanto no tempo quanto no espaço”; a “animacidade” é o traço atribuído a “organismos vivos” e, finalmente, o traço “humano” está presente em “seres humanos”. Nesses termos, os nomes exemplificados podem ser descritos conforme (57), vejamos:

- (57) (a) aihu [ENTID], [CONCR], [ANIM], [HUM] ‘mulher’
 (b) aman [ENTID], [CONCR], [ANIM] ‘capivara’
 (c) dai [ENTID], [CONCR] ‘céu’
 (d) tari [ENTID], [CONCR] ‘roupa’
 (e) fakisian [ENTID], [TEMP] ‘infância’
 (f) isin [ENTID], [TEMP] ‘dor’
 (g) awa [ENTID], [TEMP] ‘anta’

Sob outro ponto de vista, o gramatical, o termo ‘nome’ pode ser redefinido a partir de suas propriedades morfológicas e sintáticas. Assim, uma determinada forma de palavra pertence à classe dos nomes de uma língua se nela pudermos detectar algumas categorias morfossintáticas inerentes ao nome como gênero, número, grau, caso, definitude entre outras. Ademais, se essa mesma forma puder funcionar como sujeito ou objeto em uma determinada sentença, então, também será considerada um nome (em oposição a outra classe de palavras como, por exemplo, o verbo). Desse modo, assumimos neste estudo os dois direcionamentos para definirmos o nome.

5.6.2. O gênero

Na língua Shawã, o gênero não é marcado morfológicamente no nome. Distinções como homem *versus* mulher podem ser observadas lexicalmente ou, então, ser inferidas pelo contexto extralinguístico. Quanto à distinção dentro do gênero natural (fêmea *versus* macho), na classe de nomes de seres humanos, o sexo é marcado por meio de

lexemas distintos, já no caso dos nomes dos animais, a diferenciação é feita pela posposição das formas **ãdihu** ‘macho’ ou ‘homem’ e **aihu** ‘fêmea’ ou ‘mulher’, como vemos a seguir:

- (58) (a) ãdihu ‘macho’ *versus* **aihu** ‘fêmea’
 (b) ipa ‘pai’ *versus* wa ‘mãe’
 (c) takara ‘galo’ *versus* takara **aihu** ‘galinha’
 (d) andu ‘paca macho’ *versus* andu **aihu** ‘paca fêmea’

5.6.3. O número

A categoria de número nos induz a uma subdivisão dos nomes Shawãdawa em duas subclasses semânticas também diferenciadas por meio da estrutura morfológica de seus membros: a) a das entidades que são enumeradas como somente uma unidade e b) a daquelas que podem ser contadas como mais de uma unidade. Embora a distinção entre singular e plural seja a manifestação mais comum da categoria número nas línguas do mundo, em Shawãdawa, sua aplicação se restringe aos nomes pertencentes à subclasse dos seres humanos; isto é, o plural dos nomes dessa classe é feito a partir da adição do sufixo **-hu** ao lexema base, como atestam os seguintes dados:

- (59) (a) nawa ‘pessoa não índia’ => nawa-hu ‘muita pessoas não índias’
 (b) vaki ‘menino’ => vaki-hu ‘meninos’
 (c) aihu ‘mulher’ => aihu-hu ‘mulheres’

Em contrapartida, a classe dos nomes de seres não-humanos bem como a dos inanimados não costuma marcar o número plural, ou então recorrem ao uso de quantificadores numerais dependendo, claro, da necessidade do falante de especificar o número das entidades em questão.

- (60) (a) kaman ‘cachorro’ => kaman ‘cachorros’

- (b) buskiti ‘pedra’ => muskiti visti uma pedra’
- (c) kapi ‘jacaré’ => kapi ravi ‘dois jacarés’
- (d) manja ‘banana’ => manjai ravi visti ‘três bananas’

Em muitas línguas naturais, nomes de entidades que não podem ser pluralizadas (massa ou matéria descontínua: “água”, “areia”, entre outros) e nomes que traduzem idéias abstratas (“amor”, “saúde”, entre outras) não podem ser contáveis. No Shawādawa, os falantes utilizam as expressões *itfapa* ‘muito’ e *itfapamisti* ‘pouco’ para quantificar esses tipos de nomes, tal como ilustrado nos seguintes dados:

- (61) (a) vaka itfapa ‘muita água’
- (b) vaka itfapamisti ‘pouca água’

5.6.4. O grau

Quanto à formação das categorias aumentativo e diminutivo na língua Shawādawa, os dados revelam uma gradação do nome que se realiza por meio de dois processos: um sintético e outro analítico. O primeiro está condicionado à divisão dos nomes nas classes humano e não-humano, já que apenas se processa em casos de não-humanos. Para o grau aumentativo, acrescenta-se o sufixo -tawan, enquanto o diminutivo é expresso pelo sufixo -misti ou -ista, como podemos ver nos respectivos dados:

- (62) (a) nunu ‘pato’ => nunu tawan ‘pato grande, patão’
- (b) pitu ‘piriquito’ => pitu misti ‘piriquito pequeno’
- (c) pitu ‘piriquito’ => pitu ista ‘periquitinho’ (menor ainda que o pequeno)

Já o processo analítico ocorre por meio da justaposição ao nome que vai ser marcado de duas formas: itʃapa para o aumentativo e para formar o diminutivo, utiliza-se o sufixo misti, os mesmos quantificadores de número, conforme demonstram os dados:

- (63) (a) takara itʃapa ‘galo grande’
(b) takara itʃapamisti ‘galo pequeno’

5.6.5. O caso

A categoria de caso diz respeito a algumas funções sintático-semânticas que os nomes (ou os sintagmas nominais) podem exercer como elementos de construções sintáticas. Nesse sentido é que, em exemplos clássicos como os das línguas latina e grega, costuma-se dizer que o caso nominativo está relacionado ao nome quando este tem a função de sujeito da sentença e complemento predicativo em oposição ao caso dativo que está associado ao beneficiário de uma ação ou, em termos da gramática tradicional, ao chamado objeto indireto.

Em uma perspectiva tipológico-funcional, casos como os acima mencionados estão relacionados aos nomes nucleares, ou seja, àqueles que desempenham funções sintáticas encontradas no centro das chamadas sentenças básicas ou independentes. Em contrapartida, existem casos que estão associados aos nomes oblíquos, assim chamados por desempenharem funções sintáticas encontradas fora do centro (isto é, na periferia) das sentenças básicas.

Considerando tal distinção, a língua Shawã, em se tratando de funções nucleares, apresenta os casos ergativo e absoluto. No que concerne às funções oblíquas, é possível observar os casos locativo, instrumental, comitativo e genitivo-possessivo.

5.6.5.1. O ergativo e o absolutivo

O caso ergativo está associado ao nome em função de sujeito de verbos transitivos. Por isso, morfologicamente, o nome costuma ser marcado com uma forma que deve ser distinta daquela usada para marcar o absolutivo, isto é, o caso que está relacionado aos nomes em função de sujeito de verbos intransitivos e também de objeto de verbos transitivos.

Desse modo, na língua Shawã o absolutivo é marcado no nome por meio do morfema zero - $\emptyset$. Em contrapartida, o caso ergativo é marcado por um sufixo **-nV**. A vogal do sufixo ergativo se realiza harmonizada com a última vogal da raiz ou pode ser apagada opcionalmente. Em outras palavras, se a vogal é realizada, os sufixos se realizam como **-ni**, **-na**, **-nu**, de acordo com a última vogal da raiz. Se esta vogal é apagada, /n/ permanece em coda e também é apagado. Neste caso, a presença do ergativo é notada pela nasalização da vogal da última sílaba da raiz, vejamos:

- (64) (a) takara - $\emptyset$ da - a - ki
Galinha - ABS morrer - PAS - DECL
'A galinha morreu.'
- (b) runu - **n** takara - $\emptyset$ daka - a - ki
Cobra - ERG galinha - ABS morder - PAS - DECL
'A cobra mordeu a galinha.'
- (c) Manoel - **nu** nãbi - $\emptyset$ pu - a - ki
Manoel - ERG carne - ABS comer - PAS - DECL
'Manoel comeu carne.'
- (d) kapi - **ni** takara - $\emptyset$ riti - a - ki
jacaré-ERG galinha-ABS matar-PAS-DECL
'O jacaré matou a galinha'

(e) takara - **na** fuki - ø pu - a - ki
galinha-ERG milho-ABS comer-PAS-DECL
'A galinha comeu o milho.'

(f) aman - **na** kaman - ø daka - a - ki
capivara-ERG cachorro-ABS morder-PAS-DECL
'A capivara mordeu o cachorro.'

(g) Salu - **nu** nambi - ø pu - a - ki
Salu-ERG carne-ABS comer-PAS-DECL
'Salú comeu carne.'

A alomorfia observada em relação à marca de ergatividade no nome é resultado de um processo de harmonia vocálica. Isso porque estamos interpretando que a forma do sufixo de ergatividade nessa língua é: {-n[V]}, em que **V** é não especificada para os traços de ponto. Com o processo de afixação, essa vogal acaba por assimilar o traço ou os traços especificados foneticamente para a vogal presente na sílaba final do nome dos seguintes modos: a) se o segmento vocálico expresso na sílaba final contém o traço [Coronal], logo, a vogal no sufixo ergativo será a alta anterior /i/, b) se, porém, é o traço [Dorsal], então, a vogal do sufixo será a central /a/, e, finalmente, c) se os traços forem [Dorsal] e [Labial], naturalmente, a vogal será a alta posterior /u/. No entanto, a ocorrência da vogal não é obrigatória sempre. Em falas mais informais e rápidas, uma forma opcional é meramente nasalizar a vogal precedente e apagar a nasal final da coda, processo que já vimos anteriormente.

5.6.6. O locativo

O caso locativo, como o próprio termo indica, diz respeito à função de localização espacial ou temporal exercida por um nome em uma sentença na qual o nome

marcado não é complemento direto do verbo. Quanto ao papel de localização espacial, em Shawādawa, dependendo de algumas distinções semânticas, o nome pode receber o sufixo: **-bira**. Mais especificamente, os dados que expressam o caso locativo no sentido de espaço são marcados pelo sufixo **-bira**:

- (65) (a) ãda asua -bira -ki
 língua boca-LOC-decl
 ‘A língua está na boca.’

- (b) kaman puʃu -bira -ki
 cachorro casa-LOC-DECL
 ‘O cachorro está dentro da casa.’

- (c) indu di -bira -ki
 onça mato-LOC-DECL
 ‘A onça está no mato.’

5.6.7. O instrumental

O caso instrumental está associado ao nome quando este exerce o papel de instrumento em uma determinada sentença. Na língua Shawādawa, o instrumental é marcado pelos sufixos **-ti**, conforme veremos no exemplos a seguir:

- (66) (a) shawa - n kusa - ti indu - ø riti - a - ki
 shawã-ERG faca-INSTR onça-ABS matar-PAS-DECL
 ‘o índio matou a onça com a faca.’

- (b) kaman - n suta - ti nambi - ø kuta - ki
 cachorro-ERG dente-INSTR carne-ABS cortar-DECL
 ‘O cachorro corta a carne com os dentes.’

(c) Kusi - ni biski - ti runu - ø riti - a - ki
 Kusi-ERG teçado-INSTR cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘Kusi matou a cobra com faca.’

(d) iasa - n pia - ti iaua - ø suma - a - ki
 Iasa-ERG flecha-INSTR peixe-ABS furar-PAS-DECL
 ‘Iasa furou o peixe com a flecha.’

5.6.8. O comitativo

O termo comitativo se refere ao caso de um nome que, em determinada sentença, exerce a função semântica de companhia de uma outra entidade expressa. Na língua Shawādawa, esse caso é marcado pelos sufixos **-vi** e **-vitan**. O primeiro é utilizado quando o verbo é intransitivo, o segundo, quando o verbo é transitivo, conforme mostram os dados abaixo:

(67) (a) fakihu - ø ainhu - **vi** ka - i - ki
 menino-ABS mulher-COM ir-N.PAS-DECL
 ‘O menino vai com a mulher.’

(b) kamã - ø naua - **vi** ka - a - ki
 cachorro -ABS não-indio-COM ir-PAS-DECL
 ‘O cachorro foi com o homem.’

(c) Kusi - ni célio - **vitan** iskin - ø pi - a - ki
 kusi-ERG célio-COM peixe-ABS comer-PAS-DECL
 ‘Kusi comeu os peixes junto com célio.’

(d) pirādawa - n ivumbá - **vitan** pia - ø ua - i - ki
 Pirādawa-ERG Ivumbá-COM flechas-ABS fazer-PRES-DECL

‘Pirãdawa está fazendo flechas junto com Ivumbá.’

5.6.9. O genitivo-possessivo

O idioma Shawã não faz distinção entre posse alienável e inalienável. Independentemente da natureza semântica do ser possuído (ou seja, partes do corpo, parentesco, entre outros), o possuidor é marcado pelo caso genitivo. Por outro lado, a noção de posse reforça a divisão da classe dos nomes possuídos em duas subclasses: a) a dos humanos e b) a dos não-humanos (incluindo-se aí a classe dos inanimados). Na primeira subclasse a posse é marcada morfologicamente como dependente, sendo o núcleo não marcado. O genitivo-possessivo tem a mesma forma que o caso ergativo. Assim, o sufixo **-n** e seus alomorfes **-na**, **-ni** e **-nu** são adicionados ao nome referente ao dependente (possuidor) ou, ainda, pela nasalização da última vogal desse nome, tal como demonstrado nos dados, a seguir:

(68) (a) kanamari - **ni** bapu tauã - ki

Kanamari-GEN(POSS) cabeça grande-DECL

‘A cabeça da Kanamarí é grande.’

(b) iasa - **na** vaki - ø di - bira ka - i - ki

Iasa-GEN(POSS) filho-ABS mata-LOC ir-N.PAS-DECL

‘O filho da Iasá vai para mata.’

(c) piradawã - **na** biskiti itʃapa-ba-ki

Piradawã -GEN(POSS) canoa grande-NEG-DECL

‘A faca do Pirãdawa é pequena.’

Já na subclasse dos não-humanos, não há marcas no nome do possuidor para indicar posse, como vemos nos dados seguintes:

- (69) (a) *istuku-ø taka itʃapamisti-ki*
 macaco-GEN(POSS) fígado pequeno-DECL
 ‘O fígado do macaco é pequeno.’
- (b) *iui-ø suka iopa-ki*
 árvore-GEN(POSS) casca grossa-DECL
 ‘A casca da árvore é grossa.’
- (c) *kapi-n aua-ø nambi-ø pi-a-ki*
 jacaré-ERG anta-GEN(POSS) carne-ABS comer-PAS-DECL
 ‘O jacaré comeu a carne da anta.’

Nesses casos, também comum em outras línguas Pano, parece-nos que a categoria de posse, tal como referida por Anderson (1985), co-ocorre com o caso genitivo, pois para que a informação não suscite dúvidas, os dados têm revelado que os falantes regularmente seguem a ordem possuidor e possuído na sentença. Devemos ressaltar que essa proposta de análise está pautada nos fatos do *corpus* de que dispomos da língua Shawã. Afinal, de acordo com Loos (1999a), que observou a função de posse em várias línguas Pano, o nome e o pronome são marcados morfologicamente por sufixação. Assim sendo, assumimos, a idéia de que a posse em Shawã originalmente teria sido marcada por um caso genitivo geral.

5.6.9.1. A definitude

A categoria definitude é observada quando o conteúdo expresso por um determinado nome apresenta-se *definido* para o falante em oposição ao que *é/está indefinido* no/pelo contexto extralinguístico. O que ocorre com a língua Shawã é que essa categoria restringe-se à classe dos nomes humanos e é marcada pelo morfema *-ø* que se contrapõe ao sufixo **-hu**, que também funciona como marca de plural, isto é indefinitude ou generalização do ser nomeado. Consideremos, por exemplo, os seguintes dados:

- (70) (a) vaki-ø ‘menino’
 ãdu-ø ‘velha’
 aiu-ø ‘mulher’
- (71) (b) vakihu ‘meninos (indefinido)’
 ãdu-hu ‘velha (indefinido)’
 ai-hu ‘mulher (indefinido)’

5.6.9.2. O adjetivo

Consta na literatura que a classe de adjetivos é constituída por palavras que denotam qualidades ou atributos de uma pessoa, um lugar, um animal ou uma coisa referenciada por um nome. Para Schachter (1985), apesar de apresentar alguns problemas, não se tem notícia de uma definição de cunho nocional melhor do que essa.

Do ponto de vista gramatical, contudo, o adjetivo pode ser definido como a palavra que funciona como modificador de nomes ou como predicativo. Corroborando a afirmação de Loos (1999a) de que as línguas da família Pano estão entre as que apresentam a classe dos adjetivos, apresentamos dados em que ocorrem palavras como adjetivos atendendo às funções de modificador e de predicativo; assim sendo o adjetivo em Shawã se posicionará a frente do nome que ele busca modificar, isto é mais direita do sintagm:

- (72) (a) vaki-ni ʃarakapa iskin-ø pua-a-ki
 menino-ERG bom peixe-ABS comeu-PAS-DECL
 ‘O bom menino comeu o peixe.’
- (b) daua-n indu-ø itʃapa riti-a-ki
 homem-ERG onça-ABS grande matar-PAS-DECL
 ‘O homem matou a onça grande.’

(c) puʃu biʃu-ki
 casa suja-DECL
 ‘A casa suja.’

(d) aihu ʃaraka-pa
 mulher bom-ADJ
 ‘A mulher bonita.’

Por não contar com palavras copulativas ou predicadores, para estabelecer a relação entre sujeito e predicativo, a língua Shawã utiliza como estratégia a justaposição, como observamos nos dados. Isso aponta para uma interpretação de que nessa língua a ordem de constituintes na sentença é extremamente rígida em relação à posição do predicativo, ou seja, à direita. Além disso, outra estratégia utilizada para distinguir as formas em função de sujeito daquelas que ocupam a posição de predicativo é a afixação do morfema **-ki** ao predicativo, que marca o modo declarativo. Note que considero este morfema um clítico¹² que se agrega ao final do predicado como um todo. Deste modo, podemos encontrar antes deste clítico, palavras classificadas como nomes, adjetivos ou verbos, dependendo de que está no final do predicado.

- (73) a) Pandi -kí ‘rede’
 rede - DECL
- b) nu puj -kí ‘o cocô dele’
 dem cocô -DECL

Já a negação dos adjetivos pode ser feita através do sufixo **{-ba}**.

¹² Cabe aqui mencionar que o que consideramos clíticos são estruturas intermediárias entre morfema e palavra, ou seja, sintaticamente tem comportamento mais similar a uma palavra e fonologicamente é dependente de outras estruturas adjacentes.

(74) (a) vaki ʃara-ba-ki
menino bom-NEG-DECL
'O menino não é/está bom.'

(b) puʃu biʃu-ba-ki
casa suja-NEG-DECL
'A casa não está suja.'

(c) i tari ʃara-ba -ki
1ps roupa nova-NEG-DECL
'Eu não tenho roupa bonita.'

5.6.9.3. O verbo

Consta na literatura que a classe dos verbos, em termos nocionais, é definida como aquela que abarca palavras que denotam ações, processos, estados ou mudança de estado do sujeito. Em termos gramaticais, o verbo é definido como a classe de palavras que inclui categorias como gênero, pessoa, número, modo, tempo, aspecto, voz, entre outras. Não há dúvidas de que tanto a primeira como a segunda definição, da mesma forma que a classe dos nomes, não pode ser concebida sem levar em consideração o comportamento sintático e lógico dessas classes de palavras. Isto é, ao tratarmos de nome e verbo, estaremos nos remetendo às relações sintáticas (sujeito/predicado) ou lógicas (agente/ação ou paciente/ação, descrição) estabelecidas entre ambos. Em termos sintáticos, na língua Shawã, o verbo funciona como predicado e, de acordo com o número de argumentos que admite, se distingue em intransitivo e transitivo. O verbo intransitivo admite apenas um argumento, isto é, para se ter a informação total não é necessário um segundo argumento como apoio; já no caso do transitivo, ele conta com ao menos um complemento, uma vez que ele não se constitui por si só:

- (75) (a) aihu- $\emptyset$ da-a-ki
mulher-ABS morrer-PAS-DECL

ARG1 V

‘A mulher morreu.’

- (b) takara-na kamã- $\emptyset$ riti-a-ki
takara-ERG cachoro-ABS matar-PAS-DECL

ARG1 ARG2 V

‘o cachorro matou a galinha.’

Semanticamente, os verbos intransitivos poderiam ainda ser divididos em dois tipos: os descritivos e os ativos. Estes últimos incluem de forma predominante os verbos que implicam volição e controle por parte do sujeito, como “correr” e “falar”. Já os verbos descritivos se caracterizam por expressar sentidos relacionados com adjetivos os quais, sintaticamente, apresentam comportamento semelhante ao de verbos. Em Shawã, os enunciados aparentemente descritivos não apresentam formas verbais, mas, apenas a presença do morfema de modo declarativo **-ki** afixado aos adjetivos.

No que concerne às categorias pelas quais o verbo pode ser morfologicamente especificado, em geral, elas são sistematizadas com base nas oposições funcionais que costumam estabelecer através de formas lexicais em uma determinada língua. Tais oposições, segundo Jakobson (1957), levam em consideração a relação estabelecida entre o ato da fala e o evento narrado. Assim sendo, por meio das categorias verbais é possível determinar e caracterizar linguisticamente ou através do discurso o gênero, o número ou a pessoa do(s) participante(s) do acontecimento comunicado. Ademais, também é possível estabelecer a voz e o modo, categorias determinantes das relações entre os participantes e o acontecimento comunicado, bem como caracterizar o aspecto do referido acontecimento e o tempo de realização do mesmo.

Na língua que investigamos, dentre as categorias que afetam o participante do acontecimento descrito pelo verbo, o modo e o tempo-aspecto apresentam-se morfologicamente marcado na estrutura verbal. Já sobre a categoria de pessoa, outras

línguas da mesma família apresentam marca morfológica de plural no verbo; todavia, até onde pudemos observar, no Shawã, isso não ocorre em nossos dados. O fato é que em alguns poucos dados percebemos a ocorrência na estrutura verbal do morfema **-hu** (que estamos interpretando como marca de plural no âmbito do nome), com um comportamento semelhante ao da categoria número. Isso ocorre em um contexto específico, ou seja, em construções em que há reciprocidade entre os argumentos do verbo, exclusivamente, quando estes são de 3ª pessoa.

Nesses casos, o morfema **{-hu}**, também expressa definitude, é afixado ao verbo para indicar que o sujeito é plural, tal como nos dados, a seguir:

- (76) a) jura-n bɨʃu - nun - **hu** - a - ki
 índios-ERG sujar-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘Os índios se sujaram (umas às outras).’
- (b) nu iki - nun - **hu** - a - ki
 1PL brigar-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘nós brigamos’
- (c) kusi-ø pirãdawa-ø tutu - **nun** - **hu** - a - ki
 Kusi-ABS Pirãdawa-ABS brincar-RECPR -NUM(PL) -PAS -DECL
 ‘Kusi e Pirãdawa brincaram (uma com a outra).’
- (d) nu kuʃa bapu - **nun** - hu - a - ki
 1PL bater cabeça-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL
 ‘nós batemos as cabeças (uma na outra).’

Embora não tenhamos evidências maiores disso, nossa interpretação é a de que nesse tipo de construção o morfema **-hu** tem a função de reafirmar o número plural de sujeitos envolvidos no evento verbal. Em termos formais, isso se dá sempre em conjunto com a forma **-nun**, que indica a relação recíproca entre sujeito e objeto, como já mostramos

nos dados em acima. Além disso, é importante mencionar que, além da marca de reciprocidade, a língua também marca a voz reflexiva. Para tanto, a forma utilizada pelos falantes é **-mi**, como podemos constatar através dos seguintes exemplos:

- (77) (a) célio-nu piku - **mi** - a - ki
célio-ERG pintar-REFLX-PAS-DECL
'Célio se pintou.'

- (b) aihu-nu uin - **mi** - a - ki
mulher-ERG olhar-REFLX-PAS-DECL
'mulher se olhou (no espelho).'

- (c) nu kufa - **mi** - a - ki
1pp cortar-REFLX-PAS-DECL
'Nós nos cortamos.'

Quanto à voz passiva, como na maioria das línguas ergativas, não ocorre. De modo geral, quando solicitamos aos informantes dados que poderiam indicar a voz passiva, estes nos forneciam sentenças em que um nome figura sempre como sujeito/agente do acontecimento relatado. Nesses dados, o agente é sempre indicado pelo caso ergativo nas formas nominais referentes ao sujeito de verbos transitivos, e, ainda, pela ordem dos constituintes na sentença, ou seja, (Agente)OV, tal como veremos nos dados seguintes:

- (78) (a) kusi-**ni** atsa-∅ pu-a-ki
kusi-ERG mandioca-ABS comer-PAS-DECL
pergunta: 'quem comeu a macaxeira.'
resposta: 'kusi comeu a macaxeira.'

- (b) nawã-**na** aihu-∅ iskin-∅ inda-a-ki
homem-ERG mulher-DAT peixe-ABS dar-PAS-DECL

pergunta: ‘quem deu o peixe para mulher’

resposta: ‘O homem deu o peixe para a mulher.’

Na sequência, passaremos a descrever, então, as categorias atestadas nos verbos do Shawã. Cabe aqui dizer que a ordem dos morfemas é VERBO-ASPECTO-TEMPO-MODO.

5.6.9.3.1. O modo

A categoria de modo é aquela que define a posição do falante na relação ação verbal ou finalidade, ou seja, é o pensamento que o falante exprime acerca de tal relação. Geralmente, o falante considera tal acontecimento como consumado, verossímil (um fato incerto), condicionado, isto é, exprime um desejo ou uma exigência, entre outros. Assim, registramos a ocorrência dos modos: declarativo, imperativo e interrogativo.

5.6.9.3.2. O declarativo

O modo declarativo, como o próprio nome denota, indica o modo objetivo que o falante declara uma ação (ou mais) como consumada(s), realizada(s). Para tanto, o falante da língua Shawã utiliza o sufixo **-ki** que, como ilustram os exemplos, abaixo, ocorre sempre em final de sentença, sejam elas simples ou coordenadas :

- (79) (a) vaki-ni nambi-ø pua-**ki**
menino-ERG carne-ABS comer-PRES-DECL
‘O menino está comendo carne.’

- (b) kaman-na takara-ø riti-a-**ki**
cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS-DECL
‘O cachorro matou a galinha.’

(c) takara-Ø da-a-**ki**
 galinha-ABS morrer-PAS-DECL
 ‘A galinha morreu.’

(d) vakihu-Ø it̥ʃu - a - paki - a sian-a-**ki**
 menino-ABS correr-PAS-cair-PAS chorar-PAS-DECL
 ‘O menino correu, caiu e chorou.’

5.6.9.3.3. O imperativo

O modo imperativo está relacionado à noção de comando, ou seja, caracteriza a situação em que o falante deixa claro que o acontecimento verbal deve ser assimilado pelo ouvinte (naturalmente, a segunda pessoa do discurso, cujo número é determinado exclusivamente pelo contexto) como uma ordem, vontade, pedido, consentimento, exortação ou conselho. Para expressar sua forma afirmativa, o falante apenas recorre ao morfema **-wi**, enquanto o negativo é feito com a forma **-ama** precedendo o sufixo do imperativo, conforme os dados:

(80) (a) pi-**ui**
 comer-IMPER
 ‘Coma!’

(b) ka-**ui**
 ir-IMPER
 ‘Vá!’

(c) pi-**ama-ui**
 comer-NEG-IMPER

‘Não comam!’

(d) ka-**ama-ui**

ir-NEG-IMPER

‘Não vá!’

5.6.9.3.4. O interrogativo

O modo interrogativo é aquele por meio do qual se manifesta uma dúvida acerca do acontecimento comunicado e, em consequência, um pedido de confirmação ou negação dele ou, ainda, de explicações que sanem tais dúvidas. Eventualmente, nas formas verbais, o sufixo **-man** indica a categoria modo interrogativo, como vemos nos dados:

(81) (a) vaki-ni nambi-ø pu-a-**man**
menino-ERG carne-ABS comer-PRES-INTERR
‘O menino está comendo carne?’

(b) kaman-na takara-ø da-a-**man**
cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS-INTERR
‘O cachorro matou a galinha?’

Conforme nos mostram os dados, as sentenças são do tipo polares, ou seja, aquelas que requerem respostas do tipo “sim” ou “não”. O modo interrogativo apenas figura em sentenças interrogativas desse tipo, pois nas não-polares o caráter interrogativo é dado também por formas pronominais que serão discutidas mais à frente.

5.6.9.3.5. O condicional

No que concerne ao morfema de condicionalidade, encontramos **-ʃ** para indicar a relação de condicionamento entre dois eventos verbais, os falantes não recorrem a construções de subordinação, como veremos posteriormente. Ao que parece, há uma justaposição de duas sentenças e a primeira é marcada pelo modo condicional, vejamos o exemplo:

- (82) [mi tʃimbu-ø aja - ba - ʃ, mi da - i - ki] Grupo I
2SG cipó-ABS beber-NEG-SR(SI), 2SG morrer-FUT-DECL

[mi tʃimbu-ø aja-ʃ, mi da - ba - ki] Grupo II
2SG cipó-ABS beber-SR(SI), 2SG morrer-NEG-DECL

pergunta: ‘Se você não beber o cipó, você morrerá.’

resposta: ‘Você bebe o cipó, você não morre;

“ Se você não beber o cipó, morrerá.”’

5.6.9.3.6. O tempo-aspecto

A categoria de tempo do verbo caracteriza o fato de que ações, processos, estados ou mudanças de estado configuram acontecimentos representados em um determinado tempo em relação ao momento da enunciação. Em outras palavras, essa categoria é considerada idêntica à relação temporal do acontecimento verbal com o momento em que ele é comunicado pelo falante, ou seja, o momento da enunciação, daí seu caráter dêitico, conforme atestado por Jakobson (1957). Assim, o tempo presente se identifica com o momento da enunciação ou com a instância da fala, o passado corresponde a um momento anterior a ela e o futuro a um momento posterior.

Ao contrário do presente, o passado e o futuro precisam ser marcados no enunciado. Para tanto, segundo Benveniste (1974 apud Fiorin, 2003) faz-se uma ancoragem do tempo linguístico no tempo cronológico, isto é, no tempo dos acontecimentos, do calendário.

5.6.9.3.6.1. O passado

O tempo passado, em Shawã, diz respeito a acontecimentos que devem ter se dado em 3 aspectos distintos: imediato, recente e remoto. Todos esses tipos de passado têm como momento de referência presente um “agora”. Desse modo, em relação a esse “agora”, o momento do acontecimento é anterior. Em termos gerais, podemos dizer que as subcategorias de passado são um tempo enunciativo. A distinção entre os tipos de passado diz respeito somente à quantidade de tempo decorrido entre o momento da enunciação (ME) e o momento do acontecimento (MA) do evento verbal. Assim, o tempo passado imediato se refere ao mesmo dia do momento da enunciação (ou do ato de fala), ou seja, aquele em que a ação ou processo tenha se realizado. Esse tempo é expresso pelo sufixo **-i**, como vemos nos dados seguintes:

- (83) (a) aihu-Ø ka - i - ki
mulher-ABS ir-PAS(imediato)-DECL
‘O mulher foi embora (ME: poucas horas depois do MA).’

- (b) vaki-Ø raka-i vaka-ki
menino-ABS deitar-PAS(imediato) rio-DECL
‘O menino deitou no rio (ME: minutos depois do MA).’

Já o passado recente se refere a um, dois ou até três dias anteriores ao momento da enunciação. Esse tempo é caracterizado pelo sufixo **-tambia** conforme exemplos:

(84) (a) vakihu-nu nambi- $\emptyset$ pi - **tambia** - ki
 menino-ERG carne-ABS comer-PAS(recente)-DECL
 ‘O menino comeu carne (ME: um dia depois do MA).’

(b) kaman-na takara- $\emptyset$ riti - **tambia** - ki
 cachorro-ERG galinha-ABS matar-PAS(recente)-DECL
 ‘O cachorro matou a galinha (ME: três dias depois do MA).’

Se o acontecimento tiver ocorrido em um tempo passado longínquo desde que sejam semanas, meses ou poucos anos antes do momento da enunciação, o falante também utiliza o sufixo - **tambia**, como vemos nos exemplos, abaixo:

(85) (a) vaki-ni nambi- $\emptyset$ pi - **tambia** - ki
 menino-ERG carne-ABS comer-PAS(longínquo)-DECL
 ‘O menino comeu carne (ME: uma semana após o MA).’

(b) takara- $\emptyset$ da - **tambia** - ki
 galinha-ABS morrer-PAS(longínquo)-DECL
 ‘A galinha morreu (ME: mais ou menos um mês após o MA).’

Contudo, se o tempo a ser expresso é um passado remoto, ou seja, a ação ou o processo realizado ocorreu muitos anos antes do momento da fala, então, o sufixo usado é - **bis**, como nos seguintes dados:

(86) (a) indu- $\emptyset$ ka-i-bis
 onça-ABS ir-PAS(remoto)
 ‘A onça foi embora (ME: muitos meses após o MA).’

(b) andihu-ø pãdi-bira raka - i - da - bis
velha-ABS rede-LOC deitar-PAS-morrer-PAS(remoto)
‘A velha caiu no rio e morreu (ME: anos após o MA).’

Algumas vezes, o tempo indicado pelos sufixos descritos nos parece relativo, pois eventualmente o falante emprega o sufixo de passado recente para referir-se a uma ação que ocorreu há dois ou três anos quando a compara a algo que ocorreu há muito tempo. Muitas comunidades indígenas usam para quantificar o mês, a Lua e para o dia, o Sol. Nesse sentido, por exemplo, o passado imediato localiza-se num intervalo entre o nascer e o pôr-do-sol; no período anterior a este, temos o passado recente; em um período de um ciclo da lua temos o passado longínquo; enquanto o passado remoto se refere a muitas lunações. Como o tempo psicológico (subjetivo) pode ser muito diferente do tempo cronológico (objetivo), o uso de um ou outro passado depende fundamentalmente do ponto de vista do falante.

Tomando-se, então, o momento da enunciação ou fala como ponto de referência para eventos verbais, podemos sumarizar o sistema de sufixos verbais temporais relativos ao tempo passado enunciativo.

5.6.9.3.6.2. O presente

De acordo com Fiorin (2003), o tempo presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. No presente deve ocorrer uma tríplice coincidência entre os dois momentos já referidos e ainda o momento da enunciação (ou da instância da fala). Essa coincidência é marcada pelo englobamento do momento da enunciação e pelo momento da referência. Ainda segundo Fiorin (op. cit.), há três casos de relações entre o momento da enunciação e o da referência: a) o presente pontual, caracterizado pela coincidência total entre o momento da enunciação e o de referência; b) o presente durativo que se caracteriza pelo fato de o momento de referência ser mais longo do que o da enunciação (embora, em algum momento sejam simultâneos, claro); c) o presente omnitemporal ou gnômico que tem como característica o fato de o

momento de referência ser ilimitado e, por consequência, também o ser o momento do acontecimento.

Em Shawādawa, para indicar que o evento verbal ocorre em um ponto preciso no tempo e coincide com o momento da enunciação (caracterizando, assim, o chamado presente pontual), os falantes recorrem ao sufixo -kandi, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (87) (a) ui-∅ paki - kandi - ki
chuva-ABS cair-PRES(pontual)-DECL
'Está chovendo (ME: simultâneo ao MA).'
- (b) aihu-n iapa-∅ pu - kandi - ki
mulher-ERG peixe-ABS comer-PRES(pontual)-DECL
'A mulher está comendo peixe (ME: simultâneo ao MA).'

O sufixo - **kandi** também é usado para indicar que o evento verbal tem uma duração superior ao momento da enunciação, embora com ele coincida em algum momento. Abaixo, temos exemplos do presente durativo de continuidade:

- (88) (a) aihu-∅ ka - kandi - ki
mulher-ABS ir-PRES(durativo)-DECL
'A mulher está indo embora (encontra-se a caminho de casa).'
- (b) Salu-n nambi-∅ pu- kandi -ki
salu-ERG carne-ABS comer-PRES(durativo)-DECL
'O Salú está comendo carne (agora e enquanto a festa durar).'

Também para enunciar as chamadas verdades eternas ou que se pretendem como tal, ou seja, para marcar o presente omnitemporal ou gnômico (Fiorin, 2003), os falantes utilizam o sufixo -**kandi**, como nos mostram os exemplos, a seguir:

- (89) (a) rundu-n jura-∅ riti - kandi - ki
 rundu-ERG índio-ABS matar-PRES(omnitemporal)-DECL
 ‘A cobra mata índio (ME: simultâneo ao MA).’

- (b) vakihu-∅ tutu - kandi - ki
 menino-ABS brincar-PRES(omnitemporal)-DECL
 ‘Os meninos brincam (ME: simultâneo ao MA).’

5.6.9.3.6.3. O futuro

Como dito anteriormente, o tempo futuro marca uma posterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento da enunciação. Em Shawã, quando há previsão ou suposição de que o evento verbal ocorra imediatamente ou em algumas horas após o momento de referência presente, os falantes utilizam o sufixo **-i**, que entendemos como futuro imediato:

- (90) (a) aihu-∅ ka - **i** - ki
 mulher-ABS ir-N.FUT-DECL
 ‘A mulher vai embora (MA: hoje).’

- (b) jura-n nambi-∅ pu-**i**-ki
 índio-ERG carne-ABS comer-N.FUT-DECL
 ‘O índio comerá carne (MA: daqui a pouco).’

Contudo, se a realização do evento verbal for a partir do dia posterior ao momento da enunciação, então, o sufixo utilizado para marcar o futuro é o **{-u}**, como nos dados, abaixo:

- (91) (a) dawa - ∅ kai-ka-u -ki
 Homem branco-ABS ir-FUT-? -DECL
 ‘O homem vai embora (MA: amanhã).’

- (b) iura-n nambi-ø pua-ka-u –ki
 índio-ERG carne-ABS comer-FUT-?-DECL
 ‘O índio comerá carne (MA: no próximo mês).’

Em virtude da diferença estabelecida na noção de tempo pelos falantes, poderíamos dizer, então, que o sufixo -kandi projeta a referência temporal para um ponto mais imediato (equivalente ao período anterior ao próximo “raiar da luz do sol”), enquanto -u a remete para um ponto mais distante (desde que seja após o “raiar do sol” do dia seguinte). O futuro recente é expresso por -i:

- (92) (a) aihu-nu manja-ø **ɟui-ka-i**-ki
 mulher -ERG banana-ABS assar-N.FUT-DECL
 ‘A mulher assará banana (ME: antes do MA).’

- (b) jura-n nambi-ø **pu-ka-i**-ki
 índio-ERG carne-ABS comer-N.PAS-?-DECL
 ‘O índio comerá carne (ME: antes do MA).’

5.6.9.3.6.4. O aspecto

A categoria aspecto também está relacionada com o tempo. No entanto, o aspecto diz respeito à caracterização da atividade indicada no evento verbal em relação ao seu “tempo de constituição”, ou seja, sua duração. Essa caracterização geralmente classifica os acontecimentos verbais em conclusos ou inconclusos. Os primeiros são assim considerados quando são levados até o final, ou seja, quando apresentam um aspecto completo. Os últimos, por sua não conclusão, são considerados de aspecto incompleto.

Na língua Shawã, o evento verbal pode apresentar-se ao falante com os seguintes aspectos: pontual (completo), durativo (incompleto ou continuativo), iminentivo e frustrativo. A maioria dessas subcategorias de aspecto se apresenta ligada à categoria de

tempo. O sufixo **-ka** estabelece o aspecto imperfeito ou incompleto do evento. De acordo com Comrie (1976), aspectos são diversas formas de vermos os componentes internos de um evento ou situação, assim sendo, vejamos os exemplos:

- (93) (a) aihu-nu manja-ø ʃui - ka - u - ki
mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(INCOMPL)-?-PAS(remoto)
‘A mulher assava banana.’
- (b) iura-n nambi-ø pu - ka - u - ki
povo-ERG carne-ABS comer-ASP(INCOMPL)-?-PAS(remoto)
‘O índio comia carne.’

Em contrapartida, o aspecto completo de eventos como os apresentados nos exemplos, não é marcado nas estruturas, conforme podemos ver nos dados, a seguir:

- (94) (a) aihu-n manja-ø ʃui - ø - ki
mulher-ERG banana-ABS assar-ASP(COMPL)-PAS(remoto)
‘A mulher assou banana.’
- (b) iura-n nambi-ø pu - ø - ki
índio-ERG carne-ABS comer-ASP(COMPL)-PAS(remoto)
‘O índio comeu carne.’

De forma semelhante, ao lado de outros sufixos que traduzem informações sobre a categoria de tempo nessa língua, o morfema zero, $\emptyset$, também pode estar ligado a certas categorias de aspecto: junto de **-i**, o qual, como já registrado, indica o passado imediato, o morfema zero marca o aspecto completo no tempo passado recente, e finalmente, afixado a **-tambia**, que indica tempo longínquo, marca o aspecto completo; vejamos:

(95) (a) mi ka - **i** - ki

3ps ir-ASP(COMPL)-PAS(imediato)-DECL

‘Ele já se foi.’

(b) indu-nu tʃaʃu-∅ pua - ∅ - **i** - ki

onça-ERG veado-ABS comer-ASP(COMPL)-PAS(recente)-DECL

‘A onça comeu o veado.’

(c) aihu-nu takara-∅ riti - ∅ - **i** - ki

mulher-ERG galinha-ABS matar-ASP(COMPL)-PAS(recente)-DECL

‘A mulher matou a galinha.’

(d) rundu-nu takara-∅ riti - ∅ - **tanbia** - ki

cobra-ERG galinha-ABS matar-ASP(COMPL)-PAS(longínquo)-DECL

‘A cobra matou a galinha.’

5.6.9.3.6.5. O desiderativo

Em Shawã, as construções com verbos de modalidade são, em termos estruturais, sentenças simples. As noções de “modalidade” não figuram em uma sentença dependente da oração matriz, mas sim como um morfema de modo desiderativo ligado ao verbo. Note que morfema desidetrativo **-pai** ocorre antes de um morfema de modo, como é o caso de morfemas de aspecto nesta língua. Por este motivo, analisamos o morfema desiderativo como um morfema aspectual nesta língua.

(96) i iskin-∅ piw-**pai**-ki

1SG(NOM) peixe-ABS comer-DES-DECL

‘Eu queria comer peixe.’

(b) induj- $\emptyset$ di-bira itsu-**pai**-ki

onça-ABS mata-LOC fugir-DES-DECL

‘A onça queria fugir para a mata.’

(c) ma mi awa- $\emptyset$ di-**pai**-ki

1SG(NOM) 1ps(Oi) 2PL(ACUS) anta-ABS matar-DES-DECL

‘Eu gostaria que você matasse anta para mim.’

(d) mi aman nambi- $\emptyset$ ʃi-**pai**-ki

2SG(NOM) carne-ABS assar-DES-DECL

‘Você quer assar a carne?’

(e) mi vaka-bira ka-**pai**-ki

3SG (ABS) Feijó-LOC ir-DES-DECL

‘Ele quer ir para o rio.’

Isso implica que a categoria modalidade é co-lexicalizada, ou seja, tal como teorizado por Givón (1990), o complemento ocorre adjacente ao verbo principal, este é expresso pelo morfema preso, enquanto o verbo complemento apresenta-se como base.

5.6.9.3.6.6. A negação verbal

Em outro momento demonstramos o imperativo negativo marcado pelo sufixo -**ama**. Oportunamente, acrescentamos que essa forma ocorre exclusivamente com o modo imperativo, porque de modo geral, os falantes expressam negação via sufixo -**ba** que, também pode ser ligado aos adjetivos em função predicativa ou não, como podemos ver nos seguintes exemplos:

(97) (a) daua- $\emptyset$ da-a-ba

Não índio-ABS morrer-PAS-NEG

‘O homem não morreu.’

(b) i istuku-∅ pu-a-ba

1SG macaco-ABS comer-N.PAS-NEG

‘Eu não como macaco.’

(c) i istuku-∅ pua - bis - i - ba

1SG macaco-ABS comer-ASP(HAB)-N.PAS-NEG

‘Eu não costumo comer macaco.’

5.6.9.3.6.7. O causativo

Algumas línguas do mundo apresentam um processo morfossintático caracterizado pela afixação de alguns morfemas ao verbo principal da sentença indicando causatividade. Em Shawã, verificamos dois tipos de construções causativas: uma constituída pelo morfema - **ma** sufixado ao verbo principal e outra pelo verbo wa ‘fazer’ que também aparece ligado ao verbo principal. O primeiro caso é ilustrado pelo par de exemplos, abaixo:

(98) Sujeito Vintransitivo

vaki-∅ ʃian-a-ki

menino-ABS chorar-PAS-DECL

‘O menino chorou.’

(99) Agente Sujeito Vtransitivo

Kama-n vaki-∅ ʃian - ma - a - ki

cachorro-ERG menino-ABS chorar-CAUS-PAS-DECL

‘O cachorro fez o menino chorar.’

Como podemos ver, acima, o morfema **-ma** é sufixado ao verbo principal para indicar que o evento ou estado por ele referenciado é *causado* por um elemento distinto daquele que na sentença simples, e ocupa a função de sujeito. Ademais, notemos que o sufixo **-ma** funciona como uma espécie de transitivizador. Na realidade, em termos semânticos o verbo *ſian* ‘chorar’ mantém-se como intransitivo, no sentido de não exigir um argumento do tipo objeto. Todavia, do ponto de vista formal, embora a função do sujeito agente do verbo principal seja mantida na sentença, o morfema **-ma** cria uma função sintática antes não existente, ou seja, a de sujeito de verbo transitivo, a qual é exercida pelo elemento causador (*causer*) do evento verbal em questão. Ao mesmo tempo, como predicado de **A**, temos a estrutura composta por **S** e o verbo *ſian* ‘chorar’.

O morfema causativo **-ma** não se restringe a verbos intransitivos. Também em bases verbais transitivas, conforme podemos constatar no par de exemplos, a seguir, é possível encontrarmos o sufixo de causativo:

(100) **A O Vt**

Vaki - ni rundu-Ø riti-a-ki
 menino-ERG cobra-ABS matar-PAS-DECL
 ‘O menino matou a cobra.’

(101) **A1 A2 O Vt**

ipa-n vaki-ni rundu-Ø riti - **ma** - a - ki
 mãe-ERG menino-ERG cobra-ABS matar-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mãe fez o menino matar a cobra.’

Reparemos, agora, que a exemplo do que vimos anteriormente, também nesse tipo de construção uma nova posição **A** de argumento é criada e co-ocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo, a introdução do morfema causativo e do elemento *causer* do evento ou estado verbal nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes da sentença que é **[S(CAUSER)S(S ou A)OV-CAUS]**. Em suma, tanto nos

casos em que o verbo é intransitivo quanto naqueles em que é transitivo, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito.

Outra característica morfossintática que se mantém após a introdução do morfema causativo em uma sentença diz respeito ao sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo, pois no caso de verbo intransitivo, ao passo que o *causer* é marcado pela nasalidade para indicar o caso ergativo, o outro argumento verbal figura marcado pelo caso absolutivo, ou seja, $\emptyset$. Por outro lado, quando se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto o sujeito **A** levam a marca de caso ergativo, em contrapartida, os objetos são marcados pelo caso absolutivo.

A segunda forma de indicar sentenças causativas em Shawã é feita por uma espécie de locução constituída pelo verbo principal e um auxiliar, **wa** ‘fazer’. O interessante desse tipo de construção é o fato de o verbo **wa** perder sua característica de palavra para figurar como um morfema que se prende ao verbo principal. A exemplo de outras categorias linguísticas o verbo **wa** ‘fazer’ é, então, associado ao verbo principal como um sufixo com comportamento semelhante ao de outros morfemas verbais, por exemplo, tempo, negação, modo, entre outros. Os dados, a seguir, referenciam tal tipo de causativização:

- (102) (a) ipa -n vaki - hu - $\emptyset$ ma ſian - **ua** - a - ma - ki
 pai-ERG menino-DEF-ABS já (ADV) chorar-CAUS-PAS-NEG-DECL
 ‘A mãe acaba (já) de fazer o menino não chorar.’

- (b) mi ma itſapa ratſa - **ua** - a - ki
 2SG 1PL muito(ADV) trabalhar-CAUS-PAS-DECL
 ‘Você me fez trabalhar muito.’

- (c) aihu-nu vaki-hu-nu manja- $\emptyset$ pu - **ua** - a - ki
 mulher -ERG criança-DEF-ERG banana-ABS comer-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mulher fez a criança comer banana.’

(d) indu-nu pitu-∅ ua - **ua** - a - ki
 onça-ERG periquito-ABS correr-CAUS-PAS-DECL
 ‘A onça fez o periquito correr.’

Sobre esse último tipo de causativização, ressaltamos que pesquisadores de outras línguas Pano, como, por exemplo, Eakin (1991), alertam para o fato de tanto o verbo “fazer” quanto o morferma causativo apresentarem a mesma forma. Essa autora, ao descrever a língua Yaminahua do Peru, utiliza como argumento o fato de verbos não poderem receber prefixos. Isto é, se **-ua** fosse considerado um verbo, a forma que imediatamente a antecede na estrutura verbal deveria ser considerada um prefixo. Todavia, a posição em que **-ua** ocorre na estrutura verbal é exclusiva de sufixos que imediatamente seguem uma base verbal que, por sua vez, não pode ser interpretada como um prefixo. Isso distingue naquela língua wa ‘verbo fazer’ de **-ua** sufixo marcador do causativo.

5.6.9.4. O advérbio

Em termos nocionais, a classe dos advérbios é definida como aquela que compreende palavras ou expressões que indicam circunstâncias de modo, tempo, lugar, intensidade, entre outras. Do ponto de vista funcional, o advérbio constitui formas comumente relacionadas ao verbo, ou seja, são aquelas que ampliam o sentido dessa classe de palavras, tais como os substantivos temporais e os que exercem o papel de instrumento, causa, localidade, entre outros. Contudo, alguns advérbios também podem estabelecer relações com elementos de outras classes de palavras, em geral, o adjetivo ou o próprio advérbio.

Quanto aos tipos de advérbios, estes se distribuem de acordo com a posição espacial ou temporal do falante e, ainda, segundo a maneira como este visualiza o estado das coisas ou dos seres designados nas sentenças. Além disso, as características gramaticais e semânticas dos advérbios podem variar conforme o comportamento dos itens lexicais dos quais eles derivam (Givón, 1990). Assim, configuram subclasses dos advérbios: as formas locativas e temporais (ambas derivadas de formas dêíticas e de demonstrativos),

intensificadoras e modalizadoras (originadas em geral dos adjetivos), interrogativas (advindas dos pronomes interrogativos), entre outras.

Em Shawã, a classe dos advérbios é representada pelos locativos, temporais, intensificadores e interrogativos, os quais apresentam bastante mobilidade dentro da sentença, os locativos incluem as formas adverbiais **tʃai** ‘longe’ e seus antônimos constituídos a partir de sua base e do sufixo de negação **-ba**, como nos exemplos:

- (103) (a) i pindu-ø tʃai tʃuru uin-a-ki
 1SG beija-flor-ABS ADV(LOC = longe) aqui ver-PAS-DECL
 ‘Eu vi onças longe daqui.’
- (b) i pindu-ø tʃai-ba tʃuru uin-a-ki
 1SG beija-flor-ABS ADV(LOC = longe-NEG = perto) aqui ver-PAS-DECL
 ‘Eu vi beijo-flor perto daqui.’
- (c) atsa tʃai-ba tʃuru-ki
 roça ADV(LOC = longe-NEG = perto) aqui-DECL
 ‘A roça fica perto daqui.’

Outras formas que denotam o posicionamento do falante em relação ao ser ou evento expresso na sentença são os dêiticos demonstrativos: tʃuru ‘aqui’, wa ‘lá’, mandaun ‘em cima’ e namdan ‘embaixo’, conforme expressam os dados:

- (104) (a) indu tʃuru - ki
 onça ADV(LOC = aqui)-DECL
 ‘onça aqui.’
- (b) indu wa-ki
 onça ADV(LOC = lá)-DECL

‘onça lá.’

(c) kuʃku mandaun puʃu-ki
urubu ADV(LOC = em cima) casa-DECL
‘O urubu está em cima da casa.’

(d) pitu nandan puʃu-ki
periquito ADV(LOC = embaixo) casa-DECL
‘O periquito está embaixo da casa.’

Já para indicar a posição temporal, o falante também recorre a formas adverbiais demonstrativas, tais como: daʃawata ‘ontem’, iambiri ‘amanhã’, iambiri misti ‘cedinho’, rama ‘agora’ e ma ‘já’, tal qual demonstrado pelos seguintes exemplos:

- (105) (a) aihu- Ø daʃauata da-a-ki
mulher-ABS ADV(TEMP = ontem) morrer-PAS-DECL
‘A mulher morreu ontem.’
- (b) iaviʃi-Ø iambiri misti da-i-ki
tatu-ABS ADV(TEMP = amanhã) ADV(TEMP = cedinho) morrer-FUT-DECL
‘O tatu vai morrer amanhã cedinho.’
- (c) iaviʃi-Ø rama da-i-ki
tatu-ABS ADV(TEMP = agora) morrer-N.PAS-DECL
‘O tatu vai morrer agora.’
- (d) iaviʃi-Ø ma da-a-ki
tatu-ABS ADV(TEMP = já) morrer-PAS-DECL
‘O tatu já morreu.’

Por sua vez, os advérbios que intensificam os adjetivos são: itʃapa ‘muito’ e ʃara ‘bem’, com suas respectivas contrapartes constituídas por suas bases adicionadas ao sufixo de negação, ou seja, itʃapamisti ‘pouco’ e ʃaramba ‘mal’, vejamos abaixo:

(106) (a) tari itʃapamisti biʃu-ki
 roupa ADV(INTENS = pouco) sujo -DECL

‘A roupa pouco suja.’

(b) tari itʃapa biʃu-ki
 roupa ADV(INTENS = muito) sujo-DECL

‘A roupa muito suja.’

(c) mania tuʃka ʃara- ki
 banana ADV (MODO = bem)-DECL

‘banana bem madura.’

(d) mania tuʃka ʃaramba -ki
 banana ADV (MODO = mal)- DECL

‘banana não madura (ainda está verde).’

5.6.9.5. Os pronomes

Os pronomes funcionam para substituir os nomes em um contexto linguístico. Nesse sentido, segundo Schachter (1985), o pronome é o tipo mais comum de pró-forma, já que é usado como um substituto de um sintagma nominal.

Podemos afirmar ainda que é possível encontrar vários subtipos de pronomes nas línguas: os reflexivos, os recíprocos, os demonstrativos, os indefinidos e os relativos. Em Shawã, contudo, sobre os pronomes, identificamos os pronomes pessoais como vemos no quadro a seguir:

	Pronomes pessoais
1SG	i
2SG	mi
1PL	nu
2PL	maa

Tabela 05: Quadro dos pronomes pessoais

Vejamos os exemplos:

(107)

(a) i pi -a -ki
1SG comer-PASS-DECL
‘eu comi’

(b) mi pi -a -ki
2SG comer-PASS-DECL
‘você comeu’

(c) nu pi -a -ki
1PL comer-PASS-DECL
‘nós comemos’

(d) maa pi -a -ki
2PL comer-PASS-DECL
‘vocês comeram’

Vale aqui registrar ainda que para posse, o Shawã utiliza a forma **nuku** para expressar a posse tanto no singular (meu) como no plural (nosso), como no exemplo seguinte:

- (108) (a) nuku bai minha/nossa terra
 (b) nuku vuru meu olho
 (c) nuku nambi minha carne/ nossa carne (caça)

6. ASPECTOS SINTÁTICOS

Pretendemos nesta parte do trabalho identificar e discutir as categorias lexicais e funcionais no Shawādawa. Sendo, portanto, inevitável a sobreposição de alguns aspectos já tratados, salientamos que o objetivo do presente capítulo é enfatizar o caráter sintático desses aspectos e introduzir outros ainda não descritos e cujas características são predominantemente sintáticas. Assim, apresentaremos alguns princípios teóricos que deverão nortear as descrições; focalizaremos as construções interrogativas, as construções coordenadas; as construções subordinadas.

6.1. Princípios teóricos

O termo sintaxe diz respeito à parte da Gramática que estuda a maneira como as palavras, a partir de regras específicas, são combinadas e organizadas visando a constituir sentenças. Assim sendo, o objeto de estudo da sintaxe é a sentença. O problema com este conceito é que, em geral, ele limita os estudos sintáticos de uma determinada língua à mera apresentação de regras que caracterizam apenas uma variedade de tal língua. No tronco indo-europeu, por exemplo, essa variedade é representada pela norma padrão (escrita e utilizada em situações de formalidade). Com isso, tem-se um distanciamento de uma descrição linguística em toda sua complexidade. Foi nesse âmbito que, historicamente, ocorreram tentativas de tornar a Sintaxe uma disciplina linguística autônoma que pudesse contemplar de forma mais ampla as realidades linguísticas. Procurando atender aos objetivos de nosso estudo, apresentaremos algumas das propostas que visam a explicar a Sintaxe. Contudo, por motivos práticos, nos deteremos apenas em definições pautadas nas correntes linguísticas denominadas Formalismo e Funcionalismo.

De acordo com Berlink, Augusto e Scher (2001), a abordagem formalista de análise linguística é aquela que trata das características internas à língua, por exemplo, a natureza de seus constituintes, bem como da relação entre eles. Para os funcionalistas, a linguagem é um sistema que se encontra sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento, e que continuamente se modifica visando a

cumprir novas necessidades da comunicação. Assim, na análise de um fato linguístico qualquer, devem ser considerados obrigatoriamente o falante, o ouvinte e, ainda, as necessidades da comunicação linguística. Olhando por esse ângulo, um estudo sintático de base funcionalista deve ser feito considerando-se não apenas a sentença, mas muito além dela, de modo que se destaque a relação entre o componente sintático e os componentes semântico e discursivo. Afinal, é no contexto (ou na situação comunicativa) que o falante busca razões para as escolhas das estruturas de suas sentenças linguísticas (Berlink, Augusto e Scher, 2001). Nosso estudo está voltado particularmente para uma abordagem funcionalista. Isso não implica, porém, que não utilizamos, quando necessário, outras abordagens teóricas, especialmente, aquelas de cunho formalista. O fato de na maior parte das vezes procurarmos dar à análise da língua Shawādawa um enfoque tipológico-funcional baseia-se tão somente em uma preocupação em considerar também variações linguísticas a partir da tipologia das línguas, especialmente, daquelas pertencentes à família Pano.

Nesses termos, adotamos a definição da sintaxe tal como discutida por Givón (1984:29), ou seja, *syntax is the study of a unique and complex coding system*. ‘Coding’ is a *binary expression designating two entities holding a peculiar semiotic relation*. No caso da ciência linguística, Givón assinala três níveis de abordagem que se fundem dentro da noção de sintaxe, os quais são representados pela noção binária de “codificação”: a entidade codificada (*the coded entity*) e a entidade codificante (*the coding entity*). Enquanto a primeira apresenta os níveis de representação lexical (o sentido), comunicativo (a mensagem) e morfossintático (a função), a última é representada respectivamente pelo signo, o código e a estrutura. Considerando a distinção entre o enfoque formalista e o funcionalista, pode-se dizer que o primeiro atém-se à entidade codificante, já o segundo não concebe um estudo sintático desprovido da entidade codificada. Tendo definido a sintaxe no contexto teórico em questão, cabe-nos ainda estabelecer alguns outros conceitos importantes para o estudo. Iniciamos, lembrando que, de acordo com Givón (1984:47), a unidade básica da informação em uma língua humana é a proposição, a qual, quando codificada via estruturação sintática, é chamada de sentença ou “cláusula” (frase, oração). Em geral, as proposições servem para transmitir informações de um falante a um ouvinte em um determinado contexto.

Sendo considerada a maior unidade de uma descrição sintática, a sentença pode ser caracterizada como frase ou oração (aliás, um tipo específico de frase). A distinção entre uma e outra está no fato de que, enquanto a presença de um verbo é essencial na oração, o mesmo não ocorre com a frase, que pode ser assim considerada mesmo quando é apenas do tipo nominal, ou seja, quando é caracterizada pela presença de nomes em funções de substantivos e/ou de adjetivos. As frases nominais da língua Shawã são construídas com o uso do sufixo de modo declarativo **-ki**. Exemplos:

- (109) (a) anda aʃua bira ki ‘ língua dentro da boca’
 (b) tʃa i ʃara ki ‘primo bom’
 (c) aua di bira ki ‘anta na mata’

Quanto às frases ou sentenças verbais (as orações) da língua Shawãdawa, elas se caracterizam principalmente pela ordem dos constituintes que é **SOV** e, na qual, pode haver inserções de complementos verbais.

6.2. As construções interrogativas

Os estudos sobre interrogação focalizam geralmente os dois tipos de perguntas mais comuns nas línguas naturais: a) as interrogativas que esperam uma resposta positiva (sim) ou uma negativa (não), ou seja, as chamadas interrogativas polares ou globais e b) as perguntas de conteúdo, isto é, aquelas constituídas por um sintagma interrogativo (*que, quando, qual, onde, por que, o que*, entre outros). Em geral, as línguas exibem mecanismos diversos visando a distinguir sentenças interrogativas de declarativas. Recursos como a entonação, a inversão de constituintes na sentença, o uso de auxiliares verbais e de clíticos, entre outros, podem servir a essa tarefa. Na sequência, mostraremos os recursos usados pela língua Shawãdawa na formação de enunciados interrogativos.

6.2.1. As interrogativas polares

Em Shawãdawa, as construções interrogativas polares são marcadas pelo sufixo **-man** que, em geral, aparece ligado ao constituinte que ocupa na sentença a posição inicial. Os dados exemplificados, abaixo, ilustram isso:

(110) (a) mi -man takara-ø riti-a- ka

2SG-INTERR galinha-ABS matar-PAS

‘Você matou a galinha?’

(b) vaki-man takara-ø pja- ki

menino-INTERR galinha-ABS comer-DECL

‘O menino come galinha?’

(c) Raimundo -man kai- a-ki

Raimundo-INTERR saiu-PAS-DECL

‘ Raimundo saiu?’

Cabe aqui mencionar que esse comportamento coincide com os de outras línguas da família Pano, como é o caso do Katukina (Aguilar, 1994) e o Shanenawa (Cândido, 2004). No caso do Katukina, as interrogativas polares levam a marca **{-ra}** sufixada ao nome linearmente posicionado no início da sentença, já no Shanenawa, os sufixos além de aparecerem junto ao nome, também aparecem junto a raiz verbal.

6.2.2. As interrogativas não polares

Segundo Greenberg (1966), existe uma relação mútua entre a construção de sentenças interrogativas não polares e a ordem dos constituintes maiores das línguas. Nesses termos, as línguas com núcleo inicial, ou seja, SVO seriam caracterizadas pelo

deslocamento de formas interrogativas para a posição inicial da sentença. Em contrapartida, línguas com núcleo final (SOV) não teriam tal propriedade.

Grande parte dos dados apresentados até o momento dá conta de que, de acordo com a posição dos constituintes maiores da sentença, o Shawãdawa é uma língua com núcleo final, isto é, a ordem é **S(ujeito)-O(bjeto)-V(erbo)**, em construções com verbo transitivo e **S(ujeito)-V(erbo)** com verbos intransitivos. Todavia, contrariando os universais, encontramos deslocamento:

(111) (a) tua nambi-ø pia-ka

qu-INTERR carne-ABS comer-PAS

‘Quem comeu o peixe?’

(b) auni vaki kai-ka

ao-INTERR(aonde) criança ir-PAS

‘Aonde a criança foi?’

(c) aundia mi duku-ka

Quando-INTERR você chegar-PASS

‘quando você chegou?’

6.3. As construções coordenadas

Segundo Payne (1985:3), todas as línguas possuem estratégias de coordenação, seja no nível do sintagma, seja no da sentença. De fato, as línguas utilizam morfemas livres (as conjunções) para estabelecer uma relação de coordenação ou simplesmente o fazem recorrendo à justaposição das sentenças no enunciado. Ainda de acordo com Payne (op. cit.), do ponto de vista lógico, é possível distinguir cinco tipos básicos de coordenação: *conjunção* (**p e q**), *postsection*, isto é, em que se faz uma opção pela primeira seção (**p e não q**), *presection*, ou seja, aquela em que se faz opção pela segunda seção (**não p e q**), *disjunção* (**p ou q**) e *rejeição* (**não p e não q**). Além dessa divisão lógica, esse autor atesta

a existência de outras subdivisões semânticas, sendo uma delas a proposta por Dixon (1972:279, apud Payne, op. cit.), que pode ser expressa em termos dos traços: [+ Adversativo], [+ Separado] e [+ Enfático]. O primeiro é utilizado para indicar se os sintagmas ou sentenças coordenados estão ou não em contraste. O segundo indica que certa relevância está sendo dada a um dos sintagmas ou sentenças em separado. Já o último indica que a coordenação em si mesma está sendo realizada. Com base em tais considerações teóricas, apresentaremos a seguir, a descrição da construção coordenada que encontramos no *corpus* da língua Shawã.

6.3.1. Coordenação com o traço [+Adversativo]

Já dissemos nas considerações teóricas que as construções coordenadas com o traço [+Adversativo] se caracterizam pela presença de um contraste entre as sentenças que compõem o enunciado ou entre suas implicações. Em Português e outras línguas indo-européias, isso geralmente é feito pelas chamadas conjunções adversativas (“mas”, “porém”, “todavia”, entre outras); na língua Shawã, geralmente, as relações de coordenação desse tipo são estabelecidas pela justaposição entre duas sentenças cujas informações sobre o evento verbal nelas expresso se contrariam de alguma forma, como podemos constatar nos exemplos seguintes:

- (112) (a) [aihu-nu iskin-ø duta-a, vakihu-nu-ø duta-ba-ki]
mulher-ERG peixe-ABS pescar-PAS criança-ERG [Od] pescar-NEG-DECL
‘A mulher pescou peixes; criança, não.’
- (b) [nukubai fi - ø ti - ba - ki, di fi ti-ki]
aldeia mosquito-ABS tem-NEG-DECL mata mosquito ter-DECL
‘Na aldeia não tem mosquito, na mata tem.’

Ainda sobre as coordenadas com o traço [+Adversativo], devemos ressaltar que, no campo semântico, as sentenças podem não constituir obstáculos entre si, mas apenas informações que se contrariam em algum aspecto. Diferentemente disso, apesar da glosa sugerir a adversidade entre as duas sentenças, percebemos que a construção não pode ser considerada coordenada com traço [+Adversativo], pois o que ocorre é que uma das sentenças do enunciado se comporta como um impedimento do evento verbal da outra sentença envolvida:

(113) (a) [i iskin-ø pi- paj - anan - ki] O1 [iskin ti - ba - ki] O2

1SG peixe-ABS comer-DES-FRUST-DECL peixe ter-NEG-DECL

‘Eu quero comer peixe, mas não tem peixe.’

(b) [i nukubai- bira - a - pai - anan - ki] O1 [ui - a - ki] O2

1SG aldeia-LOC ir-PAS-DES-FRUST-DECL chover-PAS-DECL

‘Eu quis ir à aldeia, mas choveu.’

Na realidade, sentenças desse tipo caracterizam o frustrativo na língua, sendo o mesmo marcado pelo morfema **-anan** afixado ao verbo da sentença matriz. Os casos de construções coordenadas que carregam o traço [+Adversativo] encontrados no Shawã são do tipo conjunção (**p e q**), rejeição (**não p e não q**), *presection*, (**não p e q**), e *postsection* (**p e não q**).

(114) (a) [aihu itfapa-ba-ki, vimbi-ø bi - a - ki]

mulher grande-NEG-DECL fruta-ABS pegar-PAS-DECL

‘A mulher não é alta, mas pegou a fruta.’

(b) [mi atsa-bira ka - a - pai - ba - ki, iambiri ka - a - ki]

ele roça-LOC ir-PAS-DES-NEG-DECL manhã ir-PAS-DECL

‘Ele não queria ir para roça, mas foi cedo.’

(c) [takara-n iura-ø daka - ba - ki, pitu-nu daka-ba-ki]
 galinha-ERG gente-ABS bicar-NEG-DECL periquito-ERG morder-NEG-DECL
 ‘A galinha não bica gente, nem o periquito.’

(d) [kuʃi-ø vaka-bira ka-a-ba, pirandaua-ø di- bira ka-ba-ki]
 kuʃi -ABS rio-LOC ir-PAS-NEG Pirãdawa-ABS mata-LOC ir-NEG-DECL
 ‘Kuʃi não foi para rio, nem Pirãdawa foi para mata.’

(e) [kaman-ø ista-ki, tʃaʃu-ø riti-ki]
 cachorro-ABS pequeno-DECL veado-ABS matar-DECL
 ‘cachorro é pequeno, mas mata veado.’

(f) [daʃauata ipa di - a - ba, aua-ø ritimba -ki]
 ontem papai caçar-PAS-NEG anta-ABS matar-NEG pescar-PAS-DECL
 ‘Ontem papai não caçou e não matou anta.’

(g) [kaman sua-ki, indu-ø di - ba - ki]
 cachorro forte-DECL onça-ABS caçar-NEG-DECL
 ‘O cachorro é forte, mas não mata onça.’

(h) [ipa-n isu-ø di-a, nambitʃaʃu-ø ba-ki]
 papai-ERG macaco-ABS caçar-PAS carne de veado-ABS NEG-DECL
 ‘Papai caçou macaco, mas não carne de veado.’

Para concluir, é possível também encontrar na língua Shawã sentenças coordenadas com o traço [+Adversativo] do tipo negação de expectativa (*denial of expectation*) segundo Payne (1985), que implica um contraste que está baseado na pragmática, tal como exemplificado pelos dados seguintes:

(115) (a) [iui - i - ki, salu ʃaʃu bira kai-a-ki]
 chover-PRES-DECL Salu canoa-LOC ir-PAS-DECL
 ‘Está chovendo, mas Salu saiu de canoa.’

(b) [iui - i - ki, forró¹³ tin - i - ki]
 chover-N.PAS-DECL forró ter-N.PAS-DECL
 ‘Vai chover, mas vai ter forró.’

6.4. As construções subordinadas

Em geral, as construções subordinadas ou dependentes caracterizam-se pela presença de propriedades sintáticas comuns a um nome, um adjetivo ou um advérbio. Em consonância com essas categorias ou classes de palavras, as sentenças subordinadas podem ser definidas de acordo com as funções semânticas e gramaticais que exercem na língua. Convencionalmente, as relações de subordinação podem ser estabelecidas com base em três tipos de construções subordinativas: a) aquelas que envolvem uma sentença matriz e uma subordinada em função de SN complemento da matriz; b) aquelas constituídas pela matriz e uma subordinada que funciona como modificador de um SN integrante da sentença matriz; c) aquelas representadas pela matriz e uma outra sentença na posição de modificador de um SV ou mesmo da sentença matriz inteira.

Segundo Thompson & Longacre (1985:172), três dispositivos podem atuar na identificação de sentenças subordinadas: os morfemas subordinativos, as formas especiais de verbos e a ordem dos constituintes. No que concerne a língua Shawã, apenas os morfemas subordinativos são utilizados para marcar construções subordinadas. Ainda de acordo com Thompson & Longacre (op. cit.), existem dois tipos de morfemas subordinativos: os gramaticais com significado não lexical e os gramaticais com conteúdo lexical. Podemos distinguir esses dois tipos, recordando as preposições da língua portuguesa para o primeiro caso e, para o último, algumas locuções conjuntivas temporais,

¹³ O forró é uma dança não índia, mas muito apreciada pelos Shawādawa; é comum festas deste tipo dentro da comunidade.

por exemplo “antes que” ou “depois que”. Enquanto as preposições são desprovidas de significados lexicais, essas locuções carregam em si significados lexicais além dos gramaticais.

Como vimos, a língua Shawã apresenta alguns morfemas, mais especificamente sufixos, que se ligam ao verbo ou ao nome a fim de estabelecer relações de subordinação entre sentenças. As relações adverbiais que indicam causalidade, locativo, temporalidade, comitativo, entre outras circunstâncias, exemplificam isso. Esses morfemas, considerando a tipologia descrita por Thompson & Longacre (op. cit.), representam os morfemas gramaticais subordinativos. Baseando-nos nessas considerações preliminares, passaremos, na sequência, à descrição dos tipos de sentenças subordinadas existentes na língua.

6.4.1. As construções complemento

Processo comum entre as línguas do mundo, conforme dissemos anteriormente, a complementação caracteriza a ocorrência sintática de uma sentença em função de argumento de um predicado. À sentença nessa função, tradicionalmente, tem-se dado o nome de subordinada substantiva, mas dentre os estudos linguísticos mais recentes, ela também tem sido chamada de “completiva” ou “complemento”. De acordo com Noonan (1985:44), em termos morfológicos, a ligação entre as sentenças complementos e o predicado, em geral, costuma ocorrer com o auxílio de complementizadores, ou seja, palavras, clíticos ou afixos, cuja função é relacionar o predicado com o seu complemento. Na língua portuguesa, as palavras “que” e “se” (as chamadas conjunções integrantes) são consideradas complementizadores, haja vista funcionarem como elos entre a oração matriz (o predicado) e a oração subordinada substantiva (completiva). Contudo, em outras línguas, como o Kamaiurá (Tupi), morfemas nominalizadores especiais cumprem o papel de complementizadores na oração complemento (cf. Seki, 2000). No que diz respeito ao Shawã, parece que não há palavras ou clíticos na função de complementizador, mas alguns afixos são usados nessa função, como veremos posteriormente. Sintaticamente, as sentenças complemento podem ocorrer com verbos ou com adjetivos. As orações subordinadas ao adjetivo precedem o adjetivo ao qual elas se subordinam.

(a) [vaki-Ø uʃwa-ki]Ocomplem [ʃarakapa-ki]Omatriz

criança-ABS dormir-DECL bom-DECL

‘É bom que a criança acalme.’

(b) [vaki-ni vaka-Ø aja-ki]Ocomplem [ʃarakapa-ki]Omatriz

criança-ERG água-ABS beber-DECL bom-DECL

‘É bom que a criança beba água.’

As sentenças subordinadas a verbos seguem o verbo ao qual elas se subordinam:

(116) (a) [i ʃinan]Omatriz [mi ʃara-ki]Ocomplem

1SG pensar 2SG bom-DECL

‘Eu penso que você é bom.’

(b) [mi-man tapian]Omatriz [ui - i]Ocomplem

2SG-INTERR saber chover-N.PAS

‘Você sabe se vai chover?’

(c) [mi tapian]Omatriz [iura-Ø riti - a - ki]Ocomplem

2SG saber índio-ABS matar-PAS-DECL

‘Ele sabe quem matou o índio.’

(d) [i tapian]Omatriz [tʃaʃu-Ø di - a - ki]Ocomplem

1SG saber veado-ABS caçar-PAS-DECL

‘Eu sei que ele caçou um veado.’

(e) [i kaʃian-i]Omatriz [a tʃafu-ø da - a - ki]Ocomplem
 1SG saber-N.PAS 3SG(ERG) veado-ABS caçar-PAS-DECL
 ‘Eu sei que ele matou veado.’

Do ponto de vista semântico, é necessário restringir a definição de sentenças complementos, levando em consideração o fato de que nem todos os predicados verbais necessariamente pedem complemento. Com isso em mente, Givón (1990) atesta a existência de três classes de verbos que exigem complemento oracional: os verbos de modalidade (“querer”, “desejar”), os de manipulação (“mandar”, “pedir”) e os de cognição-elocução (“saber”, “pensar”, “dizer”). A descrição das construções completivas na língua que apresentaremos neste estudo se pautará na tipologia proposta por Givón (op. cit.). Naturalmente, em paralelo, faremos a descrição formal e sintática dessas construções. Devemos acrescentar, ainda, que a presente análise será constituída apenas por algumas considerações preliminares sobre o tema. Futuras pesquisas devem ser feitas para que a tipologia das sentenças complemento da língua Shawã seja definida de forma mais abrangente.

Notemos que essas sentenças complemento não se ligam aos predicados via complementizadores. O que se verifica é a justaposição linear dos constituintes sentenciais na seguinte ordem: **V + Ocomplem**. Nesse tipo de construção, o complemento está sempre em função de **O** e pode ser nominal ou verbal, como nos demais exemplos.

6.4.1.1. As construções complemento com verbos de “manipulação”

A exemplo das construções com verbos de modalidade, os enunciados com verbos de manipulação também são constituídos por sentenças formalmente simples em que se acrescenta a ideia de manipulação co-lexicalizada, isto é, via morfema afixado ao verbo complemento. Nesse caso, os morfemas podem, dependendo da semântica da manipulação, serem os mesmos designados para marcar o causativo nessa língua **-ma** ou **-ua**, vejamos

(117) (a) iua-n vakihu vaka-∅ aia - ma - a - ki
 mãe-ERG menino água-ABS beber-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mãe mandou o menino beber água.’

(b) aihu-n baʃandi atsa-∅ tsi - ua - a - ki
 mulher-ERG baʃandi macaxeira-ABS buscar-CAUS-PAS-DECL
 ‘A mulher fez Baʃandi buscar macaxeira.’

6.4.2. As construções relativas

Dentro da descrição de orações complexas ou subordinadas, trataremos, nesta seção, das chamadas construções relativas. Para tanto, seguiremos a definição funcional dada por Comrie (1981:136), ou seja, a de que uma sentença relativa consiste, necessariamente, de um núcleo e uma oração restritiva. Vejamos o que diz o autor: “*the head in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction*”. Conforme o autor afirma, uma cláusula restringirá um conjunto de possibilidades, dando a proposição adequada para a construção.

Assim sendo, em Shawã, o sujeito e o objeto poderão ser relativizados e, geralmente, os falantes organizam os enunciados do seguinte modo: um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada “matriz” ou “principal”) é relativizado por meio do encaixamento de uma sentença restritiva na sentença maior; a seguir, os sintagmas nominais das orações matrizes são modificados, ou seja, seus campos de referência são restringidos pelas sentenças restritivas.

(118) (a) [[daua]Nu [da - a] Orestr itʃapa - ba - ista] Omatriz
 homem-ABS morrer-PAS grande-NEG- (baixo)
 ‘[O homem [∅ que morreu] era baixinho].’

(b) [[daua]Nu [i ui-a] Orestr mu - a - ki] Omatriz

homem 1SG ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL

‘[O homem [que eu vi $\emptyset$], chegou].’

(c) [[i [daua]Nu fut ui-a-da [mi vimbi- $\emptyset$ pu-a] Orestr] Omatriz

1SG homem ver-PAS POSS 2SG fruta -ABS comer-PAS

‘[Eu encontrei o homem [$\emptyset$ que comeu minha fruta].’

(d) [[i [ʃafu]Nu mu - a] Orestr i kukan - da] Omatriz

1SG canoa chegar-PAS POSS tio-GEN(POSS)

‘[A canoa [$\emptyset$ em que eu cheguei] é do meu tio].’

No que concerne à demarcação da posição relativizada, notemos que não há nenhum elemento (afixo subordinador no verbo ou um outro tipo de marcador como um pronome pessoal ou relativo) indicando o “campo de relativização” a que se refere a sentença restritiva. Com base nisso, propomos que o Shawã pertença ao grupo de línguas a que Keenan (1985:146) se refere como aquelas que não costumam marcar o elemento em domínio da relativização. Isto é, não existe um elemento na sentença relativa que expresse o SN relativizado. Logo, nessa língua as sentenças relativas são formadas por *gapping* (lacuna) da posição do núcleo nominal. Este é um comportamento que se diferencia do verificado em outras línguas do mundo como, por exemplo, o Kamaiurá em que, segundo Seki (2000), a estratégia básica de relativização é a nominalização da oração por meio de afixos nominalizadores apresentados anteriormente. Outro exemplo é caracterizado por línguas que, como o Português, recorre a um pronome para relativizar um termo do enunciado. No processo de relativização no Shawã, embora o constituinte relativizado na sentença matriz seja apagado na sentença restritiva (ou seja: **Nu** = $\emptyset$), o mesmo exerce a função de núcleo do verbo encaixado. Por isso, pode-se dizer que as orações relativas nessa língua são encaixadas e têm núcleo externo (isto é, fora da sentença restritiva). Na sentença restritiva, o termo relativizado pode exercer várias funções sintáticas: **S**, **A**, **Od**, adjuntos, entre outras. Os dados apresentados, a seguir, ilustram alguns desses casos:

(119) (a) **Nu = S**

[[daua]Nu [da-ʃinan] Orestr itʃapa-ba-ista] Omatriz

homem morrer-PAS grande-NEG-?(baixo)

‘[O homem [ø que morreu] era baixinho].’

(b) **Nu = OD**

[[daua]Nu [i uin-a] Orestr u - a - ki] Omatriz

Homem 1SG ver-PAS vir/chegar-PAS-DECL

‘[O homem [que eu vi ø], chegou].’

(c) **Nu = A**

[[i [daua]Nu vutʃi- a [mi piti pju-a] Orestr] Omatriz

1SG homem encontrar-PAS] 2SG POSS comida comer-PAS

‘[Eu encontrei o homem [ø que comeu minha comida].’

(d) **Nu = Adjunto**

[i [ʃaʃu]Nu mu-a] Orestr i kukan-da] Omatriz

1SG canoa chegar-PAS POSS tio-GEN(POSS)

‘[A canoa [ø em que eu vim] é do meu tio].’

(e) **Nu = OD**

[sau [i daka - a] Orestr i aʃua isin - a - ki] Omatriz

osso 1SG (NOM) morder-PAS POSS(1SG) boca machucar-PAS-DECL

‘[O osso [que eu mordi ø], machucou minha boca].’

Quanto à ordem dos constituintes nas sentenças relativas do Shawã, é possível notarmos uma certa regularidade de ocorrência da ordem em que o núcleo antecede

imediatamente a sentença relativa nos enunciados, ou seja: [**Smatriz** [**Nu + Orestr**]]. Nesses termos, dentro da tipologia estabelecida por Lehmann (1986), as sentenças relativas da língua Shawã podem ser classificadas como pós-nominais com núcleo nominal externo. Isso é o que também parece ocorrer com relativas sem um núcleo expresso no enunciado principal, como mostram os seguintes dados. Interpretamos os dados a seguir como uma relativa subordinada ao verbo principal em (a) e (b).

(120) (a) [i tapian - i [iura-ø riti-a]Orestr]Omatriz

1SG saber-PRES índio-ø matar-PAS

‘Eu sei o que matou o índio.’

(b) [i tapian - in - ba [i pu - a - ki]Orestr]Omatriz

1SG saber-PRES-NEG 1SG comer-PAS-DECL

‘Eu não sei o que eu comi.’

(c) [[i pu - a]Orestr]ara-kapa]Omatriz

1SG comer-PAS bom-INTENS

‘O que eu comi é muito bom.’

Em termos gerais, portanto, podemos dizer que a estratégia mais frequente de relativização na língua Shawã é o *gapping*, além de um certo ordenamento dos constituintes envolvidos no processo de encaixamento, isto é, o SN núcleo sempre precedendo a sentença restritiva. Todavia, existem, ainda, outras duas alternativas para se estabelecer a relativização no idioma.

A primeira vale-se da palavra **aska** que é uma das poucas partículas da língua e que, por vezes, também faz o papel de pronome relativo ou de complementizador do objeto direto em sentença como a que segue:

- (121) [aihu-nu kaman-ø kuʃi-a]O1 [aʃka vakihu-ø daka- a]O2
mulher-ERG cachorro-ABS bater-PAS PRO REL (TRPOS) menino-ABS morder-PAS
‘Mulher bateu no cachorro que mordeu o menino.’

Finalmente, a outra alternativa de relativização no Shawã se caracteriza pelo fato de, às vezes, os falantes repetirem na sentença encaixada o sintagma nominal referente ao domínio relativizado; o que Givón (1990) chamou de pronome anafórico; observemos os dados a seguir:

- (122) (a) [[i [puʃu-ø]Nu uin-i] Orestr iura [puʃu]Nu-ba-ki] Omatriz
1SG casa-ABS ver-PRES índio casa-NEG-DECL
‘A casa que eu estou vendo não é de índio.’

- (b) [[[iura-ø]Nu da-a] Orestr [iura]Nu ʃara-kapa] Omatriz
índio-ABS morrer-PAS índio bom-INTENS
‘O índio que morreu era bom.’

Essa estratégia, tal como ocorre com aquela que usa a conjunção **aʃka**, não é muito utilizada. Ainda assim parece atender à caracterização de Keenan (1985:152) para esse tipo de sentença. Segundo o autor, se o núcleo relativizado ocupa na sentença matriz a posição de sujeito ou objeto, é possível que na sentença relativa haja uma repetição literal desse núcleo.

6.4.3. As construções adverbiais

Segundo Thompson & Longacre (1985), aparentemente todas as línguas do mundo têm construções constituídas por duas sentenças em que uma delas exerce a função de um modificador adverbial de outra. Ainda de acordo com esses autores, as sentenças

adverbiais encontradas em línguas do mundo podem ser divididas em 12 tipos básicos, sendo estes distribuídos em duas classes: a daquelas que podem ser substituídas por uma única palavra e a das que não podem ser substituídas por uma única palavra.

Na primeira classe, incluem-se as sentenças subordinadas temporais, locativas e de modo; na segunda, incluem-se as explicativas, as circunstanciais, as simultâneas, as condicionais, as concessivas, as substitutivas, as aditivas e as absolutivas.

Nesta análise da língua Shawã não encontramos todos os tipos de sentenças adverbiais referidos, de modo que a descrição que se segue contemplará apenas alguns casos. Todavia, levando em consideração o fato de que nem sempre as circunstâncias adverbiais podem estar embutidas em orações subordinadas em muitas línguas do mundo, mas sim ser expressas por construções coordenadas ou justapostas, pensamos ser conveniente iniciarmos a descrição das construções adverbiais do Shawã por esses casos. Posteriormente, trataremos das construções subordinadas propriamente ditas.

6.4.4. As construções condicionais

Em termos sintáticos, a maioria das línguas marca sentenças condicionais através de morfemas. No Português e no Inglês, dentre outros idiomas, morfemas livres (“se” e “if”, respectivamente) funcionam como marcas de condicional. Em outros casos, como o Kamaiurá (Tupi), isso ocorre através de partículas (Seki, 2000) ou, em línguas como o Ikpeng (Karib), o processo se dá via morfemas presos (Pachêco, 2001).

A análise dos dados Shawã revela que, para indicar a relação de condicionamento entre dois eventos verbais, os falantes não recorrem a construções de subordinação. Ao que parece, há uma justaposição de dois grupos em um mesmo enunciado, sendo cada um deles constituído pelas duas sentenças envolvidas na relação condicional: a *condicionada* e a *condicionadora* (que respectivamente se traduzem por *matriz* e *subordinada* em outras línguas). A realização ou não de um dos eventos envolvidos no enunciado depende de uma espécie de jogo lógico de concessão executado com base nas noções de *negação* e *afirmação* dos eventos verbais. Nesse “jogo”, se, no primeiro grupo de sentenças, o pressuposto é que para que um evento **X** se realize

(portanto, seja AFIRMATIVO), um evento **Y** também deve se realizar (portanto, ser AFIRMATIVO):

(123) (a) [mi tʃĩmbu-ø aja - ba - ʃ, mi da - i - ki;]Grupo I

2SG cipó-ABS beber-NEG-SR(SI), 2SG morrer-FUT-DECL

(b) [mi tʃĩmbu-ø aja-ʃ, mi da - ba - ki;]Grupo II

2SG cipó-ABS beber-SR(SI), 2PG morrer-NEG-DECL

Pergunta: ‘Se você não beber o cipó, você morrerá.’

Resposta: ‘Você bebe o cipó, você não morre;

“ Se você não beber o cipó, morrerá.”’

De acordo com os dados, notamos que a idéia é a de que, para que o evento expresso na oração matriz se realize, há na oração subordinada uma condição necessária. Assim, “*se X é AFIRMATIVO, então, Y é AFIRMATIVO*”. Por outro lado, a estrutura do Shawã, por não contar com elementos formais para marcar a subordinação condicional, como já registrado anteriormente, caracteriza-se por um contraste entre os dois grupos de sentenças que constituem o enunciado condicional. Dessa forma, pressupõe-se que “*se X é AFIRMATIVO, então, Y é AFIRMATIVO*; em contrapartida, *se X for NEGATIVO, então, Y será NEGATIVO*”. Nos demais dados, em que outras combinações dos eventos envolvidos são apresentadas, também vemos a estratégia do segundo grupo sentencial de negar o que é expresso no primeiro grupo.

No que respeita ao tempo e ao aspecto dos verbos nas construções condicionadas da língua Shawã, notemos que, nas primeiras sentenças de cada grupo, ou seja, a condicionadora, o verbo aparece sempre no presente com aspecto imperfeito, já nas sentenças matrizes o verbo é conjugado no futuro.

Na tipologia de Thompson & Longacre (1985), do ponto de vista semântico, as condicionais podem ser “reais” (assim rotuladas considerando sua realização em um tempo específico: passado, presente e futuro) ou “não reais” (aquelas que se referem a situações irreais do tipo: imaginário, em que se incluem as hipotéticas e as contrafatuais, e as preditivas). Essa distinção é irrelevante na estrutura da língua Shawã.

6.4.5. As construções temporais

Segundo Thompson & Longacre (1985), as construções subordinadas adverbiais temporais podem ser de três tipos: temporais sequenciais; temporais causais e temporais que indicam anterioridade. Dentre esses tipos, encontramos na língua Shawã apenas o primeiro e o último, isso em termos formais, porque do ponto de vista semântico, ao que nos parece, muitas dentre as sentenças subordinadas temporais carregam em si uma informação sobre *causa* de ocorrência ou não de um determinado evento. Os enunciados que indicam uma determinada sequência temporal entre as sentenças que os compõem são normalmente marcados por morfemas especiais do tipo independentes, ou então, do tipo de afixos verbais. Este último caso pode ser visto na língua Shawã, conforme mostram os exemplos, a seguir:

(124) (a) [ipan-Ø u-**nun**] OSAT [vakihi-n iskin-Ø pi-a]Omatriz

papai-ABS chegar-SR(SD) crianças-ERG peixe-ABS comer-PAS

‘Antes de papai chegar, as crianças comeram o peixe.’

(b) [kuʃi-ni carne-Ø kui-**nun**]OSAT [mania mutsa-Ø ua - a - ki]Omatriz

kuʃi-ERG carne-ABS assar-SR(SI) banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL

‘
Antes de assar a carne, Kuʃi fez mingau de banana.’

Como está descrito, o morfema **-nun** tem o papel de determinar a ordem sequencial temporal de ocorrência dos dois eventos envolvidos no enunciado: o evento da oração subordinada é *posterior* àquele que figura na matriz. É o morfema **-nun** que estabelece essa sequência temporal entre as sentenças. Quanto ao segundo tipo, este inclui sentenças subordinadas adverbiais temporais que indicam que o evento verbal nelas expressos é, como o próprio nome diz, *anterior* ao evento que aparece na sentença matriz. Os dados, abaixo, exemplificam isso:

(125) (a) [vaka paki-**nun**]OSAT [vakihi-ø ʃian - a - ki]Omatriz

água cair-SR(SI) menino-ABS chorar-PÁS-DECL

‘Depois que caiu no rio, o menino chorou.’

(b) [ipan mu-**nun**]OSAT [nu iskin-ø pu - i - ki] Omatriz

papai chegar-SR(SD) 1PL peixe-ABS comer-N.PAS-DECL

‘Depois que papai chegar, nós comeremos o peixe.’

A exemplo das sentenças temporais sequenciais, as subordinadas que indicam anterioridade também são marcadas por sufixos que denotam sua condição de antecedente no tempo em relação à sentença matriz.

6.4.6. As construções simultâneas

Na tipologia apresentada por Thompson & Longacre (1985) para as sentenças adverbiais, as chamadas subordinadas simultâneas indicam uma coincidência ou sobreposição (*overlap*) dos eventos que compõem um determinado enunciado. Em Shawã, tal qual ocorre com as sentenças adverbiais temporais, existem sufixos específicos para marcar a simultaneidade dos eventos, conforme podemos constatar nos exemplos:

(126) (a)[Dea-ø isinti - **i**]OSAT [Goiás-bira ka - a - ki]Omatriz

dea-ABS adoecer-SR(SI) Goiás-LOC ir – PAS - DECL

‘Dea foi para Goiás, quando ele estava doente.’

(b)[ipa-ø atsa - bira ka-**ai**]OSAT [Salú-ø Feijó – ani ka-a] Omatriz

papai-ABS roçado-LOC ir-SR(SD) salú-ABS porto walter-LOC ir-PAS

‘Enquanto papai foi para o roçado, Salú foi para Porto Walter.’

6.5. A ordem dos constituintes

Na língua Shawã, como em várias outras línguas do mundo, ocorre uma hierarquia nos níveis das funções semânticas e gramaticais. Considerando, inicialmente, as funções semânticas, os nossos dados apresentados, a seguir, dão conta de que a língua tem o que muitos consideram como ordem semântica natural, isto é, aquela em que o agente precede o paciente.

(127) (a) AGENTE PACIENTE

i mi bia kuta - a - ki
1SG 2SG bater-PAS-DECL
'Eu bati em você.'

(b) AGENTE PACIENTE

Dea-na pia-ø viti - a - ki
dea-ERG flecha-ABS achou-PAS-DECL
'Dea achou uma flecha.'

Com respeito às funções gramaticais de (S)ujeito, (O)bjeto e (V)erbo, em concordância com o que diz um dos 45 universais¹⁴ de Greenberg (1966), a língua Shawa apresenta como ordem dominante e bastante rígida o sujeito precedendo o objeto em sentenças declarativas simples com verbo transitivo e com verbo intransitivo. Além disso, como em outras línguas **SOV**, o verbo auxiliar conjugado aparece após o verbo principal e na condição de morfema preso.

Outro argumento a favor da tipologia SOV para a língua Shawã, encontra-se apoio nas ideias de Ross (1970). Segundo esse autor, a definição da ordem básica dos constituintes em uma língua pode estar condicionada à elipse (*gapping*) do verbo em orações coordenadas. Isto é, em um enunciado com duas ou mais orações coordenadas é

¹⁴ A propósito dos universais de Greenberg (1966), o autor postula que em uma língua de ordem SOV dominante não há uma ordem alternativa assim, todos os modificadores do verbo também precedem o verbo.

possível elidir a ocorrência de verbos idênticos. Assim, em línguas SVO, como o Português, essa elisão opera à direita da primeira ocorrência verbal, como sugerem os dados, a seguir:

(128) **SVO + SVO**

Eu gosto de jabuti e Dea [gosta] **V** de galinha.

(129) **SVO + SO**

Eu gosto de jabuti e Dea [ø]**Velidido** de lasanha.

Em contrapartida, em línguas SOV, como o Japonês, a elipse do verbo se dá à esquerda da primeira ocorrência. Em concordância com a hipótese de Ross (1970:251), em enunciados compostos, a elipse de verbos na língua Shawã opera de acordo com a ordem dos elementos em que essa regra de elipse se aplica. Ou seja, como no exemplo em japonês, a elipse ocorre à esquerda do verbo. Isso é ilustrado pelos dados seguintes:

(130) **SOV + SOV**

i iskin-ø pu - i - ai - ki, Dea mania butsa pu - i - ki

1SG peixe-ABS comer-PRES-SD-DECL Dea banana mingau comer-N.PAS-DECL

‘Eu como peixe e Dea [come] **V** mingau de banana.’

(131) **SO + SOV**

i iskin-ø dea-na mania butsa-ø pu - i - ki

1SG peixe-ABS Almir-ERG banana mingau-ABS comer-N.PAS-DECL

‘Eu [ø]**Velidido** peixe e Dea come mingau de banana.’

Por outro lado, a despeito de se tratar de uma característica comum às línguas SOV, o Shawã apresenta para sentenças interrogativas não polares a mesma ordem que as sentenças simples, com exceção da presença de palavras interrogativas na posição inicial. Quanto a outras funções gramaticais, como as de objeto indireto e de adjuntos, em geral,

também se tem reafirmado que objetos diretos tendem a figurar mais próximos do verbo do que os objetos indiretos, o que pode ser atestado pelos exemplos, a seguir:

(132) **S Oi Od V**

Kusi-n takara-ø fuki-ø indan-a-ki
Kusi-ERG galinha-DAT milho-ABS dar-PAS-DECL
'Kusi deu milho para a galinha.'

(133) **S Oi Od V**

salu-nun istuku-ø mania-ø indan-i-ki
salu-ERG macaco-DAT banana-ABS dar-N.PAS-DECL
'Salu dará banana para o macaco.'

Os adjuntos, por sua vez, não costumam obedecer a uma ordem tão fixa, podendo, inclusive, figurar após o verbo ou antes do sujeito. Todavia este comportamento é observado em advérbios temporais:

(134) **S ADJUNTO Oi Od V**

Kusi-ni daſauata takara-ø fuki -ø indan-a-ki
Kusi-ERG ADV(ontem) galinha-DAT milho-ABS dar-PAS-DECL
'Kusi deu milho para a galinha, ontem.'

(135) **S ADJUNTO Oi Od V**

Salu-nu iambiri istuku-ø mania-ø indan-i-ki
Salu-ERG ADV(amanhã) macaco-DAT banana-ABS dar-FUT-DECL
'Salu dará banana para o macaco, amanhã.'

(136) **ADJUNTO S Oi Od V**

Iambira salu-nu Raimunda-ø atsa-ø vitia - i - ki
ADV(amanhã) salu-ERG Raimunda-DAT macaxeira-ABS trazer-FUT-DECL
'Salu trará macaxeira para Raimunda, amanhã.'

(137) **ADJUNTO S Oi Od V**

daʃauata Raimunda-na Salu-ø nambi-ø kui-a-ki

ADV(ontem) Raimunda-ERG salu-DAT carne-ABS assar-PAS-DECL

‘Raimunda assou carne para Salu, ontem.’

(138) **S Oi Od V ADJUNTO**

Salu-nu Raimunda-ø atsa-ø vitia-i-ki iambira

Salu-ERG Raimunda-DAT macaxeira-ABS trazer-FUT-DECL ADV(amanhã)

‘salu trará macaxeira para Raimunda, amanhã.’

(139) **S Oi Od V ADJUNTO**

Raimunda-na Salu-ø nambi-ø kui - a - ki daʃauata

Raimunda-ERG Salu-DAT carne-ABS assar-PAS-DECL ADV(ontem)

‘Raimunda assou carne para Salu, ontem.’

Em se tratando de adjuntos constituídos por SNs que indicam circunstâncias, os dados demonstram que tais adjuntos se posicionam entre o sujeito e o objeto indireto, conforme vemos, a seguir:

(140) **S ADJUNTO Oi Od V**

Kusi-ni tsanu-n vaki-ø rau-ø inda-a-ki

Kusi-ERG colher-INSTR filho-DAT remédio-ABS dar-PAS-DECL

‘Kusi deu remédio para o filho com a colher.’

(141) **S ADJUNTO Oi Od V**

Manoel-nu banvi-ni istuku-ø piti-ø inda-a-ki

Manoel-ERG mão-INSTR macaco-DAT comida-ABS dar-PAS-DECL

‘Manoel deu comida para os macacos com a mão.’

(142) **S ADJUNTO O Od V**

Kusi-ni di-bira ipa-∅ indu-∅ riti - ʃuna - a - ki

Kusi-ERG mata-LOC pai-BENEFIC onça-ABS matar-BENEF-PAS-DECL

‘Kusi matou a onça para o pai (dele) na mata.’

(143) **S ADJUNTO O V**

Manoel-∅ Porto walter-bira ʃani-∅ ka - a - ki

Manoel-ABS Porto walter-LOC chefe-BENEFIC ir-BENEF-PAS-DECL

‘Manoel foi a Porto Walter para o chefe.’

Um caso que deve ser mencionado aqui é o de sentenças que apresentam além dos papéis de objeto direto e indireto, outro objeto cuja função é a de benefactivo da ação do sujeito/agente. Nesse tipo de sentença, a distinção entre os objetos deve ser feita com base em alguns fatores. Primeiramente, lembremos que na língua Shawã os papéis gramaticais de sujeito e objeto direto são marcados na morfologia nominal pelos casos ergativo (através do morfema **-n** e seus alomorfes) e absolutivo (através da marca $\emptyset$), respectivamente. A função de objeto indireto também não apresenta uma marca formal no nome; o mesmo ocorrendo com o objeto benefactivo, já que tal função semântica é marcada no verbo através do sufixo **-sun** ou **-suna**. Com isso, a distinção entre esses três tipos de objeto não pode estar restrita à morfologia. Aliás, esse tipo de sentença é um dos argumentos mais fortes em favor da hipótese de que o Shawã é uma língua com ordem bastante rígida e que obedece às hierarquias funcionais das quais estamos tratando aqui. Afinal, nesse caso a sequência objeto direto, precedendo imediatamente o verbo deve ser mantida, acrescida da rigidez no ordenamento espacial do objeto indireto e do objeto beneficiário. Este último ocorrerá sempre antes do objeto direto, enquanto o objeto indireto deve manter sua posição próxima ao sujeito, conforme o seguinte esquema:

S > Oi > BENEFICIÁRIO > Od > V-BENEF.

O exemplo, a seguir, ilustra esse ordenamento:

- (144) daua-na vaki-ø aihu - ø pití-ø inda - sun - a - ki
homem-ERG criança-DAT mulher-BENEF comida-ABS dar-BENEF-PAS-DECL
‘O homem deu comida para a criança.’

Dentro dessas perspectivas, um ordenamento opcional em que, além dos constituintes cujas posições são rígidas (**S**, **O** e **V**), inclui-se no caso de sentenças com mais de um objeto, os adjuntos. Outros argumentos em favor da tipologia de língua de ordem SOV para o Shawã foram corroborados pela descrição morfológica apresentada no capítulo anterior, quando demonstramos que modificadores verbais (negação, interrogativo, causativo, entre outros) podem ocorrer como sufixos, após a base correspondente. Afinal, em concordância com Lehmann (1973), em línguas **OV**, os modificadores costumam se posicionar após as raízes verbais (**O VMOD**), enquanto em línguas **VO**, tais elementos figuram antes das raízes verbais (**MOD-V O**). Um caso que nos chama atenção é o do desiderativo. Diferentemente de outras línguas, o desiderativo (representado em Português por verbos como “querer”, “desejar”, entre outros) não é expresso em Shawã por uma forma verbal plena, mas por um sufixo, {-pai}, que é aglutinado à base que expressa a ação verbal desejada pelo sujeito da oração principal. Nesses casos, então, temos uma ordem excepcional, em que ao verbo correspondem dois argumentos nucleares em função de sujeito, SN1 e SN2, como na construção **OBJETO PACIENTE SUJEITO VERBO AGENTE OBJETO BENEFICIÁRIO ADJUNTOS ADVÉRBIOS PLENOS**, a seguir:

- (145) **S S V**
[kuʃi-n] SN1 [vaki-n] SN2 [ka - i - pai - ki] SV
Kuʃi-ERG menino-n ir-N.PAS-DES-DECL
‘Kuʃi quer que o menino vá.’

- (146) **S S O V**
[nu]SN1 [i] SN2 [manja-ø butsa-ø] SN3 [pu - i - pai - ki]SV

3PL 1SG banana-GEN mingau-ABS comer-N.PAS-DES-DECL
 ‘Eles querem que eu coma mingau de banana.’

Pelos dados acima, o ordenamento sintático nesse tipo de construção parece continuar privilegiando a ordem **S(O)V**. Contudo, isso ocorre em dois níveis: a) *Nível 1*, cujo domínio é a estrutura subordinada como um todo, ou seja, a oração principal compreendida pelo sujeito (representado nas sentenças acima por SN1) e o predicado que inclui o desiderativo (morfologicamente marcado por **-pai** no verbo “desejável”); b) *Nível 2*, cujo domínio é a sentença que funciona como complemento do desiderativo e que nas sentenças é representado por **SN2 (SN1) SV**.

Dessa forma, em construções desiderativas, o sujeito da oração principal deve anteceder aquele da oração subordinada, em que permanece a ordem dominante das sentenças simples: [**S [S(O)V**]Nível 1]Nível 2. Apesar de a maioria dos dados linguísticos do Shawã apresentar características de línguas com estrutura SOV, alguns casos contrariam isso, como ocorre no Shanenawa; vejamos nos exemplos:

(147) **SN+ADJ/ATR**

diki-ni kaman ʃara-ba da - a - ki
 POSS(3SG) cachorro bonito-NEG morrer-PAS-DECL
 ‘O cachorro feio dela morreu.’

(148) **SN+ADJ/ATR**

nuku ipan aua itʃapa da - i - ki
 POSS(1PL) pai capivara grande matar-PAS-DECL
 ‘Nosso pai matou capivara grande.’

(149) **SN+Orestr**

puʃu [i uin-i] Pirandaua - da - ki
 casa 1SG ver-PRES Pirandawa-GEN(POSS)-DECL
 ‘A casa que eu estou vendo é do Pirandawa.’

(150) **SN+Orestr**

atsa-bira [i ka-a] andi-hu - na - ki

roça-LOC 1SGs ir-PAS velha-DEF-GEN(POSS)-DECL

‘A roça aonde eu fui é da velha.’

Segundo Greenberg (1966) e também Lehmann (1973), os modificadores nominais (adjetivos atributivos, sentenças relativas e genitivos) tendem a preceder o nome que modificam nas línguas **SOV** e o seguem em línguas do tipo **SVO**. Ora, tanto os adjetivos atributivos nas duas primeiras sentenças, quanto as orações restritivas nos dois últimos enunciados, ocorrem pospostos aos SNs que respectivamente modificam. Isso nos leva a deduzir que essas sentenças apresentam um comportamento diferente das verdadeiras **SOV** na concepção dos autores supramencionados. Por outro lado, em concordância com os referidos linguistas, SNs em função de genitivos antecedem o SN que modificam, como reforçam os dados seguintes:

(151) (a) **GEN+SN**

nuku aihu-hu-n manja butsa-ø ua-a-ki

POSS(1pp) mulher-PL-ERG banana mingau-ABS fazer-PAS-DECL

‘Nossas mulheres fizeram mingau de banana.’

(b) **GEN+SN**

i pan itfapa-ba-ista

pai-GEN casa grande-NEG-DIM

‘A casa do pai é pequeninha.’

Concluindo este tópico, podemos dizer, então, que o Shawã é uma língua de ordem fixa de constituintes.

6.6. O sistema de relações de marcação de caso

Comumente, as línguas recorrem a diversos recursos para marcar as relações gramaticais. Assim, para marcar o caso, há línguas que o fazem no nível sintático, enquanto outras costumam fazê-lo no nível morfológico. O primeiro tipo de marcação de caso pode se caracterizar, por exemplo, pela recorrência à configuração da ordem dos constituintes na sentença. Esse é o caso da língua portuguesa, já que nela é possível determinar a função sintática de um SN (**S**, **Od** ou **Oi**) apenas observando a posição que o mesmo ocupa na sentença. No caso, sendo a ordem básica **SVO**, em geral, os falantes identificam um SN que antecede o verbo como sendo o sujeito em oposição àquele que, se posicionando após o verbo, exerce a função de objeto. Em contrapartida, existem línguas, por exemplo o Turco, que para marcar o caso empregam afixos indicando qual a função que o SN está exercendo na sentença. Assim, diz-se que esse tipo de língua marca o caso morfológicamente. Conforme já adiantamos na seção o Shawã demonstra fazer parte dessas línguas, pois, enquanto o SN em função de **A** é marcado pelo sufixo **-n** e suas variantes fonologicamente condicionadas pelas características da vogal da sílaba final da palavra na qual a nasal é afixada, os SNs em função de **S** e **O** são não marcados, ou seja, são **-ø**. A título de recapitulação, apresentamos algumas sentenças simples que, juntamente com outras já exibidas ao longo deste estudo, ilustram esse aspecto da língua:

(152) (a) vimbi-ø paki-a-ki

fruta-**ABS** cair-PAS-DECL

‘A fruta caiu.’

(b) indu-ø ʃinu - a - ki

onça-**ABS** dormir-PAS-DECL

‘Onça dormiu.’

(c) vakihu-**n** isan-ø pi - a - ki

crianças-**ERG** bacaba-**ABS** comerPAS-DECL

‘As crianças comeram bacaba.’

No que diz respeito a tipo de marcação de caso, o Shawã é uma língua morfologicamente ergativo-absolutiva, o que reafirma um consenso entre os estudiosos de que as línguas Pano exibem um padrão ergativo-absolutivo em diferentes áreas de sua gramática. Shell (1975), por exemplo, ao reconstruir alguns traços gramaticais para a Proto-Língua Pano, menciona que em todas as línguas filhas consideradas em seus estudos há concordância entre o verbo e outros elementos da sentença em relação à transitividade ou intransitividade do verbo. Isso também é registrado por outros estudos recentes acerca dessa família linguística Pano. Vale a pena mencionar os pronomes pessoais da língua Shawã, os mesmos apontam a forma nominativo-acusativo, enquanto a 2 pessoa do singular mantém o padrão ergativo-absolutivo, conforme mostram os dados, a seguir:

(153) (a) **i mi iuiu** - a - ki

1SG 2SG dizer-PAS-DECL

‘Eu disse a você.’

(b) **mi i iuiu** - a - ki

2SG 1SG dizer-PAS-DECL

‘Você me disse.’

(c) **mi mi ui** - a - ki

2SG 2SG ver-PAS-DECL

‘Ele o viu.’

(d) **i kai**-ki

1SG ir-DECL

‘ Eu vou’

Em se tratando de sentenças unidas por coordenação ou subordinação, é possível observar algumas restrições sintáticas relacionadas com a omissão dos constituintes co-referentes. Seguindo a terminologia de Dixon (1994:143), diz-se que se, em uma determinada língua, as restrições sintáticas tratarem **S** e **O** de forma idêntica em distinção a **A**, essa língua opera como pivô *S/O*. Isso indicaria, então, que a língua é *sintaticamente ergativa*. Em contrapartida, se as restrições tratarem **S** e **A** de uma mesma forma e **O** de uma maneira diferente, logo, a língua opera com pivô *S/A*, o que a torna *sintaticamente acusativa*. Todavia, nossos dados apontam para uma língua que apresenta como pivô o sujeito, o que indica um padrão acusativo na sintaxe, vejamos:

(154) (a) [i iskin-ø pi - paj - anan - ki, iskin ti - ba - ki]

1SGs peixe-ABS comer-DES-FRUST-DECL peixe ter-NEG-DECL

‘Eu quero comer peixe, mas não tenho peixe.’

(b) [nu di ka-i, isu riti - i - ki]

1PL mata-ABS macaco matar-PASS-DECL

“ Nós fomos caçar e matar macaco.

De acordo com o que foi demonstrado até o momento, ressalta-se que temos evidência que a língua Shawã é uma língua aglutinante e, assim como outras línguas com a mesma tipologia, o idioma Shawã é categoricamente Nominativo-Acusativo e a ergatividade da língua é morfológica, pois sintaticamente o que se encontra é o Nominativo-Acusativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que objetivou descrever a língua Shawã (Pano) em alguns de seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Assim, inicialmente, foram apresentadas de maneira informal e sem pretensão de se constituir um estudo etnográfico e antropológico completo, breves considerações a respeito da nação Shawãdawa. Em geral, foram apontados aspectos da vida e da cultura do povo, como suas relações sociais, sua prática de subsistência, suas crenças, entre outros. Ainda no capítulo introdutório, foram dadas algumas informações sobre a classificação da língua, além de uma rápida apresentação da metodologia adotada na pesquisa e nos trabalhos de campo para a coleta dos dados utilizados na análise.

No capítulo concernente à fonologia, limitamo-nos a tratar do acento e da nasalização. A descrição do acento indica que o Shawã se enquadra no grupo de línguas classificadas tradicionalmente como portadoras de acento fixo. Isso porque o acento sempre se localiza sobre a última sílaba das palavras, não podendo, assim, ser considerado um traço distintivo. Para o tratamento da nasalidade, apoiamos-nos em Piggott (1992), especificamente, no que diz respeito à harmonia nasal. Cabe aqui mencionar que a língua demonstra estar em consonância com outros idiomas da família linguística Pano em que não existem vogais nasais, mas sim nasalizadas por um processo de espalhamento do nó **SP** e do seu dominado, o traço [Nasal] de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue.

No capítulo destinado à morfologia, a análise dos dados demonstra que o Shawã é uma língua de morfologia aglutinante, pois o que consideramos palavra constitui-se minimamente de uma base lexical e, quando necessário, de sufixos flexionais ou derivacionais e, ainda, de compostos. Em consonância com dados de outros idiomas da família Pano, o componente morfológico na língua Shawã leva-nos a afirmar que essa língua é bastante rica morfológicamente. Os marcadores de função são essencialmente palavras e afixos (predominantemente sufixos), porém, a ordem dos constituintes na sentença, também pode atuar nesse âmbito. Nessa descrição, chamou a atenção o morfema -**n** ou a nasalidade que, como na maioria das demais línguas da família Pano, apresenta um

caráter multifuncional. No capítulo relativo à sintaxe, apresentamos propostas de descrição para as construções interrogativas, coordenadas e subordinadas. As construções interrogativas mostraram-se englobadas nos tipos polares e não-polares. As polares são marcadas pelo sufixo **-man** que se liga a um SN ou a um pronome localizado no início da sentença. Quanto às não-polares, verificamos uma diferença em relação aos universais de Greenberg, já que sendo uma língua SOV, as formas **Qu-** ocupam justamente a posição inicial das sentenças na língua. Quanto às coordenadas, do ponto de vista estrutural, esse tipo de construções se caracteriza pela justaposição das sentenças no enunciado. Além disso, é possível o apagamento de constituintes sintáticos que se repetem entre as sentenças de forma paralela a critérios de marcação do núcleo. As estratégias de subordinação envolvem construções complemento, relativas e adverbiais. Sintaticamente, as sentenças complemento exercem as funções de **S**, **A** e **O**. Do ponto de vista semântico, essas sentenças foram descritas com base em sua constituição com verbos de modalidade, manipulação e cognição-elocução, seguindo a tipologia proposta por Givón (1990).

Finalizando esta seção, gostaríamos de salientar que estamos conscientes de que a descrição que propusemos para o Shawãdawa pode não esgotar nenhum dos temas tratados, e esperamos amadurecer nossas ideias acerca da língua estudada. Contudo, registramos nosso objetivo de contribuir tanto para a comunidade indígena Shawãdawa e Jaminawa-Arara, bem como para a Teoria Linguística e com o desenvolvimento da Linguística Indígena no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M.; WETZELS, W. L. Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 3-15, 1992.
- ABREU, J. C. *Rã-txa hu-ni-ku-i*, : A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1914.
- AGUIAR, M. S. Los Grupos Nativos Katukina. *Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 141-52, 1993.
- _____. *Análise descritiva e teórica do Katukina Pano*. 1994. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ALMEIDA, C. M. Shanenawa, um Povo de Luta. *Povos do Acre*, Rio Branco, v. 1, p. 36-37, 2002.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A. Uma Proposta de Método Quantitativo Aplicado à Análise Comparativa das Línguas Pano e Tacana. *LIAMES*, N. 3, 2003. p. 135-147.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A.; CÂNDIDO, G. V. *Empréstimos na Língua Shanenawa (Pano)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. 19f. Mimeografado.
- ANDERSON, J. M. *A Notional Theory of Syntactic Categories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ANDERSON, S. R. Typological Distinctions in Word-Formation. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-56.
- _____. Morphological Theory. In: NEWMAYER, F. J. *Linguistic Theory: Foundations Linguistics: the Cambridge Survey*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 324-362.
- _____. *A Morphous Morphology*. Cambridge: Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 259-308.

- ARONOFF, M. e FUEDEMAN, K. A. *Whats is Morphology?* Ed. Blackwell, 2005.
- BOIJ, G. *The grammar of words: An introduction to Linguistic Morphology*. Univ. Oxford, 2005.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988. 272 p.
- BERLINK, R. de A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. Sintaxe. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 207-244.
- BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BLAKE, B. J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. London: Allen & Unwin, 1933.
- BOUQUIAUX, L.; THOMAS, J. M. C. *Studying and describing unwritten languages*. Dallas: SIL, 1992.
- BURLING, R. *Patterns of Language. Structure and Variation*. San Diego: Academic Press, 1992.
- BURQUEST, D. A.; PAYNE, D. *Phonological Analysis*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1993.
- CÂMARA JR., J. M. *The Portuguese language*. Translated by Anthony J. Naro. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1972.
- CAMARGO, E. *Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano)*. 1991. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Universidade Paris-Sorbonne, Paris.
- CÂNDIDO, G. V. *Aspectos morfosintáticos da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. Tese (doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS G.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell,

1995. p. 245-306. CNPq-FINEP. Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras. *Boletim ABRALIN*, Brasília, n. 10, p. 187-199, 1991.
- COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE. *CPI/aC: Festejando 22 Anos de História*. Rio Branco, Junho, 2001.
- COMRIE, B. *Aspect: an Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. Ergativity. In: LEHMANN, W. P. (ed). *Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language*. Austin: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.
- _____. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda, 1981.
- _____. Switch-reference in Hichol: a Typological Study. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (orgs.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Typological Studies in Language. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- COMRIE, G.; SMITH, N. *Lingua Descriptive Studies: Questionnaire*. *Lingua*. N. 42, p. 1-72, 1977.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária*. Brasília: CIMI, 1985.
- CORBERA MORI, A. H. *Estudios sobre Lenguas Indígenas Amazónicas en el Peru. Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 37-74, 1993.
- COSTA, C. de P. G. *Nhandewa aywu*. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- COSTA, R. G. R. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. 1993. 156 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Aspects of Ergativity in Marubo (Panoan). *The Journal of Amazonian Languages*, n. 1, p.50-103, 1998.

- _____. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): uma Visão Não-Linear*. 2000. 261 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CROFT, W. *Syntactic Categories and Grammatical Relations*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- CUNHA, C. M. *A Morfossintaxe da língua Arara (Pano) do Acre*. 1993. 171 f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- d'ANS, A. M. *Materiales para el Estudio del Grupo Lingüístico Pano*. Lima: UNMSM. 1970.
- _____. *Estudio Glotocronológico sobre Nueve Hablas Pano*. Lima: CILA-UNMSM, 1973a.
- _____. *Reclasificación de las Lenguas Pano y Datos Glotocronológicos para la Etnohistoria de La Amazonía Peruana*. *Revista del Museo Nacional*, Tomo 39, Lima: Museu Nacional de Historia, 1973b. p. 349-69.
- d'ANS, A. M. et alii. *Problemas de Clasificación de Lenguas No-andinas en el Sul-este Peruano*. Lima: CILA-UNMSM, 1973.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Amsterdam: North Holland, 1978.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.
- _____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DORIGO, C. T. Las Marcas de Tiempo y Aspecto en la Lengua Matsés (Pano). *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*, p. 235-49, 1994.
- EAKIN, L. Lecciones para el Aprendizaje del Idioma Yaminahua. *Documento de Trabajo ILV*, Lima, n. 22, 1991.
- ERIKSON, P. Uma singular pluralidade: A etno-história Pano. In *História dos índios do Brasil*, 1998.
- FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística. II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Jr. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

- MUNRO, P. (eds.) *Switch-reference and Universal Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p.29-49.
- GIVÓN, T. *Syntax. A Functional Typology Introduction*, Vols. I e II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984, 1990.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GONDIM, S. A. A. *Cosmologia da terra – Arara*. In *Povos do Acre: História Indígena da Amazônia Ocidental*. Rio Branco- AC: Governo da Floresta, 2002.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. 1976. 308 f. Ph.D. Dissertation (Ph.D. em Linguística. Área de concentração: Fonologia) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.
- _____. *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell, 1990.
- _____. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.
- GRASSERIE, Raoul de la. De la Famille Linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas* (Berlín), 1890. p. 438-450.
- GREENBERG, J. The General Classification of Central and South American Languages, Men and cultures. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, September, 1956, p. 1-9.
- _____. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.) *Universals of Language*, The MIT Press, 1966, p.73-113.
- _____. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- GRINEVALD, C. Language endangerment in South America: a Programmatic Approach. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. J. (eds). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998: p. 124-159.
- GUSSENHOVEN, C.; JACOBS, H. *Understanding Phonology*. London: Arnold, 1998.
- HAJEK, J. *Universals of Sound Change in Nasalization*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- HALE, K. On Endangered Languages and the Importance of Linguistic Diversity. In GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. I. (eds.). *Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 192-216.

- HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HIMMELMANN, N. P. Documentary and Descriptive Linguistics. *Linguistics*, n. 36, p. 161-195, 1998.
- HOOPER, P. J.; THOMPSON, S. A The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar. *Language*, n. 60, p. 703-752, 1984.
- IBARRA GRASSO, D. E. *Lenguas Indígenas de Bolivia*. La Paz: Librería Editorial "Juventud", 1982.
- JAKOBSEN, W. Switch-reference in Hokan-Coahuiltecan. In: HYMES, D.; BITTLE, W. (orgs.). *Studies in Southwestern Ethnolinguistics*. Haia: Mouton, 1967.
- JAKOBSON, R. *Shifters, Verbal Categories and the Russian Verb*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1957.
- KEENAN, E. L. Relative Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 141-170.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.
- KIBRIK, A. E. *The Methodology of Field Investigations in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1977.
- KIPARSKY, P. Word Formation and the Lexicon. In: INGEMANN, F. (ed.) *Proceedings of the 1982 Mid-America Linguistics Conference*. Lawrence: University of Kansas, 1983, p. 3- 29.
- _____. Some Sequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, n. 2, p. 83-136, 1985.
- KRAUSS, M. The World's Language in Crisis. *Language*, n. 68, v. 1, p. 4-10, 1992.
- LADEFOGED, P. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: University of Chicago, 1971.
- _____. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1993.
- LEHMANN, C. On the Typology of Relative Clauses. *Linguistics*. n. 24, p. 663-680, 1986.
- LEHMANN, W. A Estructural Principle of Language and its Implications. *Language*, n. 49, v. 1, p. 46-66, 1973.

- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1977.
- LOOS, E. E. *The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis*. Tesis para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística. Austin: University of Texas at Austin, 1967.
- _____. *Estudios Panos I. Série Lingüística Peruana* n. 10. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.
- _____. Rasgos Sintático-fonémicos en la Historia Lingüística de los Idiomas de La Familia Pano. *Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP, 1975, p. 181-4.
- _____. *Temas a Investigarse en Estudios Sintácticos*. CILA-UNMSM. Lima. (ms), (sd).
- _____. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, D. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 228-250.
- _____. 'IF' in Capanahua. In: LOOS, E. *Logical Relations in Discourse*. Summer Institute of Linguistics, 1999b, p. 195-217.
- LÓPEZ MORALES, H. *Métodos de Investigación Lingüística*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1994.
- LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano-Shipibo*. Serie Lingüística Peruana, 31. Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
- LOUKOTKA, Č. *Sobre la Clasificación de las Lenguas Indígenas de La América del Sul*. Congresso Internacional de Americanistas, N.26. Madrid. 1944. P. 411-415.
- MASON, J. A. *The Languages of South American Indians*. In: Handbook of South American Indians. Bureau of American Ethnology. Bulletin 143. V. 6, P. 501-570. 1950.
- MATTHEWS, P. H. *Morphology: an Introduction to the Theory of Word-Structure*. London: Cambridge University Press, 1991.
- MATEUS, M. H. & E. d' Andrade. The phonology of Portuguese. Universidade de Lisboa, 1998.
- McQUOWN, N. A. Indigenous Languages of Latin America. *American Anthropologist*, V. 57, 1955. p. 501-570
- MITHUN, M. The Evolution of Noun Incorporation. *Language*, n. 60, v. 4, p. 847-894, 1984.
- MOHANAN, K. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986.

- MONTAG, S. *Diccionario Cashinahua*. Tomo II. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.
- MUSEU NACIONAL. *O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos)*. Publicações Avulsas. Rio de Janeiro, 1965.
- NEWMAYER, F. *Language Form and Language Function*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1998.
- NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, n. 13, p. 97-117, 1984.
- _____. Head-marking and dependent-marking grammar. *Language*, n. 62, p. 56-119, 1986.
- NIDA, E. A. *Morphology. The Descriptions Analysis of Words*. 2 ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. V. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 42-140.
- PACHÊCO, F. B. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (karib)*. 2001. 303 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAULA, A. S. *Poyanáwa: a língua dos índios da Aldeia Barão*. Aspectos fonológicos e morfológicos. 1992. 154 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- _____. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAYNE, J. R. Complex Phrases and Complex Sentences. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-41.
- PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax. A guide for field Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- PIGGOTT, G. The Parameters of Nasalization. MCGILL. *Working Papers in Linguistics*, n. 5, v. 2, p. 128-177, 1988.
- _____. A Parametric Approach to Nasal Harmony. In: HULST, H. van der; SMITH, N. (eds.). *Features, Segmental Structure and Harmony Processes*. Foris, Dordrecht, 1989. p. 131-167.
- _____. *Variability in Feature Dependency: the Case of Nasality*. *Natural Language and Linguistic Theory* 10, 1992, p. 33-77.
- PLAZA MARTINEZ, P.; CARVAJAL, J. *Etnias y Lenguas de Bolivia*. Bolívia: Instituto Boliviano Cueteza, 1985.
- PRINCE, A. Relating to the Grid. *Linguistic Inquiry*, n. 14, p. 19-100, 1983.
- PROST, G. *Gramáticas Estructurales de Lenguas Bolivianas*. Tomo II. Bolivia, Riberalta Beni: ed. ILV, 1965.
- RIBEIRO, D. & WISE, M. R. *Los Grupos Étnicos de la Amazonía Peruana. Comunidades y Culturas Peruanas* 13. Lima: ILV, 1978.
- RICARDO, C. A. (org.) *Povos Indígenas no Brasil 1991/1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental. Seção: Acre, 1996. p. 513-38.
- RIVET, P. Sur Quelques Dialectes Panos peu Connus. **Journal de la Société des Américanistes**, N. 7, 1910. p. 221-242.
- RIVET, P. & TASTEVIN, R. P. Les Tribus Indiennes des Bassins des Purús et des Rerions Limitrophes. In: **La Géographie**, Vol. XXXV. Paris, 1921. p. 449-482
- _____. Les Dialectes Pano du Haut Jurua et du Purús. En: **Actas del XX Congreso Internacional des Americanistes III**. Rio de Janeiro, 1924. p. 227-278.
- RIVET, P. & LOUKOTKA, Č. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: **Les Langues du Monde**, 9 édition, Paris: Champion, 1952. p. 1099-1160.
- ROCA, I. *Generative Phonology*. London: Routledge, 1994.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para um Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. Línguas Indígenas: 500 Anos de Descoberta e Perdas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 9, v. 1, p. 83-103, 1993.

- _____. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 215-225.
- _____. Gê-Pano-Carib x 'Jê-Tupi-Karib': sobre Relaciones Lingüísticas Prehistóricas em Sudamérica. In: MIRANDA, L. (ed.). *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. V. 1. Lima: Universidade Ricardo Palma, 2000. p. 95-104.
- ROSS, J. R. Gapping and the Order of Constituents. In: BIERWISCH, M.; HEIDOLPH, K. E. (eds.). *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970. p. 249-259.
- ROWE, J. Cuestionario para la Comparación y Clasificación de las Lenguas Indígenas de Sudamérica. *Boletín Indigenista Venezolano*. Tomo II, 1954. p. 137-146.
- ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SAFIR, K. Metrical Structure in Capanahua. *MIT Working Papers in Linguistics*. v. 1, p. 95-114, 1979.
- SÂNDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 181-206.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- SCHACHTER, P. Parts-of-speech Systems. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Clause Structure*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.3-61.
- SCHMIDT, P. W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: CalrWinters's Universitäts-Buchhandlung, 1926.
- SCOTT, E.; FRANTZ, D. G. Sharanahua Questions and Proposed Constraints on Question Movement. *Linguistics*, n. 132, p. 75-86, 1974.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Associação Brasileira de Editoras Universitárias, Imprensa Oficial Editora da Unicamp, 2000. 482 p.
- SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción* 1 ed. n. 12, Lima: ILV SLP, 1975.
- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SOUZA, E. C. *Aspectos fonológicos da Língua Jamináwa-Arara (Pano)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Goiânia:UFG, 2004.

- THOMAS, D. *Notes and Queries on Language Analysis*. Philippines: SIL, 1975.
- THOMASON, S. G.; EVERETT, D. L. *Pronoun Borrowing?* <http://wwwpersonal.umich.edu/~thomason/papers/papers.html>, 2003.
- THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description. Complex Constructions*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.
- TOWNSLEY, G. Los Yaminahua. SANTOS, F.; BARCLAY, F. (eds.) *Guía Etnográfico de La Alta Amazonía*. Vol. II. Ecuador: FLACSO-IFEA, 1994. p. 239-358.
- TRUBETZKOY, N. S. *Principios de Fonología*. Madrid: Editorial Cincel, 1973.
- VALENZUELA, P. El Morfema de Ergatividad en el Shipibo-Conibo. *Actas del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas*. Tomo II. 1998a, p. 217-245.
- _____. “Luna-Avispa” y “Tigre-Machaco”: Compuestos Semánticos en la Taxonomía Shipiba. *Cuarto Encuentro Internacional de Lingüística en el Noroeste*. Memórias, Tomo 2, 1998b, p. 409-428.
- _____. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. 2003. 708 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas). University of Oregon, Oregon.
- WETZELS, L. (org). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- WEIJER, J. M. van de. *Segmental Structure and Complex Segments*. Netherlands, 1994.
- WURM, S. *Methods of language maintenance and revival, with select cases of languages endangerment in the world*. In. Matsumura (ed). 1998. *Studies in Endangered Languages*. Tokyo: Hituzi Syobo. 191-211.

ANEXOS

ANEXO 1 – Fotografias













ANEXO 2

A seguir apresentamos uma lista de palavras do léxico Shawã, que está organizada em ordem alfabética. Cabe aqui mencionar que Shawã 1 diz respeito da variação de Humaitá e Shawã 2 a variação do Bagé, onde estão os Jamináwa-Arara.

Português	Shawã1	<u>Shawã2</u>
água	vaka	vaka
alguns		
alí/lá		uanín
amarelo	paíípa	paíí
amarrar		
amolado		duanipa
amplo		
animal		diufín; bauhítsá 'bicho de caça'
ano		
apertar		
aquele		
aqui		nandu
areia	baíí	baíí
árvore	iuí	iuí
asa	pítau	pítau
Bacú	paíípi	paíípi
Banho	daíí	daíí
barriga	atu	atu
bater	kííja	kííjai
beber	numainkí, iaia	iaia
Bico de pato	kufun	
boca	aííua	aííia, aííua
Bode amarelo	tufípu	ípu
Bode amarelo	ípu	
bom	íara	íara
Boto	kufuíka	kufuíka

branco	ufupa	ufɛpa
brincar		ɟufuɪ
cabeça	bapu, vuʃka	bapu
cabelo	vu, hu	vɛ, hu
caçar	dikai	di
cachorro	kaman	káman
cair	pakiákinan	paki
Camarão	batí	bati
caminhar	kai	kai
cantar	ki	kíɛ, kiɛ
Carã	maɲi	mai
Caranqueijo	ɟatɟu	ɟatɟu
carne	nambí	nambí
casca	vitɟí, ɟaka	ɟaka
cavar	kidí	
cego (gume)		
certo	ɟara	
céu	daí	dai
cheirar		
chupar		
chuva	uí	uí
cinco		
cinza	bapu	vu,ʃka
cobra	rudu	rundu, rɛndɛ
coçar		
com		
comer	pipai, piu	pi, piua
como		
congelar		
contar		
[quantidade]		
coração	unintí	unti, uniti
corda		resín
cortar		ɟati
costas		pitɟí
costurar		
criança	vakihu	vakihi

curto	vutu	hutu; hutufta 'muito curto'
curumatã	vuan	vuan
cuspir		
dar		
deitar		
delgado	viskí	viʃna; manda 'magro'
dente	ʃta	ʃta, ʃuta
dia	ʃava	ʃava
direito (lado)		
dizer	tsainkí	
dois	raví	ravini, ravii
dormir	ufai	ufai
e		
ele		
eles		
em		
em, dentro		
empurrar		
esfregar		
espetar		
esposa	aui	amin
esquerdo		
este		
estrada (caminho)	dití	dití
estreito	vistu	pasiniʃta
estrela	iftín	iftín
eu	in, i	in, i
ficar em pé		
fígado	taka	taka
flor	invanda	ua
floresta	dí	dí
fluir		
flutuar		
fogo	tʃí	tʃí, tʃi, tʃii
folha	pí	dipii
frio	batsí	batsí, bátsi

fruto	bimbí	vimbí
fumaça	kuin	
gelo		
gordura	biriuau	biriuau
grama		
grande	itʃapa	itʃapa
grosso	iuapa	iopa
homem	dukuvandí	dukuhuandi, dukuhuandi
inchar		
jijú	dufuan	dufua
jogar		
lago	ina	ina
lavar	tatʃiu, pansa	pansa, pasa
lua	ufi	ufi
língua	anda	anda
liso	maiŋu	maiŋu
longe	tʃai	tʃai
longo	pita	tʃainipa
lustrosa	viruan	viruan
lutar		riti
mãe	iiua	iiæ
Mandí duro	tunu	tunu
Mandí mole	ivu	ivu
Mandí tora	ipuiʃi	
Manoel besta (peixe)	ʃau	ʃau
mão	biví	bihí
mar		
marido	vidí	auviandi
matar		riti, ritia
Matrichan	iapaua	
mau, ruin	ʃaramba	ʃaramba
minhoca	nunín	
molhado; úmido	bɨtʃa	
montanha (colina)	batʃi	

morder	dakaí	daka
morrer	dakinan	da
muitos		itʃapa, viʃti ba
mulher	ainvu	ainvɨ, ainhu
nadar	tupikí	
não	ba	ba
nariz	rinkí	rinkín
neblina	batsikí	
neve		
noite	vakɨʃ, tabɨ	iambu, iambɨ
nome	aɨndɨ	
nós	nun	nɨn, dɨkɨn, dɨkɨ
novo	pɨʃku	vunda, pɨʃkɨ
nuvem		kuni
olho	vɨru, vuru	vɨɨ
onde	diburan	aunin
orelha	patʃu	patʃiw, patʃu, patʃu
osso	sau	sau
outro		vɨtsa, hɨtsa
ouvir	dikai	
ovo	vatsí	vatʃí
pai	ɨpa	ɨpan
Pakú	tia	
pássaro	kuba, kɨvu	duinda
pau, vara	iuí	iuí
pé	taɨ	taɨ
pedra		buʃkitɨ
peixe	iuuba	iumba
Peixe pato	intan	
pele	vitʃí	vitʃí
pena	pɨí	pɨí, pɨi
pensar	sinain	sinai
pequeno	iapamaʃta	iuapamba, ifta
perna	vitaʃ	vitaʃi, hitaʃí, kɨʃí
perto	tʃaimba	tʃaimba

pesado	iuitapa	iopa
pescoço	tɨʃuu	teʃu, teʃɨ
peessoa	iura	
Piaba	iapa	
Piau	bisnutsi	
piolho	ia	ia
Pirakê	kunian	
Piranha	bakɨ	
podre [pau]	tʃapu	
poeira	putu	putu
porque		
poucos	itʃapama	
Praia (rio)	kɨʃa	kɨʃa
Prequexé	iskí	iski
preto	tʃɨʃɨ	tɨʃɨ
puxar	nindiuɨ	nindu
quando	iambɨrí	auntia
quatro	ravɨ inuvistí	
quê	auananman	man
queimar	kuai	kuai
quem	tsuamɨn	tua
quente	ʃada	ʃada
rabo	inda	inda
rachar	tʃatʃindi	tʃatʃindi
raiz	iuí, tapu	iuitapu
Rede	pandí	pandi
Remo	toti	toti
respirar	sakainkí	sainki
reto	kaiakaví	
rio	vaka	vakauan, vaka tauan 'rio grande'
rir	ʃɨʃaí	
sabarú	vuí	hui
saber	tapian	
sal	buka	buka
sangue	imbi	imbí
sarapó	ʃimba	

se		
seco	sakainkí	saka, sakainki
segurar [na mão]		
semente	auivimbí	ifi, auinvi
sentar		
sol	ɟandí	ɟɛndi, ɟandí
soprar [vento]	ɟunaɬ	
sujo	tɕuɬtá	tɕɪtá
Surubin	vii	vii
Tabaco	dauiti	dauiti
Tambuata	vaɟu	vaɟu
tartaruga de igapó	kimí	kimi
temer, ter medo de	bisiai	bisiai
terra	baí	baí
Tesoura	bapí	bapi
todos	inuativí	vɪfti ba
tracajá	defu	defu
Traíra	besku	besku
três	ravɛ-vistí	ravi visti
tripa		
um	vistí	vɪftí
velho	andivu, andihu	andihi, andihu
vento	vɪ	vɪ
ver	unín	unia
verde [cor]	ɟupa	ɟɛninipá, ɟupa, nandapá 'verde/azul'
vermelho	uɟín	uɟinipá
vir	ua	
viver		
voar	pɛrainkí	
você, tu	miin	mín, mi
vocês	maa	batun,maa

voltar	ua
vomitar	anaín

ANEXO 3: MAPAS

